



Campus Universitário de Almada
Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS: A SOLIDÃO EMOCIONAL

Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia, n.º53089

Orientador: Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Almada

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DE CÓPIA

O Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, _____ (nome do aluno), declaro ser autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

AGRADECIMENTOS

Manifesto a minha sentida gratidão e deixo expresso o reconhecimento pelos contributos inestimáveis e valiosos, de quem seguidamente é referido e sem os quais o presente estudo não alcançaria viabilidade.

À minha família: marido (que abdicou de outros sonhos em prol do meu: a Psicologia), mãe (que me impulsionou diariamente no sentido da Meta, que diz que o impossível apenas demora mais tempo e que sabiamente me ensina gradualmente, sempre, a desvalorizar e não conferir poder a elementos perturbadores...), irmão (a segurança de nunca estar sozinha, desprotegida e de fazer o caminho com um suporte infalível) e sobrinha (a admiração que encoraja), pelo seu incondicional e permanente apoio, estímulo, alento e incentivo, motor, alavanca e alimento cruciais, vitais na manutenção do animo e coragem para prosseguir o caminho, ultrapassando obstáculos e adversidades, sempre com foco na realização da conquista e cumprimento do sonho. Gratidão porque compreenderam e aceitaram o estabelecimento desta prioridade, geradora da minha ausência nas suas vidas. À minha sobrinha-neta, Maria Luísa, que chegou para nos tornar completos e plenos e que na inocência do seu 1 ano e 3 meses, que tem, quando redijo estas palavras, um dia, espero, lerá, que constituiu um estímulo poderoso, decisivo e absolutamente determinante, porque por ela e nela, encontrava força, propósito, sentido e razão para este esforço de ir mais longe e voar mais alto. Aos que já estão noutra lugar, mas que estão e estarão permanentemente aqui: a minha avó (materna) Dora, que acompanhou e se dedicou mais que ninguém, e que mais que ninguém me construiu, educou, preparou, solidificou e constituiu um suporte consistente, no seu amor incondicional; ao meu pai, que, espero, desfrute e se orgulhe das minhas conquistas, como nós nos orgulhamos das dele. À Solange Borg, que protege e ampara a minha família como sendo sua e é um genuíno suporte. À Leonor Garcia e Costa, amiga de sempre e sempre disponível para a minha família. À Susana Ferreira da Costa, cuja comovente e sólida amizade, carinho, apoio, disponibilidade e dedicação á minha família, torna-a, parte dela, para sempre, e a quem todos estamos sentidamente e eternamente gratos.

À minha Médica de Família, Dra.Célia Santos Silva, cuja dedicação, doçura, humanidade, afeto, empatia e carinho, fazem dela um pilar muito mais consistente do que a da maioria na sua posição, e é por isso uma referência. À Psicóloga, Dra.Renata Benavente, que com o seu acompanhamento, me desperta, oferece novas perspetivas, possibilidades de caminhos e direções, reconstrói, estrutura, fortalece e convida a derrubar limites e ampliar visões.

Aos que, não tão cientes disso e outros sim, me sustentaram e ampararam neste caminho, longe de isento de dificuldades e desafios, e se constituíram na rede de suporte e na solidez,

determinantes, para converter o sonho em realidade. A Professora Doutora Cristina Maria Moura de Sousa que me oferece compreensão e faz a sugestão da Academia de Cultura e Solidariedade Ramiro Freitas, onde encontrei o Dr. António Amaral, que me introduziu e apresentou a um tempo e cenário de felicidade e realização, que confirma a Psicologia como caminho pleno de sentido e significativo, e que, na sua nobreza (o Dr. António Amaral), ensina, guia, eleva, oferece confiança e fortalece. A Dra. Creudênia Freitas Santos, que me acolhe na sua bondade e experiência. Ao Professor Doutor João José da Silva Pissarra, que na sua robustez, sabedoria e afeto, me oferece a estabilidade, a direção e o chão que necessito para cumprir o sonho e me apresenta a obra “Nós e os Outros: o poder dos laços sociais” da autoria de Maria Luísa Pedroso de Lima, que se converte na Bússola nos meandros da Psicologia Social.

A todos os que na Associação de Socorros Mútuos 1º de Dezembro, parceira da Academia de Cultura e Solidariedade Ramiro Freitas e espaço, onde por visão do Dr. António Amaral e naturalmente, concordância por parte da respetiva direção, viveria e (felizmente) tenho o privilégio de continuar a viver, dias recheados de aprendizagem, evolução, realização, afeto, humanidade e doce partilha, com destaque para a cortesia e gentileza do Sr. Jorge Cordeiro (Presidente da Direção) e para a generosidade, apoio e carinho da D. Susana Gouveia, da D. Maria da Ajuda e do Sr. António (seu marido), companheiros de jornada diária, que a pintam de cores alegres e enchem de luz.

Ao Centro de Dia, em Almada, que prontamente acolhe a minha solicitação de recolha de Histórias de Vida, confia e proporciona todas as condições para que a mesma decorra com tranquilidade, conforto e harmonia; jamais esquecerei e estarei eternamente grata, pela sua imensa generosidade e total disponibilidade, que permitiram a construção da fundação, sobre a qual o presente estudo, assenta. Destacar a colaboração preciosa da Direção, nas pessoas do Presidente, Professor Domingos Tourgal, Sr. António Rufino (Secretário da Direção), D. Maria de Fátima Laginha Santos (Vogal da Direção), bem como da determinante cooperação e carinho da Técnica Superior de Animação Sociocultural Celestina Isabel Oleiro Maria e do sempre atencioso Sr. Rebelo (Secretaria). A todos os entrevistados, que tão gentilmente e com comovente entrega, decidiram colaborar na sustentação desta Investigação, fica aqui plasmada a certeza de que sem eles, nada teria sido possível e de que deles, em última análise, dependeu o nascimento, concretização e viabilidade do contributo científico, que julgamos útil e que todos, deixamos registo, nestas páginas.

A Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto, que aceita fazer a orientação da presente Dissertação, confirmando mais uma vez a nobreza que sempre lhe conhecemos, e sobre quem

naturalmente seria parco e injusto referir somente a generosidade, humanidade, disponibilidade, entrega, afeto, compreensão, empatia e carinho, e por isso, salientar a oportunidade única e o privilégio de aceder a este momento de partilha do seu vasto e reconhecido conhecimento e experiência, que me oferecem um lugar de rica e profícua aprendizagem, crescimento e progresso. Agradecer todo o tempo dispensado e dedicação a este trabalho.

Ao Instituto Piaget de Almada, cenário e testemunho das alegrias e adversidades que, necessariamente pontuaram o caminho, na realização do sonho!

A presente Investigação vê a luz do dia, fruto do contributo de todos. Nunca seria possível, de outra forma.

RESUMO

Portugal ocupa, neste momento, a posição de quarto país mais envelhecido do mundo, não apresentando perspectivas de alteração e/ou reversão deste cenário, nas próximas décadas, pelo que o estudo do fenómeno emerge como prioritário, nas suas diversas dimensões. A presente Investigação tem por Objetivo Geral, a Captação de Histórias de Vida de Pessoas Idosas, utentes de um Centro de Dia, sendo que os Objetivos Específicos remetem para a inferência de Solidão Emocional, sua expressão e significado, bem como para a importância das figuras de vinculação e o processo de elaboração da sua perda. É adotada a Metodologia Qualitativa, com recurso à Entrevista Narrativa Autobiográfica, aplicada a uma Amostra que integra 10 Participantes, 9 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 79 e os 90 anos. Os resultados evidenciam a necessidade de partilha da História de Vida e o bem-estar a ela associado, bem como a presença importante de Solidão Emocional. Conclui-se pelo relevante impacto positivo que decorre do exercício da Narrativa Autobiográfica da História de Vida e sua ressignificação e pela premente necessidade de acautelar a Solidão Emocional e os seus efeitos nefastos. Sugere-se futuramente, a ampliação do espaço de estudo dedicado a estas temáticas, por forma a clarificá-las, trazê-las à luz do dia, consolidando a sua real expressão, desbravando caminho na prevenção e soluções.

Palavras-Chave: idoso; história de vida; vínculo; solidão emocional.

ABSTRACT

Portugal currently occupies the position of the fourth oldest country in the world, with no prospects of alteration and/or reversal of this scenario in the coming decades, so the study of the phenomenon emerges as a priority, in its various dimensions. This Research has as General Objective, the Capture of Life Stories of Elderly People, users of a Day Center, and the Specific Objectives refer to the inference of Emotional Loneliness, its expression and meaning, as well as to the importance of the attachment figures and the process of elaboration of their loss. The Qualitative Methodology is adopted, using the Autobiographical Narrative Interview, applied to a Sample that includes 10 Participants, 9 female and 1 male, aged between 79 and 90 years. The results show the need to share the Life History and the well-being associated with it, as well as the important presence of Emotional Loneliness. It is concluded by the relevant positive impact that results from the exercise of the Autobiographical Narrative of Life History and its resignification and by the urgent need to safeguard Emotional Loneliness and its harmful effects. It is suggested in the future, the expansion of the study space dedicated to these themes, in order to clarify them, bring them to the light of day, consolidating their real expression, blazing a trail in prevention and solutions.

Keywords: *elderly; life history; bonding; emotional loneliness.*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Revisão da Literatura	2
Objetivos	9
HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS: A SOLIDÃO EMOCIONAL	10
RESUMO	10
ABSTRACT	11
Introdução	12
Revisão da Literatura	13
Método	16
Participantes.....	16
Instrumentos	16
Procedimento	17
Análise dos Dados	18
Resultados	19
Categoria Infância.....	20
Categoria Ascendência	20
Categoria Conjugalidade	20
Categoria Descendência	21
Categoria Vida Profissional	21
Categoria Isolamento	21
Categoria Personalidade	22
Categoria Estratégias de <i>Coping</i>	22
Discussão	23
Implicações Teórico-Práticas.....	27
Limitações e Direções Futuras	27
Conclusão	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXOS	33
Anexo A – Guião da Entrevista	33
Anexo B – Consentimentos Informados Para Participação na Dissertação de Mestrado	34
Anexo C – Transcrição das entrevistas	44

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional em Portugal (182 idosos por cada 100 jovens), explica-se pelos avanços científicos e melhores condições de vida, fixando-se atualmente a esperança média de vida nos 81 anos, sobretudo nas mulheres, bem como pela drástica diminuição da natalidade (nascem anualmente cerca de 80.000 crianças para mais de 100.000 óbitos), afigurando-se, aparentemente, cada vez menos atrativa a opção pela parentalidade, na sequência de débeis condições de estabilidade e prosperidade profissional, a que se associa inevitavelmente precariedade económica, e a que também não será alheio um cenário social onde é vigente uma revolução de mentalidades que favorece os mais jovens a contemplar uma ampliação de fontes de realização não disponíveis e algumas não perfeccionadas, em gerações anteriores, que necessariamente não incluem a vivência da dimensão parental (Carvalho, 2023).

O fenómeno do envelhecimento demográfico encontra-se inevitavelmente associado á problemática da Solidão, por via da viuvez e falecimento de pares (rede social), pela Reforma (retirada do mercado de trabalho), como também se explica pela emigração dos mais jovens, para realização de estudos ou oportunidade profissional, deixando desamparada a ascendência; o número crescente de divórcios face a uma diminuição importante do casamento, também concorre para um acentuar no crescimento de mono-agregados (Carvalho, 2023).

De acordo com o Site Pordata, os Censos de 2021 (INE), deixam patente a realidade de 500.000 portugueses a viverem sozinhos.

A Operação Censos Sénior 2022, levada a cabo pela Guarda Nacional Republicana, sinalizou 44.511 idosos a viverem sozinhos e/ou isolados. Por ordem decrescente, no distrito de Bragança foram sinalizados 3411 idosos, no de Beja, 3346, no de Braga, 1594 e em Aveiro, 1332 (Comunicado da Guarda Nacional Republicana, 2022).

A presente investigação pretende aferir sobre a expressão e significado da Solidão Emocional (Weiss, 1973), nos idosos, utentes de um Centro de Dia, em Almada, através da narração autobiográfica que (re)constitui as suas Histórias de Vida. A sua pertinência encontra sustentação no facto de nunca como hoje existirem tantos portugueses a viverem sozinhos, seja por opção, deslocação por estudo ou emprego, divórcio, viuvez, morte de pares (Carvalho, 2023).

A Linha de Apoio Psicológico que integra a Linha SNS24, e foi criada em 2020, como resposta à crise pandémica, vem em 2023 revelar que, desde então, a sua procura não tem parado de crescer, registando cerca de 25.000 chamadas por dia no último ano, entre elas, muitas de ideação suicida associada à solidão.

Desde a sua criação, em 1978, a Linha SOS Voz Amiga divulga que cerca de 30% dos telefonemas recebidos estão associados à problemática da solidão (Carvalho, 2023).

Por outro lado, um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade baixas, segundo projeções do Instituto Nacional de Estatística (INE), agravar-se-á nas próximas décadas (Gonçalves & Carrilho, 2007).

Fernandes (2004) alertava para a circunstância de num futuro próximo, viver mais tempo, representar contar com menos ajuda dos descendentes, quebrando-se o acesso ao tradicional e vital suporte que constitui a solidariedade intergeracional.

Esta Dissertação é apresentada sob a forma de Artigo Científico, seguindo a sua habitual organização: resumo, introdução, revisão da literatura, objetivos, método, resultados, discussão, conclusão, referências bibliográficas e anexos.

Revisão da Literatura

Podemos definir o Envelhecimento como um fenómeno complexo e um processo multidimensional, inerente ao ser humano e que resulta da incapacidade da grande maioria dos organismos se manterem num estado funcional inalterado, que permita a regeneração contínua de todos os componentes do organismo (Fontaine, 2000; Alaphilippe & Bailly, 2014).

Uma das primeiras teorias a interessar-se pela questão identitária da pessoa idosa foi a Teoria Desenvolvimental de Erik Erikson (1959): a vida trata-se de um continuum desenvolvimental, sendo que no seu oitavo estágio (a partir dos 65 anos até à morte), experienciam-se a Integridade, caso o indivíduo tenha percorrido com êxito as fases precedentes, conferindo sentido à vida e aceitando melhor a morte, ou em oposição, experienciam-se o Desespero, perante a incapacidade de refazer a sua vida, sendo invadido pelo arrependimento e receio face à morte. Esta abordagem teve o mérito de despertar para uma perspetiva de desenvolvimento, crescimento, evolução, mudança ao longo de todo o ciclo vital (Alaphilippe & Bailly, 2014).

Paul e Margret Baltes (1990), foram os primeiros gerontólogos a propor um modelo conducente a um Envelhecimento Bem-Sucedido. É um modelo de desenvolvimento da vida inteira que considera simultaneamente as perdas e os ganhos. Com o envelhecimento, as pessoas maximizariam mais os ganhos, minimizando as perdas associadas ao avançar da idade. Confrontados com as alterações biológicas, psicossociais e socioeconómicas, os idosos implementariam estratégias de reorientação dos objetivos e de regulação, agindo sobre o meio envolvente, o que permitiria alcançar um Envelhecimento Bem-Sucedido. Este modelo traduz-se na Seleção das atividades ou domínios verdadeiramente importantes para a pessoa, o passo

seguinte é a Otimização que consiste em maximizar os recursos como preparar o melhor possível (treinar mais afincadamente), a atividade a desempenhar e por fim temos a Compensação que representa um esforço de minimização das perdas inerentes ao processo de Envelhecimento, através da utilização de recursos externos como próteses auditivas ou óculos ou internos, como conhecimento e experiência (Alaphillipe & Bailly, 2014).

Sob um olhar retrospectivo, podemos observar (não na vastidão ou amplitude do fenómeno, pois a parca distância ainda não o permite), o impacto que o contexto pandémico provocado pela Covid-19, que nos assolou no ano de 2020, causou na vida humana relacional, individual e social, constituindo uma das suas faces mais cruéis e de extraordinária e complexa gestão, a Solidão decorrente das medidas impostas de isolamento físico (Paulino & Dumas-Diniz, 2020). Convivemos com uma dupla pandemia, a da Covid-19 e a do Isolamento Social (Holt-Lunstad, 2020).

Os indivíduos solitários estão menos capacitados para resolver problemas (Horowitz, et al., 1982).

O ser humano tem necessidade de Apego (Bowlby, 1969/1990). O Modelo Relacional de Solidão de Weiss (1973), aqui, no centro do nosso estudo, nasce alicerçado na Teoria da Vinculação de John Bowlby (1969/1982, 1973, 1980), que apresenta uma explicação para o desenvolvimento social precoce, em que a primeira ligação que a criança estabelece (normalmente com a mãe), é vital para o bem-estar do individuo de forma incomparavelmente mais preponderante do que as relações subsequentes; a mesma envolve proteção, amor e segurança, cobrindo assim todas as necessidades físicas e psicológicas da criança, sendo que geralmente se constitui num laço duradouro, que desempenhará um papel central, estruturante e fonte de conforto, ao longo de toda a vida. A Vinculação pode ser definida como uma ligação emocional muito duradoura com um individuo específico, sendo que se caracteriza por ser seletiva, isto é, centra-se em indivíduos específicos que suscitam um comportamento de vinculação, em forma e grau, que não sucede nas outras interações; envolve um esforço de proximidade física com a figura de vinculação; proporciona conforto e segurança, como resultado da proximidade alcançada; produz ansiedade de separação, quando a ligação é interrompida e a proximidade não é alcançada (Schaffer, 2005).

Holmes (citado por Hesse, 2004) faz uma distinção entre Solidão e Isolamento, sendo que a primeira implica uma percepção de falta e um sentimento de ansiedade ligado à mesma e a segunda pode significar uma opção, pressupondo contactos escassos com a família e amigos, por vezes com o intuito de evitar tensão. FlasKerud (2020) refere que o Isolamento pode ser imposto, devido à morte de pessoas próximas, mudança de residência, integração numa

resposta social, mobilidade reduzida, entre outras ou pode surgir na sequência da pessoa optar por viver só, decidir empreender poucos contactos com família e amigos e/ou não pertencer a nenhum grupo. O Isolamento é objetivo, enquanto a Solidão é subjetiva, pois depende da percepção individual (Weiss, 1973). A Solidão pode ser vivenciada como uma experiência negativa subjetiva, resultante de conexões significativas inadequadas (Fried et al., 2020). A Solidão é um estado emocional subjetivo e o Isolamento Social é um estado sociológico objetivo (Biordi & Nicholson, 2013). Os conceitos de Solidão e de Isolamento Social não se encontram sempre diferenciados e demarcados com precisão, na literatura, o que pode originar a falsa percepção de que são sinónimos (Biordi & Nicholson, 2013; Nicholson, 2009, 2012, 2021). Distintos, estes conceitos, porém torna-se necessária a sua análise conjunta, quando queremos compreender o seu impacto na saúde (Beller & Wagner, 2018; Malcom et al., 2019). Apesar de ser real o facto de os dois conceitos apresentarem significados diferentes, o conceito de Solidão não conhece até à data, uma definição consensual (Prohaska et al., 2020).

De acordo com Perlman e Peplau (1981) a Solidão é uma percepção de falha na rede de relações sociais do indivíduo; é uma resposta a um défice significativo na quantidade ou qualidade dessas relações. A Solidão resulta de uma discrepância entre o desejo dos indivíduos e a sua realidade (Peplau, et al., 1982). Cassidy e Berlin (1999) definem a Solidão como “um sentimento negativo resultante da crença de que os outros não estão disponíveis quando o desejamos”. Nicholson (2021) diz que a Solidão se encontra associada a uma conotação negativa, uma vez que o desejado se assemelha ao inacessível. Embora a Solidão possa ser vivida numa perspetiva de crescimento pessoal, a experiência, por si só é indissociável de desconforto e angústia, convertendo-se num conceito que integra a experiência subjetiva (Nicholson, 2021; Perlman & Peplau, 1984). Sofrer de Solidão é vivenciar um sentimento indesejado de perda de companhia (Weiss, 1973). No seu Modelo Relacional de Solidão, Weiss (1973) define dois tipos, caracterizados como tal por quem os experimenta: a Solidão Emocional, causada pela perda ou ausência de uma figura de vinculação íntima, apenas podendo ser compensada pela integração de outro vínculo emocional, e a Solidão Social, que se traduz na percepção de falha nas relações de amizade, nas relações sociais e que terá associados sentimentos de exclusão, marginalidade, aborrecimento ou tédio, induzindo o indivíduo a desenvolver esforços no sentido de aumentar a sua rede social de apoio. Weiss (1973) defende ainda que, a Solidão Emocional traz consigo sentimentos mais dolorosos do que a Solidão Social. DiTomaso e Spinner (1997) subdividem a Solidão Emocional em Romântica e Familiar, encontrando-se a primeira relacionada com a necessidade de vinculação e a segunda com a necessidade de orientação (Guidance). A Solidão Emocional surge quando

o indivíduo percebe a ausência de uma relação íntima ou vinculativa, com marcada e significativa envolvente emocional, onde se sente aceito, compreendido, seguro e protegido. Esta falta impele-o a procurar o estabelecimento de uma relação que responda a estas necessidades ou ao restabelecimento de uma que tenha perdido (Weiss, 1973). Na opinião de Paúl (1997), os amigos têm um grande peso no bem-estar subjetivo dos idosos, tendo presente que com eles partilham intimidades, recebem apoio emocional, instrumental e oportunidades de socialização. Paúl (1997) refere ainda que “dentro da categoria dos amigos, podem-se discriminar os amigos mais íntimos, que têm um potencial diferente em termos relacionais” e acrescenta “mais do que a quantidade de pessoas de uma rede social de apoio, a qualidade relacional é um fator importante, destacando-se o papel de uma relação íntima, a existência de um confidente”. Os dados mostram que quando as pessoas ultrapassam os oitenta anos ficam em risco de perder os seus confidentes (Wenger & Jerome, 1999). A investigação efetuada por Seeman e Berkman (1988), com um grupo de indivíduos residentes na comunidade, com 65 anos ou mais, demonstrou que a presença de um confidente na vida dos idosos se encontra fortemente associada com as dimensões de apoio emocional e também instrumental; conclui-se igualmente que os confidentes assumem uma maior importância na prestação de apoio emocional aos idosos sem cônjuge. Oliveira (2008) refere que as mulheres idosas partilham mais intimidades, embora a quantidade de amigos seja semelhante entre sexos.

Segundo Thomas Joiner (2005), na sua Teoria Interpessoal do Suicídio, para que este possa ser equacionado, para além do indivíduo contrariar a pressão natural para a autopreservação e se encontrar capacitado para enfrentar o medo da morte (geralmente por habituação ou exposição frequente a experiências dolorosas e/ou assustadoras), tem de estar presente uma perceção de sobrecarga em relação aos outros e um sentimento de alienação social, exclusão, baixa sensação de pertença, integração e mesmo perceção de que é indiferente, junto de família, amigos e círculos sociais valorizados, o que não se encontra necessariamente associado a um cenário de distância física, pelo que ressalta a importância de mesmo quando não, aparentemente, em presença de Solidão Social, poder emergir Solidão Emocional: intrigante e desafiador e um convite a estudar a última.

Ainda a propósito do acima exposto, Jong Grieveld (1987), explica que alguém que não conte com uma relação familiar ou amorosa, mesmo quando dispõe de uma boa rede social, pode experienciar Solidão Emocional.

Não será relevante ou positivamente impactante a quantidade de relações de proximidade ou intimidade de que dispomos, mas verdadeiramente significativo e promotor de bem-estar e saúde, é a existência de qualidade relacional na nossa vida (Lima, 2018).

Ao fenómeno da Solidão no idoso, também não será alheio o Idadismo (discriminação em função da idade), que alimenta e reforça crenças que estão na base de Mitos e Estereótipos negativos, como o idoso ser conservador, inflexível, passivo, dependente, incapaz de aprender, portador de doença física e/ou mental (Butter, 1975).

Nesta sociedade não é indiferente a idade que se tem, sendo que não deixa de ser curioso o Idadismo raramente ser questionado ou posto em causa, ao contrário de outros marcadores sociais, igualmente artificiais, tais como a nacionalidade e particularmente o sexo (Rosa, 2012).

Não devemos ignorar, forçosamente, que o fenómeno da solidão se explica cumulativamente através de fatores emocionais, cognitivos e sociais e é isso mesmo que Peplau e Perlman (1982, in Monteiro & Neto, 2008), assinalam, ao indicar duas causas de solidão: a morte de alguém que se ama e a predisposição dos indivíduos para estarem sós.

Pinquart e Sorenson (2003, in Monteiro & Neto, 2008) falam nos vários preditores da Solidão: o estado civil (solteiro(a); viúvo(a)), qualidade dos laços sociais, o sexo, a idade (as mulheres mais velhas relatam maiores níveis de solidão do que os homens), a saúde, o estado funcional, o estatuto socioeconómico e por último, fatores de personalidade (timidez, introversão). Quando as pessoas apresentam personalidade evitante, encontram-se associadas dificuldades no relacionamento social, o que promove a Solidão (Pocinho & Macedo, 2017). Neto (2000) refere também fatores como défice nas habilidades sociais, na autoestima e no autoconceito. Relevante na pessoa idosa é a dimensão da espiritualidade, que atua como fator preponderante no combate á Solidão, pelo que, quando a mesma não se apresenta relevante, o risco de vivenciar um sentimento de Solidão, encontra-se aumentado; as pessoas idosas recorrem a práticas religiosas para amenizar a Solidão (Costa & Humboldt, 2020). Foi apurado que 25% da população mundial vivencia momentos de Solidão com alguma frequência; especificamente nos idosos, esta percentagem varia entre 7% e 49% (Faísca et al., 2019). A Solidão resulta, pois, da combinação de fatores situacionais e características pessoais.

No Isolamento Social (aqui, quando identificado como indicador negativo - Isolamento Involuntário), é igualmente possível apontar fatores de risco e desta forma, atuar preventivamente. É possível, pela intervenção precoce, evitá-lo, mas também, quando instalado, revertê-lo (Nicholson et al., 2020). Howat e colaboradores (2004) indicam seis categorias de fatores de risco: demográficos: idade avançada, solteiro(a), viúvo(a), raça /etnia, níveis de literacia baixos; ambiental: segurança do local da casa bem como da mesma, morar sozinho, composição familiar; físico: aspeto físico, número de patologias, doenças crónicas, perdas sensoriais como a audição e a visão, incontinência urinária, insónias; psicológico: depressão, espiritualidade, declínio cognitivo, demência; económico: salário ou reforma baixa,

status socioeconómico; transições de vida: perda de algum familiar ou alguém próximo. Teodoro & Baptista (2020), dizem-nos que os idosos viúvos podem não realizar com sucesso, o processo de luto, o que originará um comportamento de distância e isolamento. O Isolamento Social tem um grande impacto na saúde. Tornando-se ainda o seu impacto, mais importante, junto das pessoas mais velhas (Fakoya et al., 2020; Freedman & Nicolle, 2020; Nicholson, 2009). Precisamente por isso e tendo presente que temos sociedades envelhecidas em todo o mundo, o Isolamento Social e a Solidão têm concentrado atenções nas políticas de saúde pública internacional (Fakoya et al., 2020). As pessoas mais velhas socialmente integradas e participativas têm probabilidade acrescida de serem saudáveis, viverem com mais qualidade de vida e apresentarem um maior grau de bem-estar, comparativamente com pessoas mais velhas que se encontram isoladas (Mehrabi & Béland, 2020). A participação social desempenha um papel positivo no bem-estar pessoal (Ammar et al., 2020). Nicholson (2021) refere que o Isolamento Social é prejudicial para os mais velhos que vivem na comunidade, impactando negativamente na sua saúde e bem-estar, com risco aumentado na demência, no internamento, na ocorrência de quedas e na mortalidade. A literatura converge no facto do Isolamento Social impactar profundamente na mortalidade e morbidade das pessoas que lhe estão expostas (Biordi & Nicholson, 2014; Freedman & Nicolle, 2020; Nicholson, 2021). Nicholson (2021), diz-nos que quando a pessoa se sente isolada socialmente, a sua saúde sofre um declínio acentuado; é por este motivo que, os danos provocados por esta circunstância, têm vindo a ser equiparados aos malefícios do tabaco, da obesidade, hipertensão e aos estilos de vida pouco saudáveis (Caccioppo et al., 2011; Flaskerud, 2020; Freedman & Nicolle, 2020; Holt-Lunstad & Smith, 2016; Landeiro et al., 2017; Valtorta et al., 2016).

Nunca estaria completo um estudo focado nas problemáticas da Solidão e do Isolamento Social, se não abordássemos a Teoria do Suporte Social, em que se distinguem as contribuições de Cassel (1974), que tenta compreender a natureza e os efeitos protetores do Suporte Social de Caplan (1974), que havia definido a natureza e importância do Suporte Social do Grupo Primário, para o bem-estar dos indivíduos. A partir destes autores são desenvolvidos estudos relativamente aos efeitos sobre a saúde e o bem-estar, de diversos tipos de relações, situadas em níveis diferentes de análise, desde a integração social até às relações íntimas, contemplando igualmente as redes sociais.

Segundo Vaz Serra (1999), o Apoio Social é uma expressão que se refere á quantidade e à coesão das relações sociais que envolvem uma pessoa, à solidez dos laços estabelecidos, à frequência do contacto e à perceção do individuo sobre a existência de um sistema de apoio capaz de ser útil e auxiliar na prestação de cuidados, quando necessário.

Apresentando-se indubitavelmente, a dimensão grupal como um mecanismo valioso e insubstituível, nas missões de Integração, Pertença, Socialização, importa contudo atender aos potenciais efeitos perniciosos associados à perda de Identidade do Idoso e à sua diluição, num contexto institucional ou associativo, como é o caso de um Centro de Dia, em que deve ser acautelada e preservada a manutenção da condição de Autor da Sua Vida, respeito pela sua singularidade, unicidade, numa abordagem idiossincrática e não homogeneizante, promotora de uma negação da humanidade do indivíduo. A humanização passa pelo respeito desta singularidade, porque cada idoso é único, não apenas na morfologia, como no modo de sentir, pensar, valorizar os atos ou no modo de amar (Azeredo, 2018).

Trata-se de resgatar o lugar de cada um no espaço social, o seu protagonismo, individualidade, subjetividade, autonomia, autoconhecimento, identidade, gostos, cultura, comportamentos, por termo à invisibilidade ou transparência e exercer o direito de continuar o seu processo de desenvolvimento e bem-estar, respeitando o que para si, sente como ajustado, numa exploração cabal das suas potencialidades e autorrealização. Trata-se de não ser engolido ou absorvido por rotinas, padrões, por rigidez de regras, sendo que o espaço físico e o ambiente é que se deveriam moldar ao ser humano e não o contrário. Ninguém se sente totalmente atendido nas suas necessidades ao vivenciar exclusivamente uma dimensão coletiva ou grupal (voltamos a ressaltar, imprescindível ao nosso bem-estar e dimensão anímica), porem importa responder igualmente e não ignorar a exigência de nos cumprirmos na nossa individualidade, num caminho de autovalorização e resignificação, pela evocação, reflexão, recuperação e reconstituição das nossas memórias e eventualidade de resolução de conflitos, num trilho de pacificação interna, pela utilização do Instrumento História de Vida.

Não é por acaso que anualmente é assinalado e celebrado o Dia Internacional de Histórias de Vida, a 16 de Maio, que em Portugal destaca pelo Projeto “Uma Biblioteca, Uma História de Vida, Um Registo”, que consiste em registar em vídeo, a historia de vida de um convidado, encontrando-se a mesma disponível no sitio do Projeto Memóriamédia. A este propósito, a Direção Geral do Livro e das Bibliotecas, salienta a importância de escutar as histórias de vida de cada um, como veículo determinante na integração pessoal e social, reconhecendo o papel de cada um na comunidade, bem como pela promoção e preservação da memória e identidade coletivas (Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas, 2009).

A História de Vida é um poderoso instrumento de pesquisa qualitativa, podendo ser utilizado para descobertas sobre como as pessoas compreendem e dão sentido ao seu passado, vinculam a sua trajetória pessoal e o respetivo contexto social, interpretam a própria história e lhe atribuem significados, a partir do momento presente (Minayo, 2008).

Relatar a própria história perante alguém que se disponibiliza a escutá-la, pode proporcionar uma restauração da história, originando uma verdadeira reconstrução biográfica; ainda que se trate apenas de uma potencialidade, como refere Sonoda e Viana (2018).

Vale ressaltar aqui que, o facto de estar só (isolamento social) não significa sentir-se só, mas também estar integrado num grupo ou numa multidão, não implica necessariamente não se sentir só (solidão) (Biordi & Nicholson, 2013; Perlman & Peplau, 1984).

O discurso hegemónico que subsiste (felizmente, gradualmente, menos), alicerçado em estereótipos sobre o envelhecimento, não oferece a muitos a possibilidade de se reverem ou autorreconhecerem, vivendo nós num contexto social tendente a silenciar e/ou ignorar os mais sábios e experientes, e a valorizar o jovem e o belo (Rosa, 2012).

Urge intervir neste processo de despersonalização, devolvendo voz ao idoso, pelo exercício da narrativa autobiográfica.

Objetivos

O objetivo geral da presente Investigação é a Captação de Histórias de Vida de Idosos, utentes de um Centro de Dia, em Almada. Este estudo tem como objetivo compreender a Solidão Emocional na população idosa.

Os objetivos específicos a que nos propomos são os seguintes: compreender a expressão e significado da Solidão Emocional; compreender o significado que as pessoas atribuem às Figuras de Vinculação; compreender o processo de elaboração das perdas de Figuras de Vinculação.

HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS: A SOLIDÃO EMOCIONAL

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia

Instituto Piaget, Almada, E-Mail: info@almada.ipiaget.pt

RESUMO

Portugal ocupa, neste momento, a posição de quarto país mais envelhecido do mundo, não apresentando perspectivas de alteração e/ou reversão deste cenário, nas próximas décadas, pelo que o estudo do fenómeno emerge como prioritário, nas suas diversas dimensões. Este Estudo tem como objetivo compreender a Solidão Emocional na população idosa. É adotada a Metodologia Qualitativa, com recurso á Entrevista Narrativa Autobiográfica. Os Resultados encontram-se patentes nas Categorias emergentes e são elas Infância, onde identificamos quadro de Maus Tratos; Ascendência em que temos Afeto Parental e Família Disfuncional; Conjugalidade onde foi possível aferir Felicidade e Infelicidade; Descendência onde detetamos a vivência de Alegria mas também de Abandono Parental e Luto; na Categoria Vida Profissional domina a Sobrevivência e o Sacrifício; na Categoria Isolamento temos fatores como Morar Sozinho(a), Mobilidade Reduzida e Rede Social deficitária; na Categoria Personalidade, temos Introversão; finalmente, na Categoria Estratégias de Coping, temos Visionamento de Televisão, Contacto com Vizinhos, Centro de Dia e a Escrita da História de Vida.

Palavras-Chave: idoso, história de vida, vínculo, solidão emocional.

ABSTRACT

Portugal currently occupies the position of the fourth oldest country in the world, presenting no prospects of change and/or reversal of this scenario in the coming decades, so the study of the phenomenon emerges as a priority, in its various dimensions. This study aims to understand Emotional Loneliness in the elderly population. The Qualitative Methodology is adopted, using the Autobiographical Narrative Interview. The results are evident in the emerging categories, which are: Childhood, where we identified a picture of Maltreatment; Ancestry in which we have Parental Affection and its opposite; Conjugalinity, where it was possible to measure Happiness and Unhappiness; Offspring where we detect the experience of Joy but also of Parental Abandonment and Mourning.; in the Professional Life Category, Survival and Sacrifice dominates; in the Isolation Category, we have factors such as Living Alone, Reduced Mobility and Deficient Social Network; in the Personality Category, we have Introversion; Finally, in the Coping Strategies Category, we have Television Watching, Contact with Neighbors, Day Care Center and Life History Writing.

Keywords: *elderly, life history, bonding, emotional loneliness*

Introdução

O envelhecimento populacional em Portugal (182 idosos por cada 100 jovens), explica-se pelos avanços científicos e melhores condições de vida, fixando-se atualmente a esperança média de vida nos 81 anos, sobretudo nas mulheres, bem como pela drástica diminuição da natalidade (nascem anualmente cerca de 80.000 crianças para mais de 100.000 óbitos), afigurando-se, aparentemente, cada vez menos atrativa a opção pela parentalidade, na sequência de débeis condições de estabilidade e prosperidade profissional, a que se associa inevitavelmente precariedade económica, e a que também não será alheio um cenário social onde é vigente uma revolução de mentalidades que favorece os mais jovens a contemplar uma ampliação de fontes de realização não disponíveis e algumas não percecionadas, em gerações anteriores, que necessariamente não incluem a vivência da dimensão parental (Carvalho, 2023).

O fenómeno do envelhecimento demográfico encontra-se inevitavelmente associado á problemática da Solidão, por via da viuvez e falecimento de pares (rede social), pela Reforma (retirada do mercado de trabalho), como também se explica pela emigração dos mais jovens, para realização de estudos ou oportunidade profissional, deixando desamparada a ascendência; o número crescente de divórcios face a uma diminuição importante do casamento, também concorre para um acentuar no crescimento de mono-agregados (Carvalho, 2023).

De acordo com o Site Pordata, os Censos de 2021 (INE), deixam patente a realidade de 500.000 portugueses a viverem sozinhos.

A Operação Censos Sénior 2022, levada a cabo pela Guarda Nacional Republicana, sinalizou 44.511 idosos a viverem sozinhos e/ou isolados. Por ordem decrescente, no distrito de Bragança foram sinalizados 3411 idosos, no de Beja, 3346, no de Braga, 1594 e em Aveiro, 1332 (Comunicado da Guarda Nacional Republicana, 2022).

A presente investigação pretende aferir sobre a expressão e significado da Solidão Emocional (Weiss, 1973), nos idosos, utentes de um Centro de Dia, em Almada, através da narração autobiográfica que (re)constitui as suas Histórias de Vida.

Revisão da Literatura

Podemos definir o Envelhecimento como um fenómeno complexo e um processo multidimensional, inerente ao ser humano e que resulta da incapacidade da grande maioria dos organismos se manterem num estado funcional inalterado, que permita a regeneração continua de todos os componentes do organismo (Fontaine, 2000; Alaphilippe & Bailly, 2014).

Uma das primeiras teorias a interessar-se pela questão identitária da pessoa idosa foi a Teoria Desenvolvimental de Erik Erikson (1959): a vida trata-se de um continuum desenvolvimental, sendo que no seu oitavo estágio (a partir dos 65 anos até à morte), experiencia-se a Integridade, caso o individuo tenha percorrido com êxito as fases precedentes, conferindo sentido à vida e aceitando melhor a morte, ou em oposição, experiencia-se o Desespero, perante a incapacidade de refazer a sua vida, sendo invadido pelo arrependimento e receio face à morte. Esta abordagem teve o mérito de despertar para uma perspectiva de desenvolvimento, crescimento, evolução, mudança ao longo de todo o ciclo vital (Alaphilippe & Bailly, 2014).

Paul e Margret Baltes (1990), foram os primeiros gerontólogos a propor um modelo conducente a um Envelhecimento Bem-Sucedido. É um modelo de desenvolvimento da vida inteira que considera simultaneamente as perdas e os ganhos. Este modelo traduz-se na Seleção das atividades verdadeiramente importantes para a pessoa, o passo seguinte é a Otimização que consiste em maximizar os recursos como preparar o melhor possível (treinar mais afincadamente), a atividade a desempenhar e por fim temos a Compensação que representa um esforço de minimização das perdas inerentes ao processo de Envelhecimento, através da utilização de recursos externos como próteses auditivas ou óculos ou internos, como conhecimento e experiência (Alaphilippe & Bailly, 2014).

Na sequência da preponderância das Figuras de Vinculação no bem-estar dos idosos, é absolutamente lógica a referência à Teoria da Vinculação de John Bowlby (1969/1982, 1973, 1980), aqui na base do Modelo Relacional de Solidão de Weiss (1973), no centro do nosso estudo, e que apresenta uma explicação para o desenvolvimento social precoce, em que a primeira ligação que a criança estabelece (normalmente com a mãe), é vital para o bem-estar do individuo de forma incomparavelmente mais impactante do que as relações subsequentes. A Vinculação pode ser definida como uma ligação emocional muito duradoura, com um individuo específico, sendo que se caracteriza por ser seletiva, isto é, centra-se em indivíduos específicos que suscitam um comportamento de vinculação, em forma e grau (Schaffer, 2005).

Holmes (como citado por Hesse, 2004) faz uma distinção entre Solidão e Isolamento, sendo que a primeira implica uma percepção de falta e um sentimento de ansiedade ligado à mesma e a segunda pode significar uma opção, pressupondo contactos escassos com a família e amigos, por vezes com o intuito de evitar tensão. Flåkerud (2020) refere que o Isolamento pode ser imposto, devido à morte de pessoas próximas, mudança de residência, integração numa resposta social, mobilidade reduzida, entre outras ou pode surgir na sequência da pessoa optar por viver só, decidir empreender poucos contactos com família e amigos e/ou não pertencer a nenhum grupo. O Isolamento é objetivo, enquanto a Solidão é subjetiva, pois depende da percepção individual (Weiss, 1973). A Solidão pode ser vivenciada como uma experiência negativa subjetiva, resultante de conexões significativas inadequadas (Fried et al., 2020). A Solidão é um estado emocional subjetivo e o Isolamento Social é um estado sociológico objetivo (Biordi & Nicholson, 2013). Os conceitos de Solidão e de Isolamento Social não se encontram sempre diferenciados e demarcados com precisão, na literatura, o que pode originar a falsa percepção de que são sinónimos (Biordi & Nicholson, 2013; Nicholson, 2009, 2012, 2021). Distintos, estes conceitos, porém torna-se necessária a sua análise conjunta, quando queremos compreender o seu impacto na saúde (Beller & Wagner, 2018; Malcom et al., 2019). Apesar de ser real o facto de os dois conceitos apresentarem significados diferentes, o conceito de Solidão não conhece até à data, uma definição consensual (Prohaska et al., 2020).

De acordo com Perlman e Peplau (1981) a Solidão é uma percepção de falha na rede de relações sociais do indivíduo; é uma resposta a um défice significativo na quantidade ou qualidade dessas relações. A Solidão resulta de uma discrepância entre o desejo dos indivíduos e a sua realidade (Peplau, et al., 1982). Cassidy e Berlin (1999) definem a Solidão como “um sentimento negativo resultante da crença de que os outros não estão disponíveis quando o desejamos”. Nicholson (2021) diz que a Solidão se encontra associada a uma conotação negativa, uma vez que o desejado se assemelha ao inacessível. Embora a Solidão possa ser vivida numa perspetiva de crescimento pessoal, a experiência, por si só é indissociável de desconforto e angústia, convertendo-se num conceito que integra a experiência subjetiva (Nicholson, 2021; Perlman & Peplau, 1984). Sofrer de Solidão é vivenciar um sentimento indesejado de perda de companhia (Weiss, 1973). No seu Modelo Relacional de Solidão, Weiss (1973) define dois tipos, caracterizados como tal por quem os experimenta: a Solidão Emocional, causada pela perda ou ausência de uma figura de vinculação íntima, apenas podendo ser compensada pela integração de outro vínculo emocional, e a Solidão Social, que se traduz na percepção de falha nas relações de amizade, nas relações sociais e que terá associados sentimentos de exclusão, marginalidade, aborrecimento ou tédio, induzindo o

indivíduo a desenvolver esforços no sentido de aumentar a sua rede social de apoio. Weiss (1973) defende ainda que, a Solidão Emocional traz consigo sentimentos mais dolorosos do que a Solidão Social. DiTomaso e Spinner (1997) subdividem a Solidão Emocional em Romântica e Familiar, encontrando-se a primeira relacionada com a necessidade de vinculação e a segunda com a necessidade de orientação (Guidance). A Solidão Emocional surge quando o indivíduo percebe a ausência de uma relação íntima ou vinculativa, com marcada e significativa envolvente emocional, onde se sente aceite, compreendido, seguro e protegido. Esta falta impele-o a procurar o estabelecimento de uma relação que responda a estas necessidades ou ao restabelecimento de uma que tenha perdido (Weiss, 1973). Na opinião de Paúl (1997), os amigos têm um grande peso no bem-estar subjetivo dos idosos, tendo presente que com eles partilham intimidades, recebem apoio emocional, instrumental e oportunidades de socialização. Paúl (1997) refere ainda que “dentro da categoria dos amigos, podem-se discriminar os amigos mais íntimos, que têm um potencial diferente em termos relacionais” e acrescenta “mais do que a quantidade de pessoas de uma rede social de apoio, a qualidade relacional é um fator importante, destacando-se o papel de uma relação íntima, a existência de um confidente”. Os dados mostram que quando as pessoas ultrapassam os oitenta anos ficam em risco de perder os seus confidentes (Wenger & Jerrome, 1999). A investigação efetuada por Seeman e Berkman (1988), com um grupo de indivíduos residentes na comunidade, com 65 anos ou mais, demonstrou que a presença de um confidente na vida dos idosos se encontra fortemente associada com as dimensões de apoio emocional e também instrumental; concluiu-se igualmente que os confidentes assumem uma maior importância na prestação de apoio emocional aos idosos sem cônjuge. Oliveira (2008) refere que as mulheres idosas partilham mais intimidades, embora a quantidade de amigos seja semelhante entre sexos.

O objetivo geral da presente Investigação é a Captação de Histórias de Vida de Idosos, utentes de um Centro de Dia, em Almada.

Os objetivos específicos a que nos propomos são os seguintes: compreender a expressão e significado da Solidão Emocional; compreender o significado que as pessoas atribuem às figuras de vinculação; compreender o processo de elaboração das perdas de figuras de vinculação.

Método

Este Estudo utilizou uma Metodologia Qualitativa, a qual responde mais eficazmente às nossas questões de investigação. “Utilizamos o termo pesquisa qualitativa para definir todo o tipo de pesquisa que conduz a resultados que não são produzidos por procedimentos estatísticos nem por outros meios de quantificação” (Lejeune, 2011).

O fenómeno, aqui em estudo, não é acessível senão por intermédio de testemunhos. A recolha de dados deve ser sempre orientada segundo adequação entre o campo e o objetivo da pesquisa. Esta adequação requer escolhas realizadas pelo investigador com o propósito de obter um material rico e congruente com as suas necessidades (Lejeune, 2011).

A Metodologia Qualitativa encontra-se associada a uma estratégia de investigação em profundidade, singular, rica, detalhada, compreensiva e descritiva. A mesma encontra-se apta a captar aspetos mais finos e pessoais, em que um estudo de tipo mais estruturado se apresenta inábil (Lejeune, 2011).

Participantes

Na seleção da Amostra são adotados o Método Não Probabilístico, em que se recorre a uma Amostragem em que há uma escolha deliberada dos elementos, e a Técnica Por Conveniência, onde a Amostra é selecionada em função do grau de acessibilidade ao investigador (Haro, et al., 2018).

A mesma integra 10 participantes, utentes do Centro de Dia, pertencendo 9 ao sexo feminino e apenas um, ao masculino, com idades compreendidas entre os 79 e os 90 anos.

Os critérios de inclusão da Amostra, para este estudo, foram: pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, residentes na comunidade, em Portugal; com capacidade para compreenderem e interpretar o que estava a ser proposto, onde naturalmente se inclui o Documento Consentimento Informado. Os critérios de exclusão foram: pessoas com historial de demência, comprovado por história clínica e/ou familiar; pessoas que recusassem participar no estudo.

Instrumentos

Histórias de Vida: por História de Vida entende-se o vivido ao longo da vida; por História de Vida entendemos a vida narrada como relatada numa conversa ou escrita num tempo presente real (Fischer-Rosenthal, 1989, 1991).

Narrativa Biográfica: este método tem por objetivo a reconstrução do significado biográfico das experiências no momento em que aconteceram e elaborar a reconstrução da sua sequência cronológica (Rosenthal, 1993).

Entrevista Narrativa Autobiográfica: são adotadas as considerações teóricas sobre a forma de conduzir a Entrevista, no sentido clássico da formulação seguida por Schutze (1983, citado por Apitzsch & Siouti, 2007). Os autores sugerem uma questão introdutória aberta que promova o início da narração autobiográfica e que permita ao narrador fazê-lo de forma espontânea até o mesmo indicar estar concluída. O entrevistador deve assumir a postura de um ouvinte interessado e empático pela história do seu narrador, encorajando assim o desenrolar da narrativa (Rosenthal, 1993). A Questão Inicial foi: “Pode contar-me a sua História de Vida?”.

Procedimento

A recolha de dados decorreu no espaço físico do Centro de Dia, em Almada, frequentado pelos entrevistados, no formato entrevista individual presencial, num momento único, previamente acordado e agendado. Num momento inicial da mesma, o entrevistado foi devidamente informado sobre os objetivos da presente investigação, decidindo livremente sobre a sua participação. Caso decidisse empreendê-la, era-lhe solicitada a leitura atenta do documento de Consentimento Informado, e que procedesse á respetiva assinatura, colocando-nos á disposição para o esclarecimento de qualquer dúvida.

Após conceção de autorização por parte do entrevistado, procedeu-se à gravação áudio, com a utilização de suporte tecnológico. Posteriormente é realizada transcrição integral da entrevista, no programa informático Word, sendo que, em momento subsequente, serão selecionados excertos ilustrativos relevantes. Todas as verbalizações são integralmente transcritas, sendo feita a opção pela Transcrição Não Naturalista (Oliver et al., 2005), que privilegia o discurso verbal, omitindo elementos não verbais como pausas e linguagem corporal; optou-se igualmente pela não correção dos erros da oralidade, por forma a salvaguardar superior fidelidade discursiva.

Não tendo sido definido previamente pelo entrevistador, um tópico específico, mas solicitada ao biografado, de forma geral, que conte a sua história de vida, o que lhe permite selecionar o que será relevante para si, surge a oportunidade de observar como o mesmo incorpora na narrativa, o tema do nosso interesse (Rosenthal, 1993).

Foram, no entanto, gizadas algumas Questões Abertas, adicionais (em Anexo, no Guião de Entrevista), como prevenção para a possibilidade do Entrevistado esgotar o tema, não tendo

abrangido todas as Questões de Investigação, naturalmente, relevantes para o nosso Estudo (Rosenthal, 1993). Contudo, e inevitavelmente, surgiu a necessidade de recorrermos a estímulos dialógicos, incorporados naturalmente, organicamente, na fluidez da conversa, com o objetivo de encorajar o narrador a prosseguir o seu relato e de impedir que o estancasse, incorrendo nós no risco de coletar material inócuo ou pouco útil; também foram solicitados esclarecimentos sobre aspetos ambíguos.

O procedimento seguiu a Análise de Conteúdo (Bardin, 2004), que apresenta um método categorial que permite a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem (no caso, entrevistas), e que conduz ao estabelecimento de uma ordem; uma Categoria apresenta um Termo-Chave que indica o significado central e o campo semântico do conceito a apreender (Vala, 1986). Importa sublinhar que as Categorias são Exaustivas e mutuamente Exclusivas; as mesmas emergem do corpo do texto, tratando-se num primeiro momento de rúbricas (Categorias) significativas, de pendor mais geral, e que naturalmente, visam responder às questões de investigação, sendo que posteriormente foram ainda organizadas Subcategorias, numa análise mais fina, que continuou a evidenciar indicadores conducentes a uma leitura da realidade; temos por isso, a identificação de Temas e Sub-Temas. Qualquer ato de Codificação representa uma operação sobre o sentido, pela parte de quem codifica (Guiglione & Matalon, 1992). As mensagens são tratadas, por meio de estudo profundamente metucioso e cuidadoso de Índices colocados em evidência, por forma a inferir de forma lógica, conhecimento, sendo que previamente é realizada Descrição (enumeração das características do texto), seguindo-se a Inferência e finalmente a Interpretação que conferiu significação às características identificadas.

Análise dos Dados

A interpretação dos dados não numéricos e não estruturados, com discurso descritivo de cariz qualitativo, poderá ser organizada de acordo com a estrutura básica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2004): Organização e Pré-Análise/Exploração do Material; Codificação do material, que visa uma melhor representação do seu conteúdo; Categorização, que fornece uma visão simplificada dos dados; Inferência, que visa fazer incidir a interpretação da análise, sobre o tema em questão.

Resultados

Aqui, nos Resultados, o objetivo central é dar a conhecer o que foi encontrado ou identificado nas Entrevistas Realizadas, ou seja, o que os testemunhos trouxeram até nós e expuseram. A Análise de Conteúdo das Entrevistas, permitiu-nos traduzir a informação obtida, em 8 Categorias de Sentido (ver tabela anterior), são elas: *Infância*, *Ascendência*, *Conjugalidade*, *Descendência*, *Vida Profissional*, *Isolamento*, *Personalidade* e *Estratégias de Coping*.

Tabela 1

Análise de Conteúdo das Entrevistas Realizadas

Categorias	Subcategorias
Infância	Maus-tratos
	Escassez de Recursos
Ascendência	Afeto Parental
	Família Disfuncional
	Luto Figuras de Vinculação
Conjugalidade	Felicidade
	Infelicidade
	Luto
Descendência	Alegria
	Abandono Parental
	Luto
Vida Profissional	Sobrevivência
	Sacrifício
Isolamento	Morar Sozinho(a)
	Mobilidade Reduzida
	Rede Social
Personalidade	Introversão
	Evitante
Estratégias de Coping	Televisão
	Vizinhos
	Centro de Dia
	Escrita História de Vida

Categoria Infância

A primeira Categoria é a *Infância*, em que procuramos conhecer os seus contornos e emergem duas Subcategorias, sendo a primeira, *Maus - Tratos*, “...sem enxoval feito, sem nada, sem dinheiro pra vestir o bebê e não me ajudaram em nada, nem se despediram de mim, quando eu sai de casa...” (Referindo-se aos pais; Entrevista 5); a segunda Subcategoria é *Escassez de Recursos*, “...desde os 10 anos até aos 22, eu trabalhei sempre, só que não me davam o dinheiro, infelizmente tive essa pouca sorte.”(Entrevista 5).

Categoria Ascendência

A segunda Categoria é a *Ascendência*, onde importa conhecer o teor da relação com a família e emergem três Subcategorias, sendo a primeira, *Afeto Parental*, “...tenho muitas saudades de todos...eu era muito amiga, muito amiga, principalmente da minha querida irmã, a última que morreu”. (Entrevista 6); a segunda Subcategoria é *Família Disfuncional*, “...internou-me num orfanato, fui criada num orfanato até aos 16 anos”, (Referindo-se á mãe; Entrevista 10); a terceira Subcategoria é *Luto Figuras de Vinculação*, “Infelizmente os meus pais já faleceram, os meus irmãos também já faleceram e vivo agora sozinha, que me custa muito, muito, muito aceitar, muito aceitar, custa-me muito aceitar”. (Entrevista 6). “...tenho dias que choro muito, muito em casa, por estar sozinha, muito, muito choro, porque sinto-me só, não sei, olhar pás paredes, sozinha, eu era muito, muito amiga, principalmente da minha irmã, a última que morreu.” (Entrevista 6).

Categoria Conjugalidade

A terceira Categoria é a *Conjugalidade* e pretendemos captar as várias nuances da mesma e emergiram três Subcategorias, sendo a primeira, *Felicidade*, “...a minha mulher fazia tanta companhia e convivemos tantos anos juntos, já não podíamos viver um sem o outro...”; a segunda Subcategoria é *Infelicidade*, “...eu sofri muito com o meu marido e claro, tou melindrada...”, “...houve aqui muito sofrimento...”. (Entrevista 4). “Só que tive foi azar, o primeiro não queria trabalhar, o segundo não queria o filho e o terceiro dava-me porrada...”. (Entrevista 8); a terceira Subcategoria é *Luto*, “...desde que a minha mulher faleceu, tem sido pior porque, sinto muito a falta dela”. (Entrevista 9). “...o meu marido deixou-me dois filhos...”. (Entrevista 1). “...o meu marido faleceu...” (Entrevista 4).

Categoria Descendência

A quarta Categoria é *Descendência*, procurando-se caracterizar as diferentes linhas identificadas nas relações parentais/filiais e entre avós e netos, sendo que emergiram três Subcategorias, em que a primeira é *Alegria*, “*Tenho dois filhos maravilhosos...*”, “*...tenho muito orgulho na família que eu tenho*”, “*Preenchem-me a minha vida...*”, (Referindo-se aos filhos e netos; Entrevista 7); a segunda Subcategoria é *Abandono Parental*, “*Já não vejo o meu filho, nem os meus dois netos mais velhos, já faz dois anos...*”, “*...ele nem me atende o telemóvel, nem ele nem os meus netos...*”. (Entrevista 4); “*...também não quero abusos com a minha filha, gosto muito dela, não posso fazer mais nada, mas o marido não me quer lá em casa*”. (Entrevista 5); a terceira Subcategoria é *Luto*, “*...quando o meu filho faleceu...*”. (Entrevista 3).

Categoria Vida Profissional

A quinta Categoria é *Vida Profissional* e emergiram duas Subcategorias, sendo a primeira, *Sobrevivência*, “*...o marido também morreu cedo, conteceu, deixou-me com dois filhos também, tive que trabalhar pra eles, lutei...lutei muito pós criar. A minha vida foi muito difícil*”. (Entrevista 10); a segunda Subcategoria é *Sacrifício*, “*...olha mãe, é o seguinte...eu vou pá Africa por dois anos...o menino fica contigo...*”, “*...o menino tava cá, eu saudades dele...*”, “*...eu vim prá Africa porque tenho um filho pa criar sozinha e preciso de trabalhar...*”. (Entrevista 8).

Categoria Isolamento

A sexta Categoria é *Isolamento* e procuramos identificar, junto da nossa Amostra, fatores que favorecem o mesmo, e aqui emergem três Subcategorias, sendo a primeira, *Morar Sozinho(a)*, “*...vivo sozinha em casa, os meus filhos têm a casa deles e eu tenho a minha e tou na minha casa. Não gosto muito de tar sozinha, pela solidão...*”. (Entrevista 1); a segunda Subcategoria é *Mobilidade Reduzida*, “*...tenho que andar com uma canadiana...*”, “*...mas tenho de facto muita dificuldade em andar, como a senhora viu...*”. (Entrevista 9); a terceira Subcategoria é *Rede Social*, “*Eu tou sozinha, tenho o meu filho, sou divorciada*”. (Entrevista 2). “*Fiquei solteira porque quis*”, “*E sem filhos*”. (Entrevista 6). “*O meu filho é empregado numa empresa de transportes... E a minha filha é empregada bancária...*”, “*...ele trabalha de noite e a minha filha trabalha de dia...Nunca tavam em casa...e eu passava os dias sozinho*”.

(Referindo-se á filha e ao genro; Entrevista 9). “...eu tou sozinha, não tenho ninguém. Pronto, os meus já morreram, os irmãos e a minha mãe, o meu pai...”. (Entrevista 2).

Categoria Personalidade

A sétima Categoria é *Personalidade* e aqui procuramos Traços, e temos duas Subcategorias, sendo a primeira *Introversão*, “...mas é mesmo de mim não comunicar com as pessoas, também, se fosse preciso, a minha filha, também só falo pra ela se precisar de qualquer coisa ou ela vem ter comigo, mas dizer assim, sentarmos a conversar...”. (Entrevista 9); a segunda Subcategoria é *Evitante*, “...são muitas pessoas, mas eu sou muito calada, muito calada, muito calada, muito calada mesmo, entro quase o dia e vou embora à tarde quase sem falar a ninguém, é verdade”, “...entro é claro, dou os bons dias, falo e isso, sento-me, mas não ando de cadeira em cadeira”. (Entrevista 6).

Aqui, vale destacar Neto (2000), ao explicar que as características pessoais que podem originar a Emergência de Solidão, são: a Depressão, a Timidez, a Auto-Estima, o Auto-Conceito e as Habilidades Sociais. Também Pocinho e Macedo (2017), clarificam que na presença de Personalidade Evitante, apresentam-se dificuldades nos relacionamentos sociais, o que concorre para a Solidão.

Categoria Estratégias de Coping

Nesta Categoria pretendemos conhecer as Estratégias de *Coping* implementadas pela nossa Amostra, como resposta à Solidão vivenciada. Dentro desta Categoria surgiram quatro Subcategorias, sendo a primeira, *Televisão*, “...ponho a televisão a trabalhar, quando quero...”, “...eu tenho a televisão no quarto, e tenho assim a cama e depois tou ali assim encostada a ver a televisão e assim passa”. (Entrevista 2); a segunda Subcategoria é *Vizinhos*, “...fui pedir ao meu vizinho de baixo...que me ajuda...é impecável, ele e a mulher dele...”, “...se não fosse o meu vizinho, eu ainda tava a penar...”, “...eu tenho muita sorte com aquele vizinho e ca mulher dele...”. (Entrevista 1); “...de vez em quando vou à minha vizinha de cima, que ela coitada também precisa de apoio...”. (Entrevista 4); a terceira Subcategoria é *Centro de Dia*, “...venho pra qui, tou distraída...”, “Tou menos tempo em casa sozinha, fazemos atividades, temos desenhos, ela puxa por nós, pela cabeça, porque a cabeça é o mais importante, fazemos ginástica, ainda hoje tivemos a fazer ginástica”, “Eu gosto de tar aqui porque enquanto tou aqui, pronto, tou acompanhada”, “Mas fiz aqui várias amigas. E continuo a fazer”, “A nossa Animadora, eu converso muito com ela e ela ajuda-me naquilo

*que...ela sabe dos meus problemas, quando eu tenho qualquer problema, com ela vou falar e ela depois ajuda-me...”. (Entrevista 1). “...converso, vou pra casa sempre um bocadinho mais animada”, “...também vêm aqui cantar, fazem assim umas coisinhas para nós estarmos entretidos...”. (Entrevista 2); a quarta Subcategoria é *Escrita História de Vida* e vem confirmar de forma gritante, a necessidade de partilhar a História de Vida, a necessidade do exercício deste olhar retrospectivo, que faculta o acesso á Validação e Ressignificação; esta Subcategoria emerge da partilha de uma das entrevistadas, ao contar que sentiu necessidade de publicar um livro intitulado “*Que Vida a Minha*”, onde relata a sua História de Vida. “...eu tenho um livro, eu já escrevi um livro”, “...os meus filhos, cada um tem o seu livro...”. (Entrevista 8).*

Discussão

Numa perspetiva mais geral, no que concerne ao impacto que a oportunidade de narrar a própria História de Vida, produz, surge indiscutível e patente, nos nossos Resultados, o benefício associado ao referido exercício; tivemos o privilégio de testemunhar sentimentos de Alívio, Gratidão, Conforto, Autovalorização, Autorreconhecimento, reforço da Autoestima, Reformulação da Auto Perceção e oportunidade de vivenciar o Hétero reconhecimento da individualidade e idiosincrasias e ao ser escutado(a), a possibilidade de expressão e transmissão do Testemunho e Legado. Simultaneamente, á medida que o individuo vai recriando e invocando os factos, acede a uma Ressignificação construída com base na Reconstituição, favorecedora de uma reatribuição de sentido e significado tendencialmente mais apaziguadora, conciliadora e recompensadora.

Os resultados revelaram a existência de Solidão Emocional, mesmo quando em presença de uma Amostra que usufrui de uma Resposta Centro de Dia, que indubitavelmente, se apresenta determinante, como fator atenuante da mesma. Este vazio emocional surge negativa e indelevelmente impactante na qualidade de vida, a nível psicológico. O desaparecimento (morte) ou afastamento, por razões geográficas ou por conflitualidade, das Figuras de Vinculação, assume absoluta preponderância neste défice de qualidade, na vida emocional; a sua perda não se apresenta suficientemente e eficazmente elaborada, originando potenciação da fonte de sofrimento.

A Solidão Emocional é uma realidade que perpassa toda a nossa Amostra, surgindo preponderante, como ameaça ao seu bem-estar, qualidade de vida e naturalmente, grau de satisfação para com a mesma, ou seja, ela evidencia-se, mesmo em ambientes coletivos, constituindo, diremos nós, uma Emergência Social, a implementação de mecanismos com

capacidade para proceder ao seu despiste e conseqüentemente, desenhar respostas eficazes, no seu combate (nunca será demais sublinhar que os Técnicos devem encontrar-se dotados de Competências Comunicacionais; implementar Estratégias de Participação Social e Nunca Negligenciar a Dimensão Afetiva e Relacional). Vale a pena investir numa qualidade de vida psicológica, emocional, afetiva, muito mais congruente com a nossa humanidade.

De forma mais específica, os nossos Resultados permitem inferir claramente sobre o papel e significado cruciais, basilares, que as Figuras de Vinculação assumem, na construção psicológica da nossa Amostra e a disrupção importante que a sua ausência, por morte ou conflitualidade, promove; é precisamente por se apresentar de difícil substituição, a qualidade dos Vínculos Parentais, Fraternalis, Filiais e de Amizades de Longa Data, que importa nunca menosprezar a oferta de um espaço confidencial e mesmo confessional, numa intervenção pensada e adaptada para responder a necessidades únicas, que são as de cada um de nós. As Relações Íntimas são responsáveis pelo afastamento da Solidão, oferecendo um potencial muito mais rico, em termos relacionais, porém são muito mais difíceis de criar do que uma Rede Social (Paúl, 1997, p.110); ainda segundo a mesma autora (Paúl, 1997, p.112), mais importante do que a quantidade de pessoas de uma rede social de apoio, a qualidade relacional surge como um fator determinante, com destaque para o papel de uma Relação Íntima, o papel desempenhado por um Confidente. Oliveira (2001) considera que o grau de intimidade da relação, o seu nível de satisfação e a história passada, são fatores capazes de contribuir para um sistema de Suporte Social. Já os resultados do Estudo conduzido por Seeman & Berkman (1988) foram claros no sentido de que os indivíduos residentes na comunidade, com 65 anos ou mais, manifestam que a presença de um Confidente na sua vida, está fortemente associada com as dimensões de Apoio Emocional e Instrumental, constituindo-se o Apoio Emocional ainda mais central, junto dos idosos sem cônjuge. Ainda, num estudo longitudinal sobre as Relações de Confidência, Wenger & Jerrome (1999), demonstram que as mesmas sofrem alteração, ao longo dos anos, fruto do aumento da Dependência, Incapacidade ou Morte; os dados revelam que quando as pessoas ultrapassam os 80 anos, incorrem num risco aumentado de perda dos seus Confidentes.

O impacto devastador da ausência de Figuras de Vinculação, explícita e inequivocamente manifesto, na nossa Amostra, será de fácil compreensão ao atendermos a Weiss (1973), quando afirma a ideia de que a Solidão é um sentimento que resulta da perda ou inexistência de Laços Íntimos. Por outro lado, os idosos, mesmo acedendo a uma Rede Social extensa, continuam a incorrer no risco de se sentirem sós, caso a mesma não corresponda às suas necessidades (Jong-Gierveld & Raadschelders, 1982, in Monteiro & Neto, 2008).

Efetivamente, ainda que os idosos implementem Estratégias de Coping tendentes a atenuar o vazio emocional vivenciado, as mesmas (entre outras, realização de atividades lúdicas como ver televisão, desenhar ou cantar), nunca comportarão igual capacidade de produção e elaboração de processos de perda de Figuras Vinculares, bem sucedidos e decisivos na diminuição do sofrimento, como uma intervenção continuada, direcionada ou personalizada, pois trata-se de atender á natureza singular de cada um, ás suas questões e de empreender uma missão, em relação á qual, á partida, sabemos, nunca sairemos totalmente triunfantes, porque histórias, memórias e afetos não são substituíveis, contudo, algo vitoriosos nos sentiremos, se conseguirmos um ajustamento e adaptação muito mais profícuos e geradores de uma existência mais feliz e salutar; a este propósito, Sequeira (2016) salienta com veemência que a Comunicação Terapêutica oferecida pelo profissional de Saúde Mental, encerra uma riqueza e potencialidades não disponíveis noutra qualquer abordagem ou intervenção, desde logo pelas características únicas no cuidado dos aspetos psicológicos, emocionais, culturais, sociais e familiares, sendo que o que descreve é bem evidente, por exemplo na Intervenção na Crise; as Técnicas e Competências Comunicacionais Específicas, de que estes profissionais são detentores e em relação às quais apresentam um nível elevado de perícia, são decisivas para o sucesso em variados contextos, sobretudo sensíveis e particulares como nas Crises ou na Interação com População Idosa, especialmente portadora de défices visuais e/ou auditivos, perturbações da linguagem, alterações sensoriais e/ou motoras ou quadros demenciais. Sequeira (2016) tem por inquestionável, o valor e o contributo das Competências Técnico-Científicas de um profissional de Saúde Mental e apesar de, nunca, como é evidente, ser capaz de substituir-se a toda a Representação, História e Carga Emocional e Afetiva, associados a Figuras de Vinculação, encontra-se mais apto que nenhum outro, no desenvolvimento de um trabalho conducente a uma elevação significativa da Qualidade de Vida, nomeadamente, em Fase Geriátrica.

No domínio da Conjugalidade constatamos que a Felicidade é fator determinante para uma Construção e Memória de uma Dimensão Afetiva, plena de Sentido e Realização e Lima (2018) esclarece que as nossas opiniões, escolhas e a ideia que fazemos de nós próprios são largamente determinados pelas relações que mantemos com o outro; de notar igualmente que, quando percebemos que as ideias que os outros têm de nós são mais positivas do que as nossas Autorrepresentações, dependemos muito menos da Validação Social; os momentos marcantes da nossa vida são experiências ligadas a outras pessoas; ainda Lima (2018), na Infelicidade diz que as Relações podem apresentar-se como um espaço perigoso, ameaçador para a felicidade, saúde e mesmo para a vida e que podemos estar casados e não ter suporte.

Na Descendência, o Sentimento de Alegria é uma realidade vivenciada pela nossa Amostra e Berryman (2002) explica que quando os filhos interiorizam o Código Moral dos pais e surge a vontade de adoção de um comportamento conducente com as suas regras, é neste momento que se criam fortes Laços de Afeição e Respeito que perduram normalmente ao longo de todo o ciclo vital e neste ambiente de Identificação de Sistema de Valores, entre filhos e pais, nasce por parte de todos, mas também da Descendência, uma vontade quase inelutável de agradar aos progenitores, que terá Tradução nos momentos de Felicidade Parental, aqui relatados pelos Entrevistados.

Num outro extremo da vivência Parental, é-nos relatado o Abandono e a não Reciprocidade Afetiva, vividos com intenso sofrimento e que, ainda Berryman (2002), se inclina pela eventualidade do exercício de inculcar e veicular Normas e Valores, por parte dos pais, não ter sido bem-sucedido, sendo que alguns pais o fazem de forma mais eficaz e construtiva do que outros, não havendo, no caso, lugar, por parte dos filhos (e que se estende, por vezes, aos netos), à formação de uma Consciência Moral e internalização dos Valores; também é afluída e levada em conta a circunstância de a partir da adolescência conquistarmos autonomia, o que nos amplia a exposição a ambientes diversos, que podem ser indutores de comportamentos transgressivos e até marginais.

Quando tratamos o Tema da Vida Profissional, destacam-se a circunstância premente e absoluta prioridade de assegurar a Sobrevivência Familiar, o que inevitavelmente conduz a uma dimensão de Sacrifício, relegando para posição de menor ou nenhuma importância, numa vivência pautada por tal grau de exigência, a concretização de sonhos e ambições, com outros contornos; aqui, Ceitil (2021), explora na sua Obra, a capacidade de, em Contexto Organizacional, uma eficaz gestão e regulação emocional, se afigurarem determinantes para o crescimento, evolução e desenvolvimento ao nível Emocional, Intelectual e um contributo importante para o Bem-Estar e Satisfação com a Vida, oportunidade a que visivelmente e com Desilusão, a nossa Amostra não acedeu; Moreira (2022), fala do Conceito estudado em Ambiente Organizacional, denominado *Trabalho Emocional* e que consiste na adoção do comportamento de regulação emocional, em conformidade com as normas da Organização em que trabalhamos (Lu et. al, 2019); foi essa seguramente a postura aqui adotada, porque não restava espaço para outra, gerando naturalmente, Frustração.

Implicações Teórico-Práticas

Este Estudo ofereceu a possibilidade de realização de uma análise ao fenómeno, tantas vezes diluído na padronização do quotidiano institucional geriátrico, referente á Solidão Emocional, realçando a necessidade de se desenvolver um esforço no combate á sua ocultação, bem como na construção e implementação de respostas que devem passar por Suporte Psicossocial ou Apoio Psicológico direcionado/personalizado, sendo que se afigura ainda pertinente a formação de um Grupo Terapêutico que se propõe trabalhar Competências Psicossociais como a manifestação de afetos e emoções.

Limitações e Direções Futuras

No que concerne às Limitações, assinalar que trabalhamos com uma Amostra que não será representativa da população portuguesa, atendendo á sua reduzida dimensão, não paridade em termos de sexo, homogeneização étnica (caucasiana) e inteiramente residente numa mesma zona do país, pelo que não permite generalizações ao nível dos resultados. Por outro lado, a inevitabilidade de realização de algumas Entrevistas, num momento mais tardio do dia, ditou a presença de alguma fadiga latente, por parte dos Entrevistados, que ainda assim, tentaram superá-la e demonstraram sempre intenso entusiasmo e mesmo gratidão, pelo momento de Escuta, que lhes foi exclusivamente consagrado.

Futuramente, importa trabalhar com Amostras significantes (maiores) e representativas da população portuguesa; ressaltar que será inquestionavelmente pertinente intensificar e ampliar Estudos, cuja temática se centre na identificação e revelação de Solidão Emocional Geriátrica, mesmo em ambientes institucionais (Residências Geriátricas, Centros de Dia e Centros de Convívio), que podem induzir uma leitura precipitada no sentido da assunção da sua ausência ou fraca expressão; formação de técnicos na sensibilização do fenómeno; dotação da presença de Psicólogos Especializados, nos espaços; realização de Estudos Comparativos de Presença de Solidão Emocional entre População Geriátrica que prolonga a vida laboral e a que não o faz; sempre com o foco no despiste da existência de Solidão Emocional, do seu Significado e Expressão, junto desta população: Estudos Comparativos Interculturais; entre população frequentadora de resposta institucional ou associativa e a outra; entre população com e sem filhos; entre população com e sem animal de estimação.

Conclusão

O nosso Estudo almeja contribuir para a visibilidade e combate à ocultação do fenómeno da Solidão Emocional Geriátrica, ainda parcamente abordado na Literatura, talvez porque a realidade, na atenção dispensada ao despiste e identificação da mesma, junto dos contextos existentes no terreno, como Residências Geriátricas, Centros de Dia ou Centros de Convívio e mesmo Espaços Termais, seja e é, na nossa perspectiva, negligenciada, tendo essencialmente na sua base, e encontrando-se de alguma forma justificada, por uma visão ignorante, desinformada e despreparada, que contribui para a manutenção e fortalecimento do Mito de que o idoso rodeado de outros e socialmente integrado, vê seguramente, as suas necessidades psicológicas, emocionais e afetivas, preenchidas.

Sabemos, recuadamente, desde as experiências em internamento psiquiátrico, que ambientes adotantes de comportamentos padronizados, rotineiros, homogeneizantes e que não atendem ou salvaguardam a singularidade e idiossincrasias do indivíduo, condenam à morte anímica e do Eu, afinal o que caracteriza a nossa espécie e nos confere a riqueza da diversidade e do único.

Fica mais um Alerta com o objetivo de nos despertar para a Aprendizagem na Destrinça dos Conceitos e Quadros de Solidão Social e Solidão Emocional, e para desenvolvermos um esforço no sentido de evitarmos assumir precipitada e incautamente que, a segunda não existe porque a aparência nos confirma a ausência da primeira. Esta atitude coloca-nos numa posição de responsáveis, cúmplices, coniventes com a Desumanização ou com a Negação da Humanidade.

Este momento Reflexivo e de Autodescoberta, encerra em si, igualmente, potencialidade terapêutica (Azeredo, 2018). Assim, urge libertar o indivíduo, do momento presente, sobretudo quando o mesmo é de especial fragilidade, não desprezando a sua história e o seu caminho, o que representaria uma forma de desumanização, que pode ser ainda exacerbada, quando nos confrontamos com ambientes padronizados e rotineiros (Azeredo, 2016). A este propósito, temos que, para que a pessoa aceite o envelhecimento como uma experiência positiva, torna-se necessário sentir que é desejada pelo outro, não se sentindo a mais, portador de uma saúde mental e física em boas condições e com uma elevada compreensão dos acontecimentos que povoaram o seu passado (Au et. al, 2015; Hofer et al, 2014); o que o autor nos traz é o facto de que um exercício (ressignificação de História de Vida), de aceitação e apaziguamento para com o percurso vital, viabiliza uma vivência positiva do Envelhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alaphillipe, D. & Bailly, N. (2014). *Psicologia do adulto idoso*. Edições Piaget.
- Amado, N. M. B. S. (2008). *Sucesso no envelhecimento e histórias de vida em idosos sócio-culturalmente muito e pouco diferenciados* (Tese de Doutoramento, Instituto Superior de Psicologia Aplicada). Repositório ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/39>
- Azeredo, Z. (2016). *Envelhecimento, cultura e cidadania*. Edições Piaget.
- Azeredo, Z. (2018). *Envelhecimento ativo: Processo Scsiocultural*. Edições Piaget
- Azeredo, Z. (2019). *Teoria e prática em investigação qualitativa*. Edições Piaget.
- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barracho, C. (2001). *Psicologia social: Ambiente e espaço - conceitos, abordagens e aplicações*. Instituto Piaget.
- Berryman, J. C., Hargreaves, D., Herbert, M. & Taylor, A. (2002). *A psicologia do desenvolvimento humano*. Instituto Piaget.
- Bobillier-Chaumon, M.E. & Sarnin, P. (2012). *Manual de psicologia do trabalho e das organizações: As implicações psicológicas do trabalho*. Edições Piaget.
- Bon, G. L. (2021). *A psicologia das multidões*. Letras Errantes.
- Carvalho, A. M. (2023). *Viver só: Portugueses esmagadoramente sós*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Ceartil, M. (2006). *Gestão e desenvolvimento de competências* (2nd ed.). Edições Sílabo.
- Cerclé, A. & Somat, A. (1999). *Manual de psicologia social*. Instituto Piaget.
- Chabrol, C. & Radu, M. (2010). *Psicologia da comunicação e persuasão: Teorias e aplicações*. Instituto Piaget.
- Coimbra, J. F. M. (2008). *O sentimento de solidão em idosas institucionalizadas: A influência da autonomia funcional e do meio ecológico* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa). Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/947>
- Correia, A. I. (2019). *Gestão de emoções: Para professores e educadores - 45 Exercícios Práticos*. Livros Horizonte.
- Espírito Santo, M. F. (2007). *O apoio social e as estratégias de coping na qualidade de vida do insuficiente renal crónico idoso* (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Bissaya Barreto). Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/29495>

- Ferreira, F. J. (2022). *Análise existencial do percurso de vida nos idosos*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Piaget Almada). Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/42133>
- Fialho, J. (2021). *Manual para a intervenção social: Da teoria à ação*. Edições Sílabo.
- Firmino, H., Simões, M. R. & Cerejeira, J. (2016). *Saúde mental das pessoas mais velhas*. Lidel.
- Fischer, G. N. (2002). *Os conceitos fundamentais da psicologia social*. Instituto Piaget.
- Fonseca, A. M. (2005). O envelhecimento bem sucedido. Em P. Constança, & F. António (Eds.), *Envelhecer em Portugal: Psicologia, saúde e prestação de cuidados* (pp.281-311). Climepsi Editores.
- Freitas, P. C. B. (2011). *Solidão em idosos: Perceção em função da rede social*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa). Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/8364>
- Gineste, Y. & Pellissier J. (2007). *Humanidade: Cuidar e compreender a velhice*. Instituto Piaget.
- Gonçalves, D. P. (2022). *Isolamento social e satisfação com a vida em pessoas mais velhas que vivem na comunidade*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra). Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/42069>
- Gonçalves, S., Gonçalves, J. & Marques, C. (2021). *Manual de investigação qualitativa: Conceção, análise e aplicações*. Factor.
- Haro, F. A., Serafim, J., Cobra, J., Faria, L., Roque, M. I., Ramos, M., Carvalho, P. & Costa, R. (2018). *Investigação em ciências sociais: Guia prático do estudante*. Factor.
- Lejeune, C. (2011). *Manual de análise qualitativa: Analisar sem contar nem classificar*. Edições Piaget.
- Lemaire, P. & Bherer, L. (2012). *Psicologia do envelhecimento: Uma perspetiva cognitiva*. Instituto Piaget.
- Lemaire, P. (2019). *Envelhecimento cognitivo e adaptações estratégicas*. Edições Piaget.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (2012). *Investigação qualitativa: Fundamentos e Práticas*. (5th ed.). Instituto Piaget.
- Levet, M. (1998). *Viver depois dos 60 anos*. Instituto Piaget.
- Leyens, J. P. & Yserbyt, V. (2015). *Psicologia social*. Edições 70.
- Lima, M. L. P. (2018). *Nós e os outros: O poder dos laços sociais*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Lousã, M. D., Santos, J. D. & Cabral, A. P. (2018). *Como fazer trabalhos académicos: Guia prático para elaborar projetos, relatórios, teses, dissertações, artigos e muito mais*. Porto Editora.
- Matos, M. R. M. (2020). *Avaliação da qualidade organizacional de um serviço de saúde ocupacional* (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa). Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/37101>
- Moreira, P. (2022). *Gerir emoções: Um guia prático*. Idioteque.
- Neves, J. G., Garrido M. V. & Simões, E. (2006). *Manual de competências pessoais, interpessoais e instrumentais: Teoria e prática* (3rd ed.). Edições Sílabo.
- Nogueira, M. L. M., de Barros, V. A., Araujo, A. D. G., & Pimenta, D. A. O. (2017). O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 466-485. http://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2454
- Parreira, V. P. T. (2022). *A Solidão nos idosos: O efeito preditivo dos afetos negativos*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Piaget). Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/41523>
- Paúl, C. & Fonseca, A.M. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Climepsi Editores.
- Paúl, C. & Ribeiro, O. (2012). *Manual de gerontologia: Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lidel.
- Paulino, M. & Dumas-Diniz R. (2020). *A Psicologia da pandemia: Compreender e enfrentar a covid-19*. Pactor.
- Pereira, D. A. R. (2015). *A experiência subjetiva da ideação suicida em estudantes universitários numa perspetiva fenomenológico-existencial* (Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida). Repositório ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/4488>
- Prieto, G. B. (2013). *Comunicação eficaz: Teoria e prática da comunicação humana*. Escolar Editora.
- Ribeiro, L. I. O. (2011). *Positividade: Intervenção em grupo com pessoas idosas*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra). Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/17721>
- Robert, L. (1994). *O Envelhecimento*. Instituto Piaget.
- Rosa, M. J. V. (2012). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Rosenthal, G. (1993). Reconstruction of life stories: Principles of selection in generating stories for narrative biographical interviews. *The narrative study of lives*, 1(1), 59-91. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-59294>
- Sequeira, C. (2010). *Cuidar de idosos com dependência física e mental*. Lidel.
- Sequeira, C. (2016). *Comunicação clínica e relação de ajuda*. Lidel.
- Silva, A. P. P. (2021). “*ParedesdeAfecto*”: *Projeto de intervenção psicossocial com pessoas em situação de isolamento social*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto). Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto. <http://hdl.handle.net/10400.22/17635>

ANEXOS

Anexo A – Guião da Entrevista

1. Pode contar-me a História da Sua Vida? Pode começar por onde entender. Não o(a) interrompo, até concluir.

Tópicos a Ser Abordados, caso não Sejam Mencionados:

1. Pode falar-me da relação com a sua Família? Que significado tem para si.
2. Gostaria que me falasse sobre Sentimentos de Solidão que possa ter vivido.
3. O que decide fazer ou que atividades desenvolve, para Combater a Solidão? Em Casa, aqui no Centro de Dia ou noutros Contextos.
4. Frequentar o Centro de Dia, ajuda a Atenuar a Solidão?
5. O que sente ao partilhar a sua História de Vida?
6. O que sente ao viver este momento exclusivamente dedicado a si?
7. Gostaria de viver mais momentos como este, com Privacidade e em que lhe é dedicada Total Atenção?

Anexo B – Consentimentos Informados Para Participação na Dissertação de Mestrado

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmo que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmo, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresagulgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 16 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Maria aliu Pereira dos Santos

(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmo que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmo, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresaglgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 16 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Miranda Rita Mendes Bastos

(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmo que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmo, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresaglgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 16 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Maria de Lourdes Pires Faustino

(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmo que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmo, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresaglgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 17 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Maria Odete Marcelino de Almeida

(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmo que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmo, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresaglgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 17 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Elvir H Azeredo

(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmando que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmando, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresaglgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 18 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Jose' Agostinho Vinagre
(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmo que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmo, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresaglgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 18 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Julia Dantas dos Santos

(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmando que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmando, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresaglgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 24 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Garcia Joas P. Pereira

(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmo que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmo, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresaglgarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 24 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Elisa Salbino

(Assinatura)

Consentimento Informado

Consentimento Informado Para Participação na Dissertação de Mestrado

No âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, ministrado no Instituto Piaget de Almada, a mestranda concebe e desenvolve uma Dissertação, que consiste na recolha de Histórias de Vida, de Pessoas Idosas, orientada pela Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto.

O envolvimento do/a participante é voluntário, podendo decidir não participar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar, solicita-se que assine este Consentimento.

Confirmando que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o/a mestrando. Confirmando, ainda, que, a qualquer momento poderei contactar a pessoa responsável pelo Estudo:

Ana Teresa Gonçalves Loureiro Garcia / anateresagarcia@gmail.com (orientanda)

ou

Professora Doutora Sandra Gaspar Roberto / sandra.roberto@ipiaget.pt (orientadora)

Almada, 25 de Agosto de 2023

(Local, Data)

Maria de Fátima Barros

(Assinatura)

Anexo C – Transcrição das entrevistas

Legenda: E1 - Entrevistado(a) 1

I - Investigadora

----- : Omissão, para salvaguarda de dados pessoais.

(-----): Impercetível.

Entrevista 1

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 79

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Viúva

Número de Filhos: 2

Com quem vive / coabita: Sozinha

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Doméstica

Utente do Centro de Dia há Cerca de 10 anos

E1: ...mais ou menos...vivo sozinha em casa, os meus filhos têm a casa deles e eu tenho a minha e tou na minha casa. Não gosto muito de tar sozinha, pela solidão, mas...a gente tem que se habituar, habitua-se a tudo. A minha companhia é a televisão...vejo televisão e pronto tou assim...até ir para a cama, até conseguir...e durmo... durmo bem. Pronto...tive uma vida feliz, graças a deus, e...o meu marido deixou-me dois filhos, são a minha companhia e são eles que me ajudam, mais nada. Pronto, é assim.

I: ...nasceu em Lisboa...

E1: Nasci em Lisboa na Maternidade Alfredo da Costa no dia 22 do 10, mil nove e quarenta e três.

I:...e portanto, a senhora...o seu marido já partiu há algum tempo...

E1: Sim, há 5 anos, pelo menos.

I: Neste momento vive sozinha...

E1: Na minha casa, foi o que eu já disse aqui.

I: Os dois filhos...

E1: Eles têm a casinha deles...não é que o meu mais velho pelo menos queria que eu fosse para o pé dele porque tem casa para eu poder tar, mas eu não quero. Enquanto eu tiver o meu pensamento eu tou na minha casa. Não quero sair da minha casa. E depois venho pra qui, tou distraída, pronto. Tou menos tempo em casa sozinha, fazemos atividades, temos desenhos, ela puxa por nós, pela cabeça, porque a cabeça é o mais importante, fazemos ginástica, ainda hoje tivemos a fazer ginástica. E é isto. Eu gosto de tar aqui porque enquanto tou aqui, pronto, tou acompanhada. Vão-me buscar de manhã às nove e meia e depois levam-me às quatro, quatro e meia, mais ou menos. E é assim.

I:...aqui, no fundo, atenua a sua solidão, não é...

E1: Sim, sim, sim, sim! Já fiz aqui várias amigas. Umas que ainda tão cá, outras que já não tão. Mas fiz aqui várias amigas. E continuo a fazer. Eu gosto de ajudar toda a gente. E enquanto eu puder ajudar, é o que eu gosto de fazer. Eu gostava de ser voluntária, mas já não tenho idade pra isso. De maneira que, enquanto eu puder ajudar, eu vou ajudando, que é pra depois, quando eu precisar, me ajudarem a mim.

I: Partilhar um bocadinho da...

E1: Da minha vida...

I:...da sua vida, do seu caminho, assim em privado, como estamos, sabe-lhe bem? É bom partilhar um bocadinho da sua vida?

E1: É, é, é, é, é! É sim senhor! A nossa Animadora, eu converso muito com ela e ela ajuda-me naquilo que...ela sabe dos meus problemas, quando eu tenho qualquer problema, com ela vou falar, e ela depois ajuda-me...ó ----- tenha calma, faça assim, faça assado e a coisa tem resultado!

I: Sim, senhor.

E1: Que eu também sou um bocado nervosa e tudo me faz confusão. Mas pronto, tenta-se ultrapassar isso.

I: Então, estes bocadinhos de diálogo a dois, é bom?

E1: É bom! É bom, é! É bom! Porque desabafo e ela aconselha-me o que é que hei-de fazer, o que é que não hei-de fazer. Pronto, e é assim. É bom! É muito bom!

I: É muito bom!

E1: É muito bom, sim senhora!

I: Sente que está a partilhar um bocadinho da sua história...

E1: E tenho acompanhamento que é de primeira porque vamos para a ginástica... -----faça assim, ----- faça assado...se a ----- não faz... ----- então, não é assim, é do outro lado, é a direita, é a esquerda. Pronto, vamos fazendo assim...e estamos bem. Enquanto eu puder tar aqui, tou aqui. Quando não puder tar, depois logo se vê.

I: Então, quer dizer que a si lhe faz uma grande diferença, quando chega aqui...sente-se acompanhada...

E1: É! É sim senhora! Tou melhor do que tou em casa porque realmente em casa tou sozinha e aqui tou acompanhada. É como eu digo, já fiz amigas, umas que ainda tão cá, outras que já não tão, foram pra lares e assim...mas pronto, eu faço a minha vida, na mesma.

I: E a senhora teve um casamento ainda de muitos anos...

E1: Eu tive casada 54 anos. Eu casei com 20 anos. Fiquei grávida já com 21. Depois nasceu o meu filho mais velho; e quando o meu filho nasceu, ele foi difícil de nascer e eu disse para o meu marido: “Olha, eu não quero mais filhos! Não quero mais filhos!” e ele disse assim: “Tábem, tu é que sabes!”. Depois, com o tempo, fomos falando, diz ele assim; “Olha, um filho só não é nada, filha! Porque é que a gente não vamos tentar outro?”, “Olha, vamos lá tentar outro!”. Fiquei grávida do mais novo; o meu mais novo ajudou muito o pai quando foi na situação da doença dele e ajudou-me a mim porque ele ia todos os dias, todos os dias lá a casa por a máscara ao pai para o pai poder respirar e eu depois de manhã tirava-lha e andamos assim um ano e tal; ele depois começou a ficar pior, com muita falta de ar, acordávamos...acordava ele aí às quatro, às três da manhã, com a falta de ar: “Ai, eu vou ali para a janela!”. Ele vinha para a janela para tomar ar e eu vinha com ele. E ele dizia-me assim: “Vai-te embora, vai lá pra dentro, vai-te deitar.” Digo assim: “Não, eu não me vou deitar, quando fores é que eu me vou deitar”. Tudo isso, sim senhora. Depois, comecei a ver que ele tava pior, comecei a telefonar pra medica a dizer que ele tava pior, tava com mais dificuldades, e depois mandaram a gente ir lá, mandaram uma carta pra ele ir lá á consulta; quando ele foi á consulta, a médica teve a vê-lo e diz assim: “Ó senhor ----- , o senhor tem um cancro no pulmão; os dois pulmões estão destruídos e o coração também do esforço que tem feito, também tá na última. Então e agora o que é que o senhor quer fazer?”. “Nada. Olha, mandem-me para qualquer lado para eu ter auxilio”. Mandaram-no para os paliativos, foi pra Lisboa, foi lá, pronto lá teve, teve lá um ano e tal também, foi muito bem tratado, não lhe deram a vida porque não podiam, que era impossível, mesmo a médica disse: “O senhor vai, mas vai consciente de que não vai ter cura”. “Aí, eu só não quero é sofrer”. E então, pois realmente não sofreu, não sei o que é que lhe deram, se foi comprimidos se o que é que foi, ele morreu, não deu por nada. Eu não me apercebi que o meu marido tinha morrido. Quando ele disse-me assim: “O meu filho?” Que ele tava consciente. “O ----- foi a casa buscar a máscara, que ele não sabia, foi buscar a máscara. Não tens sono?”. “Não”. “Então deixa tar, agarra lá a minha mão”. E agarrou a minha mão. Digo assim:”Olha, quando ele chegar, eu digo.”Tábem”. Ficou assim até o filho, ora vir de lá de Lisboa até aqui, levou prai uma hora e meia, prai”. Depois, quando ele chegou, diz ele assim:” Ai! Já cá tá o -----”, como quem diz “Vou ficar mais aliviado”. Puseram-lhe a máscara e pronto, e depois acabou por ficar bem. Bem...perguntavam-lhe o que é que ele queria comer, o que é que dantes... perguntavam-lhe “O que é que o senhor quer comer? O que é que gosta? O que é que não gosta?”. Ele dizia: “Olhe, eu gosto de tudo, não sou esquisito, mas agora perdi a vontade de comer. Com esta doença eu sei que se perde a vontade de comer”. “Então vamos lá experimentar, o que é que a sua senhora lhe faz?”. “Olhe, ela coitada pergunta-me o que é que tu queres?”. E eu digo “Olha, e se fizéssemos uma caldeiradazinha?”. “Tábem”. Eu ia á praça, comprava o peixe, arranjava o peixe e depois dizia-lhe assim: “Olha -----, já tá o peixe arranjado, já tá as batatas cortadas”. “Olha, corta as batatas fininhas”. “Tábem”. “Já tem o tomate, já tem o pimento”. Tudo isso. Diz ele assim: “Não ponhas água! É o vinho! É vinho é que se põe na caldeirada!”. “Tábem”. Eu fiz a caldeirada...a senhora comeu? Ele também não comeu. Fui eu que comi mais o meu filho depois. Porque ele perdeu a vontade de comer. E eles tudo lhe experimentaram, farinha Cérelac que a neta lhe fazia também, e ele gostava muito da

farinha, e a neta fazia e ele comia, depois comecei também a fazer e ele comia, mas depois pronto, também enjoou ou não sei. Era assim, olha. Fiz tudo, o possível e o impossível não serviu para ajudar o meu marido. Mas ele chegou a andar...naquela altura que ele tava ali mal, eu não me apercebi que ele tava a falecer. E quando o filho chegou foi quando ele se despediu do filho. E o meu filho tirou uma fotografia ao pai e mandou ao irmão e o irmão disse-lhe assim: “Então, mas a mãe já se apercebeu que o pai faleceu?”. “Não, a mãe não se apercebeu”. “Então não digas nada. Que eu amanhã vou lá ter com ela e a gente depois fala todos”. Bem, no dia a seguir quando eles foram lá, tocam-me á porta e eu vou para lhe abrir a porta e vejo o meu filho...os dois, não é...e a minha nora e não sei quê, disse...Ai! Meu Deus! Quando o filho chegou cá cima, digo assim: Oh filho! Então! Não me digas que o pai faleceu! “Ó mãe, foi! O pai faleceu, prontos! Olha! Agora não te quero ver assim”. Pronto, eu...digo assim...á, olha pronto...ficou, passou. Passou, não passou porque ainda custa um bocado. Mas vai indo, com o tempo vai indo. Mas pronto. É assim, é como eu digo: tive um casamento de 54 anos, tive muitos problemas, eu tinha outro, até que me adaptei ao feitio dele, ele dizia-me assim “Olha quando ele tiver que chegar a casa chateado, não digas nada. Não digas nada que é pra ele não ficar mais chateado. Fica calada”. Tá bem. E eu fazia isso. Ele chegava, via que ele tava aborrecido, qualquer coisa que tinha corrido mal no trabalho ou assim, mas não lhe vou dizer nada. E depois aconteceu várias vezes até que depois eu digo assim: não, não pode ser, tenho que começar a reagir: “Olha, atão como é que é? Eu agora vou começar a responder”. “Ai é?!”. “É”. “Então tá bem, responde-me lá!”. E ele perguntava e eu respondia. “Tá bem, tá bem, tens razão”. Mas o meu marido nunca me pediu desculpas. Nunca me disse assim: Olha, desculpa porque realmente eu não tive paciência ou não sube, pronto...mas isso ele também só tinha a quarta classe e já fez a quarta classe depois de homem, quando foi para a Marinha. Foi para a Marinha, era gourmet, teve na Marinha não sei quanto tempo, e quando foi para a gente se casar, ele teve de pedir autorização para casarmos. Eu tenho lá a certidão dele da Marinha, diz tudo, como ele tinha 25 anos teve de pedir autorização para poder casar. E eles: Sim, senhora. Depois, pronto...pois está casada com fulano tal e nan nan nan nan, pronto. E eu, através disso trataram-me da minha reforma, da minha reforma...á, como é que é? Subsídio do funeral e não sei que mais e essas coisas todas. Pronto, a partir daí trataram-me disso. O meu filho é que falou com a assistente social, lá me trataram disso e pronto e fiquei com a reformazinha, quer dizer, aumentou um bocadinho porque foi atribuída a do meu marido também. E tem tado a ser assim. Pronto e olhe, a vida vai-se fazendo aos poucos e poucos. Pensar em casar novamente nem pensar, nem pensar! Meter outra pessoa na minha casa, nem pensar! Não, não ia meter um homem na minha casa, a dormir na cama onde o meu marido dormia, nem pensar, nem pensar! E acho que se eu fizesse isso que era um desgosto para os meus filhos, também! E eu não quero...não queria, nem quero, pronto! Brinco aí, não sei que. Olhe, aquele senhor que ta ali gosta muito de beijinhos, quando chega aqui, de manhã “Bom dia...estas meninas lindas, não sei que!”. Todos os dias, um beijinho. “Aí eu gosto tanto destas meninas, são umas meninas lindas, têm um coração muito bom, não sei que, não sei que!”. E olhe, pronto, não faço isso com toda a gente. É assim. E pronto, é a minha vida. A vida vai pra frente. Tenho os meus filhos pra me ajudarem, tenho as minhas netas, tenho três netas e um neto; as minhas netas...o meu neto está mais afastado, porque, pronto, é rapaz, penso eu, porque é rapaz, mas quando é preciso alguma coisa, o pai telefona-lhe: “Olha, vens aqui ao pai para ajudar a avó, não sei que”. E ele vem. Eu digo assim: Então -----, tu não és capaz de vir fazer uma visita á avó? “Ó avó eu tou a trabalhar, não sei que, tenho a minha vida, não sei que”. Porque o meu filho separou-se da mãe do moço e o moço ficou com a mãe. Mas o meu filho

ajudou sempre o filho, sempre até ele ir para a faculdade, ajudou muito o filho, dava-lhe uma mesada, porque podia, não é? Dava-lhe uma mesada para ele ir estudar... estudou, agora já tá empregado, nem sei, já não me lembro onde é que ele tá empregado, pronto. Mas já tem a vida dele organizada, tem o seu dinheirinho, tá com a mãe, não sei que, mas não larga a mãe, não larga a mãe nem por nada. Vai para o pai... ou telefona ao pai: “Ó pai, amanhã... ou no domingo posso ir aí almoçar?”. “Podes. Já sabes que vens quando quiseres. Vem.” E lá tá. Eles não perderam o contacto um com o outro e ele também se perdesse o contacto com o pai, era injusto, pa aquilo que o pai lhe fez. Que ele hoje tá bem, pode agradecer ao pai. Que o pai investiu muito nele. Incentivou-o sempre: “Vai estudar, vai estudar, vai estudar!”. E pronto, e é assim. Mas é o que eu digo: gostava que ele às vezes me viesse visitar e assim, mas, não sei, não vem. Mas olhe, tenho as outras que também me telefonam: “Avó, tás boa?”. “Tou bem, obrigada”. “Tá tudo bem?”. “Tá tudo bem”. E vou-me consolando assim. Esta daqui também é o que me dá mais apoio. Agora vai de férias no sábado, vai com a irmã para o Piodão. E vão lá tar uma semaninha de férias. E é assim a vida. Mas disse-me logo: “Ó mãe... ó avó, quando for preciso alguma coisa, já sabes, ligas, tá lá o pai e falas com o pai e o pai ajuda-te naquilo que for preciso”. “Tá bem filha, obrigada”. “Olha, tenhas umas boas férias. Tem cuidado filha, não largues a tua irmã”. “Tábem, eu ando sempre com a minha irmã”. Que a outra é mais velha, não é? Ela tem 15 e a outra tem vinte e não sei que também... é um bocadinho mais responsável, não é? Pois, é isto.

I: Mas os netos não a visitam muito...

E1: Não, o mais velho não. As outras é como eu digo, é quando o meu filho pode vir que as trás e vão lá e tão comigo. Pronto, é assim. Tenho as fotografias delas na minha mesa de cabeceira, na minha cómoda. Olha, boa noite, boa noite, tás boa? Quando passo, falo assim. Quando telefonam: “Então avó como é que tu tás?”. “Tou bem”. “E tu?”. “Também tou bem”. “Então, o que é que andaste a fazer?”. “Olha, fiz isto, fiz aquilo”. “Aí, fizeste muito bem”. Pronto, conversamos assim. É assim. Tem me custado muito, muito, muito a solidão. Mas vou combatendo assim, como eu digo, vou combatendo assim a solidão. E olhe, tem que se viver.

I: Aqui este espaço...

E1: Foi o melhor que podia me acontecer, pra mim. Eu não queria vir pra aqui, mas o meu filho, “mamã, não vais ficar sozinha, não, não te quero aqui sozinha em casa, a olhar para as paredes e a pensares no pai. Não, não ficas aqui sozinha. Vou...”. Inscreveu-me aqui, veio saber se eu tinha vaga, sim senhora, pronto e a partir dai vim pra aqui. E ainda bem que eu vim pra aqui. Eles assim tão descansados, sabem que eu que tou bem. E agora quando for as férias, isto não fecha. Eu fico em casa e vou e venho pra aqui. Se ele me quiser vir buscar pra ir pra lá para o pé dele uns dias, tenho que avisar aqui. Vou e depois quando tou lá aqueles dias, depois volto e fica tudo normal. Depois logo se vê. E é assim.

I: Mas já é mais fácil quando regressa a casa ao fim do dia...

E1: É, é, é, é, é! Vou-me entretendo com as coisas, vou lendo. Vou também entretendo com as coisas, vou fazendo renda, tou assim entretida e pronto e passa o tempo. Num instante chega as oito horas. Depois vou aquecer o comer, a sopinha. Como a sopa e ta... e pronto. O meu filho mandou fazer obras na minha casa porque eu tive um problema lá na casa de banho com o esgoto. Aquilo foi horrível! E então teve que chamar lá um técnico, recomendado pelo condomínio, pelo prédio, não é? E o técnico foram ver e não sei que e ele havia uma rutura na

canalização e aquilo tinha que ser tirado; eles localizaram o problema, tiraram aquilo. E então, pois, as sanitas eram cor-de-rosa, tanto faz a sanita como o bidé e o lavatório, e ele veio, diz assim, disse para o meu filho: “Olhe, as loiças estão boas, se quiser aplica-las na mesma, podemos aplicar, mas não lhe garanto que durem muito mais tempo, eu aconselhava a que o senhor pusesse tudo branco”... pôs tudo branco, pôs poliban, pôs isso tudo e agora comecei a ter um problema lá com água, que me aparecia água no lavatório, fui pedir ao meu vizinho de baixo que é a única pessoa ali no prédio, que me ajuda, nesse aspeto, é impecável, ele e a mulher dele, tão sempre: “Ó ----- se precisar de alguma coisa, toque ali á porta, que a gente vem cá e ajuda”. E então fui lá e ele foi ver e diz ele assim: “Olhe, vou comprar ali silicone e já lhe venho arranjar isto”. “Tábem”. Foi comprar o silicone, lá pôs o silicone, ele percebe daquilo, pôs o silicone onde tinha de pôr e nas mangueirazitas e não sei que. Diz ele: “Agora espera ai uma hora, mais ou menos, que é pra isto secar, daqui a bocadinho vem aqui e experimenta, não pode é carregar com muita força aqui, devagarinho que é pra isso fecha e depois abre”. “Tábem”. Comecei a fazer isso, pronto, acabou o problema, o problema acabou, porque o meu filho telefonava para o tipo que andou a fazer as obras e ele já nem lhe atendia o telefone, ele sabia com certeza como é que deixou...ele sabia como é que tinha deixado aquilo, ele nunca mais atendeu o meu filho, se não fosse o meu vizinho, eu ainda tava a penar, mas pronto é assim, o meu filho depois agradeceu ao senhor, eu agradeci também. “Atão, olha, a gente tamos cá é pra nos ajudarmos uns aos outros”. E realmente, há qualquer coisa que eu tenha, problema: “Ó sr.----- , olhe...”. O meu relógio da mesa de cabeceira é elétrico, se falta a luz já não dá, eu depois já não sei arranjar, ele é que vai lá e põe, é assim. Por isso, eu tenho muita sorte com aquele vizinho e ca mulher dele, também. É assim. Ele conheceu o meu marido, chegou a lá ir, ainda o meu marido era vivo. E uma vez também as janelas da casa de banho estragaram-se e eu tive que mandar...havia lá o vidraceiro ao pé de mim, agora já não há, fui lá e aquilo tava fechado, e depois tava lá a hora a que ele abria; e eu, o que é que eu fiz? Vim trazendo uma janela de cada vez, pra baixo, e ele viu: “Então D.----- , o que é que se passa?”. “Olhe, isto, as janelas são de madeira, eu agora partiu-se um vidro e não sei que e agora vou por ali ao senhor...”. “Ah, então tábem, então depois quando voltar diga, que eu vou lá ajudar a pôr as janelas”. E foi, pronto, assim que eu disse: “Olhe, o senhor já me veio aqui...”. Então pronto, lá me pôs as janelas e ainda é as que tão lá postas, pôs um vidro, pronto, inda é as que tão. Eles pintaram-me a casa toda de branco porque os tetos da minha sala, a tinta tava toda a estalar e o meu filho diz assim: “Olhe, já viu como é que isto está?”. “Ah, realmente isto tem que ser tudo raspado e tudo pintado como deve ser; rasparam aquilo tudo, pintaram, tá tudo branquinho, portas e tudo, branco, tá muito bonita a minha casa agora; dá gosto tar lá dentro, assim; mas foi aquela ralação que eu tive ali, um bocado, pronto. O meu filho, coitado: “Ó mãe já não sei o que é que hei-de fazer, eu telefono pra ele, ele não me atende”. Digo eu assim: “Pois, porque ele sabe o berbicacho que aqui deixou. E se não fosse aquele senhor, eu ainda táva á espera. Mas pronto, já tá tudo resolvido”. Ele agora já me disse assim: “Ó mãe, sabes se o sr. ----- , bebe vinho?”. “Ó filho, sei lá agora se o sr. ----- bebe vinho; eu vejo-os a passar é com os garrafões da água. “Atão, hádes-lhe perguntar”. Digo eu assim: “Tábem, atão porquê?”. “Ah, assim oferecíamos-lhe uma garrafinha, nem que fosse, de vinho do Porto. “Tábem, sim senhor”. Ainda não perguntei, mas depois hei-de comprar, e depois vou lá levar, nem digo nada. É assim. É a vida. O meu mais novo mora aqui no Laranjeiro: “Ó mãe, precisas de alguma coisa?”. “Olha filho, preciso de leite, preciso de não sei que, lá lhe digo o que é preciso”. “Atão eu vou buscar e já te vou ai levar”. “Tábem”. Vai buscar o leite, fiambre, fruta, o que eu lhe peço e levanta-me dinheiro, que eu não levanto dinheiro, também. “Tábem”. Ele depois faz

esse trabalho todo, vai-me lá levar: “Olha, já tens aqui leite, agora já tens pra uma semana”. “Pois, tá bem”. Eu dei uma queda quando fui ao mini-preço, ainda tá cá a marca e isto foi assim um bocado, pra mim, violento, porque eu fui bem ao mini-preço, ia buscar, fiambre, vá lá, e queijo e não sei que...quando sai, quando sai, tropecei numa pedra, tropecei numa pedra ali, cai, fui de ventas ao chão...bem, eu fiquei...apanhei um susto tão grande, tão grande...e vem um rapaz que conhece-me, que era parente ainda da pequena da farmácia e tinha vindo a sair do mini-preço...: “Aí, eu ajudo, ajudo!”. O rapaz veio pra ajudar, mas ele sozinho não conseguia, teve de vir outro, (-----), lá ajudou, lá me conseguiram levantar, trouxe-me até ao café do sino doce e chegou ali e disse assim pra senhora: “Olhe, eu posso deixar aqui esta senhora que, (eu levava a camisola toda suja de sangue) caiu ali e não sei que, não sei, que e a senhora tá assim um bocado nervosa e a senhora disse: “Aí, sim senhora. Pode sim senhora, o que é que quer? Quer um copinho de água? Pode ficar aqui o tempo que for preciso”. Tive ali, deu-me um copinho d’água pra eu acalmar um bocado e depois quando eu senti que já tava mais calma, digo assim: “Olhe, eu vou-me embora, vou andando”. Diz ela: “Então, vai? Então, veja lá!”. “Eu vou devagarinho”. “Tenha cuidado”. Digo assim: “Eu vou devagarinho. É que eu ainda tenho que ir á farmácia pra me fazerem o penso”. “Então vá devagarinho, olhe se for preciso alguma coisa, volte cá outra vez”. Digo eu assim: “Aí, muito obrigada”. Eu tive essa sorte assim. E fui devagarinho, cheguei lá á farmácia, onde tava o rapaz ainda a trabalhar. Digo eu assim “Olhe, já dei um trambolhão!”. “Atão?!” Depois tive-lhe a dizer, ele foi ver, diz ele assim: “Atão, vamos lá ali pra dentro”. Cadeirão, pôs-me ali no cadeirão e foi-me desinfetar aquilo com betadine e depois pôs-me um penso e diz-me assim: “Olhe, se calhar isto vai ter que levar um pontinho”. “Aí, não me fale em pontinhos, pela sua saúde!”. Diz ele assim: “Não! A senhora vai pra casa, agora eu pus-lhe o penso, daqui por um bocadinho tira o penso, desinfeta outra vez com betadine, (“Tem lá betadine?” “Tenho”.) e deixa ficar ao ar que é pra secar. E foi isso que eu fiz. E pronto, a partir dai fiquei bem. Eu só agradeçi ao rapaz: “Aí, obrigada pela ajuda que me deu”. Diz ele assim: “Oh, minha senhora, atão, não fui obrigado a ajudá-la. Eu vi que a senhora tava aflita, só tinha era que ajudar, mai nada”. Tá a ver, no fim até tenho sorte porque ainda tenho pessoas que me ajudam. Nos conhecidos eu sei que me ajudam, nos desconhecidos, não sei, mas também não me interessa. E é assim.

I: E sabe-lhe bem, estar a partilhar, a reviver a sua história...

E1: Claro, claro! É verdade! É verdade! São coisas que não esquecem. Ficam pó resto da vida.

I: É uma forma, se calhar, de...

E1: Aliviar, aliviar um bocadinho. Acho que é de aliviar.

I: É?

E1: É. Alivia a minha carga.

I: Alivia a sua carga?

E1: Sim, senhora.

I: Então, se calhar, se tivesse estes momentos de partilha, em privado, como estamos a ter, mais vezes, seria...a senhora sente que seria...

E1: Sim! É bom! É bom! Mas também não vale a pena mais porque, pronto, já dissemos o que tínhamos a dizer. A senhora não vai tar agora, a vir cá outra vez, pra falar comigo, porque eu já disse aquilo que se passa e o que sinto. E pronto. Aqui tou. Tenho a minha ajuda.

I: D. -----, muito, muito obrigada...

E1: De nada, obrigada eu.

I: Obrigada eu pela sua generosidade...pela sua generosidade e pela sua partilha. Muito obrigada pela generosidade...

E1: Muito obrigada, digo eu, muito obrigada á senhora, também.

I: Muito obrigada por ter partilhado a sua história tão rica e tão bonita, comigo. Ter tido essa generosidade.

E1: E dolorosa. Ao mesmo tempo, dolorosa, não é? Ao mesmo tempo, dolorosa, uma história dolorosa. Mas pronto, é o que a vida...a vida tem que ir prá frente.

Entrevista 2

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 88

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Divorciada

Número de Filhos: 1

Com quem vive / coabita: Sozinha

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Empregada de Balcão

Utente do Centro de Dia há Cerca de 8 meses

I: Pode, começa com sou a -----

E2: Pois...mas é preciso dizer d'onde é que eu nasci, mas atão depois fui... os meus pais foram viver... era Guarda Republicano no parque... depois fomos viver aqui para Almada e eu cresci, fiz a escola.

I: A Sra tem... a sua idade é?

E2: 88.

I: 88.

E2: Exatamente.

I: Sra Dona -----.

E2: -----.

I: Sim senhor.

E2: -----.

I: Sim senhor e então diga, nasceu em...

E2: Nasci em azeitão depois o meu pai era Guarda Republicano e então depois veio aqui para Almada e nós viemos aqui para Almada viver. Quer dizer, depois eu fui crescendo, fui empregada de balcão em Lisboa muitos anos. Primeiro foi... pois..., depois fui também aqui empregada em Almada também depois disto tudo... agora tou reformada e venho aqui para o centro para não tar sozinha, porque eu tou sozinha não tenho ninguém. Pronto os meus já morreram, os irmãos e a minha mãe, o meu pai, já fiquei sem ninguém. Eu tou sozinha, tenho o meu filho, sou divorciada, tenho o meu filho e pronto e venho prá qui pó centro.

I: A Sra. teve um casamento ainda de quantos anos?

E2: O meu filho agora já é um rapaz para...quer dizer... uns 50 e tal ... já tem 50 e qualquer coisa de anos.

I: O seu filho.

E2: Sim.

I: ... Então a Sra. esteve casada com o pai do seu filho ...

E2: Sim sim...

I: Quantos...?

E2: ... Pois também não sei...

I: Não sabe quantos anos?

E2: Pois mas ... também não arranjei mais ninguém e pronto aquilo teve um fim, depois dá-se o caso de ...

I: Optou pelo divórcio foi isso?

E2: Exatamente, ele já morreu também à muitos anos, portanto...(-----) pronto ele já faleceu e eu fiquei na minha casa e tenho o meu filho e ele fez ... fez a vida dele e agora vim para aqui. Para não estar sozinha em casa vim para aqui, não estou mal também tou bem, converso vou pra casa sempre um bocadinho mais animada.

I: Vai mais animada para casa?

E2: Sim nós aqui também conversamos um bocadinho às vezes também vêm aqui cantar, fazem assim umas coisinhas para nós estarmos entretidos, olhe talvez ... prontos vou para a minha casa tudo certinho. Tenho a minha casa depois no outro dia levanto-me venho pra aqui, depois estou aqui depois vou outra vez pra casa e é assim...

I: E aqui, portanto, a Sra. vive então sozinha... não é?

E2: Sim, sim ... nunca arranjei ... não arranjei nunca mais ninguém, divorciei-me e pronto ele também já morreu à muitos anos e pronto e fiquei agora pra não tar sozinha em casa vim aqui para o centro de dia e estou aqui a conviver e pronto. E chego a casa também estou sozinha mas pelo menos já falei... já vai um bocadinho mais aliviado não é... portanto já falo aqui com elas nós damos nos bem e é assim...

I: Já sente, nas suas palavras, sente-se mais aliviada.

E2: Sim sim sim, ...não sinto... quer dizer tou ...eu moro... tenho um andar, um andar, tou sozinha mas pronto não me faz diferença. De manhã venho prá qui pronto e estou aqui agora... vou pra casa novamente e tou sozinha mas isso também não faz diferença é assim... conversamos aqui um bocadinho às vezes há aqui assim cantado, eles cantam e a gente fica mais animadas e pronto é assim...

I: Então foi uma boa decisão vir prá qui?

E2: Sim, sim é melhor do que eu ficar sozinha em casa e aqui não... aqui venho de manhã, tenho o almocinho, lanchamos depois vou pra casa, (-----) assim qualquer coisa para comer e não me faz diferença nenhuma, estou sozinha em casa mas não me faz diferença é assim...

I: Mas foi a Sra. que também... a Sra. concordou em vir? Foi, foi boa...

E2: Sim sim... é melhor do que eu tar sozinha em casa ali... embora eu more aqui um bocadinho mais acima na rua, ali na rua e pronto e não estou assim não...

I: E aqui faz-lhe bem conversar...aqui?

E2: Sim tenho ali assim aquela ... a minha colega que conversamos um bocadinho ou então conversamos umas com as outras e estamos aqui e depois há estes cantares, há estas coisas também que nos fazem nos animar também.

I: As atividades?

E2: Sim, sim, sim, sim é assim...

I: E o filho?

E2: O meu filho tem a vida dele não é! Tem a vida dele, ele é Guarda Republicano e então ... tem a vida dele segue a vida e eu tou sozinha em casa, mas também não tou mal. Tou independente também, não tenho mais ninguém senão o meu filho e pronto... depois venho prá qui converso um bocadinho vou pra casa mais animada.

I: Vai pra casa mais...

E2: Animada

I: Mais animada!

E2: Pois aqui sempre se conversa um bocadinho e a pessoa não tá todo o dia sem dizer nada, não é? Pois não tá mau. Aqui também são todas boas pessoas aqui é tudo de idade.

I: Claro... Mas então fazia-lhe... A Sra. é que me confirma isto ou não? Fazia-lhe falta partilhar um bocadinho do seu dia a dia?

E2: Sim pois não é que tou sozinha em casa...

I: Sim sim...

E2: Pronto mas agora não, agora tou sozinha em casa a dormir e depois levanto-me venho prá qui estou aqui e converso, depois quando chego a casa também não falo muito ou já não falo nada mas pelo menos já falei aqui.

I: Sim exato...

E2: Pronto ao fim de semana também tenho o meu filho, que claro ele também tem a vida dele, mas eu também não estou mal e é assim...

I: E o ... portanto quando vai daqui já vai mais...

E2: Sim já... quer dizer agente aqui conversa um bocadinho às vezes também há aqui cantares. Também a gente ... também vai assim mais melhor pronto e depois pronto estou sozinha em casa, tinha televisão, tou na cama e tou a ver televisão e passa o tempo.

I: E passa o tempo...

E2: Exato.

I: Então aqui... e a conversar um bocadinho e a reviver um bocadinho a sua história o que é que sente? É bom?

E2: Não, aqui tenho muito mais distraímos um bocadinho não é! A gente distrai-se um bocadinho umas com as outras e vêm cá também às vezes cantar essas coisas assim e vai-se passando o tempo. Chego a casa tou sozinha mas não me...mas não me aflige tar sozinha, aqui estou acompanhada o dia todo praticamente também não tou mal. É assim...

I: Mas acha que lhe faz diferença estar aqui um bocadinho a conversar comigo a partilhar a sua história, a reviver as suas memórias...

E2: Não, não...

I: ... É uma coisa...

E2: Não... tou a conversar e tou a sentir-me bem estar a conversar com a Sra., tou a dizer-lhe aquilo que realmente se passa comigo e aquilo que é verdadeiro dizer portanto acho também que elas também tão ali também deve ser mais ou menos a mesma coisa. Aqui conversamos depois às vezes vêm aqui cantar também vêm assim... e tudo estas coisas nos distrai agora chego a casa pronto tou... se quiser... ir pá cama, tou na cama, se eu quiser tar a ver televisão tou a ver televisão. O meu filho tem a vida dele que ele é guarda prisional em Lisboa e tem a vida dele e eu tento viver a minha vida por enquanto ainda posso viver sozinha e é assim... Agora venho prá qui, agora chego a casa pronto... já pelo menos aqui já me distraí, já falei, já fiz essas coisas e não me sinto assim muito só.

I: Quer dizer que é importante estar aqui a ...

E2: Sim porque a gente às vezes vêm aqui cantar, vêm assim essas coisas e a gente já desanovia muito mais não é? Tenho assim no meu quarto tenho a televisão, se quiser tou na cama tou a ver a televisão em frente não tem problema, não tou com problemas por enquanto graças a Deus. Aqui também tou todo o dia não é? Portanto à noite também não me faz diferença, embora teja sozinha, não me faz diferença ponho a televisão a trabalhar quando quero e pronto viro-me e durmo, tomo um comprimidinho pra dormir e quis assim.

I: E já ... Então... Então foi boa ideia, a Sra, diz-me se foi ou não, boa ideia vir prá qui?

E2: Sim, sim porque em casa quer dizer... agora o prédio onde moro, o senhorio quer vender os andares e ele não vende porque eu tenho esta idade portanto quer vender os andares e não tem ninguém no prédio. Mas pronto moro aqui assim não muito longe um bocadinho mais em cima e de resto também tou bem, não... vou à janela, tou no 1º andar vou à janela, se quiser sair saio, se não quiser não saio e tou assim.

I: E em casa distrai-se mais a ver televisão?

E2: Sim pois... eu tenho a televisão no quarto, e tenho assim a cama e depois tou ali assim encostada a ver a televisão e assim passa. Nessas noites depois tomo o comprimidinho pra dormir... fica assim enfim... é assim.

I: A Sra. nasceu em Lisboa?

E2: Não, nasci em azeitão.

I: Em azeitão ...

E2: Em Azeitão pois... depois o meu pai era Guarda Republicano e depois veio aqui para Almada e nós fomos criados aqui em família mas eles já faleceram e só eu é que tou viva e então pronto ficámos aqui e é assim. Agora sinto-me é muito sozinha, porque vou para casa e tou sozinha, também não quero acompanhamentos. Tou bem conforme estou mas pronto e depois venho prá qui durante o dia e não tá mal. O que é que se há de fazer mais? Mais nada, não sou pessoa de andar assim na rua a passear ou alguma coisa, não ... pronto, tou assim entretenho-me em casa, venho prá qui. Eu não tou mal há tanta gente muito pior, não é? É assim...

I: É uma forma de sentir... de partilhar mais o seu dia-a-dia?

E2: Exato, aqui sinto pronto... agente sempre ouve estar a conversar ou às vezes há umas coisitas para alegrar mais e tá tudo bem. Se não fosse pra lado nenhum é que era pior estar sozinha mas pronto... aqui sempre se partilha, conversa-se e quando chego a casa só o bocadinho... também depois é noite e depois vou pra cama e tenho a televisão em frente e distraio-me a ver a televisão e é assim...

I: E valeu a pena então vir até aqui e ter companhia...

E2: E estar aqui... Sim, sim, aqui conversamos, vêm aqui também cantar. A Sra. que está aí também aquela que tá ali em cima naquela secretária também arranja assim coisas para a gente distrair, não, não tou mal. Há quem teja mesmo muito pior, eu não, agora chego a casa tou

sozinha mas tou bem, tou á minha vontade, não é assim. Não tenho de dar satisfações a ninguém.

I: E a Sra. sente diferença antes do período...antes de vir prá qui pó centro e agora? Agora sente-se mais acompanhada ou não?

E2: Exatamente, não, sinto-me acompanhada aqui com as colegas, só à noite é que de fato tou sozinha porque agora o prédio também não tem ninguém, ainda pior mas pronto... alguma coisa se há de arranjar, pois é assim.

I: Penso, não sei se assim é, que fica contente à noite quando pensa que no dia seguinte já tem com quem...

E2: Já tenho pra onde ir, exatamente, vão me buscar lá a casa, dão-me o banho, a Sra dá-me o banho, ajuda-me a vestir depois venho... não é que eu não me possa vestir mas pronto...vem...depois venho na carrinha, venho prá qui e depois tive aqui o dia, agora daqui a bocado vou já pra casa e pronto...olhe é assim...

I: E assim sente que tem...

E2: Sim, pelo menos convivo aqui quase o dia todo, não é! Chego a casa também não é preciso tenho a televisão. E tamém não é preciso tar a falar muito, isso cansa, eu não falo muito e é assim...pronto.

I: E é bom ou não para si conversar aqui um bocadinho comigo em privado sobre a sua vida?

E2: Com certeza, porque não? não é. A Sra. está me a perguntar e eu estou a responder e tudo quanto se tá a tratar é tudo o que se está a passar, não é verdade! Portanto não tenho nada que ficar nem aborrecida, nem coisa nenhuma. Estou satisfeita.

I: Está satisfeita?

E2: Estou sim senhora, estou satisfeita porque a Sra. chegar ao pé de mim, estar a perguntar e eu a responder e pronto...

I: Sra. dona ----- muito muito obrigada.

E2: De nada, de nada.

I: Muito obrigada.

E2: Foi de boa vontade e também gostei deste bocadinho de tarmos a conversar, porque não...mas olhe... obrigada.

I: Dona ----- eu é que agradeço a sua disponibilidade...

E2: Por amor de Deus...

I: E a sua generosidade em partilhar a sua história comigo.

E2: Sim senhor está tudo muito bem e também gostei de ter a falar com a Sra.

I: Fico muito feliz, muito obrigada, dona ----- pela sua generosidade e pela sua disponibilidade, muito obrigada.

E2: Muito obrigada e muito prazer.

Entrevista 3

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 86

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Divorciada

Número de Filhos: 2

Com quem vive / coabita: Sozinha

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Costureira

Utente do Centro de Dia há Cerca de 6 anos

E3: Eu sou a -----, nasci em Carvoeiro Algarve, tive dois irmãos, uma irmã e um irmão, o irmão faleceu era pequerrudo, pequerruchinho e faleceu, devia ter uns dias quando faleceu. O meu pai era marítimo a minha mãe era costureira entretanto depois namorei fui viver pó pé de Portimão no bairro dos pescadores e depois atão casei aí e vim morar para a Trafaria, morei na Trafaria uns quantos anos entretanto depois separei-me do pai dos meus filhos e fui viver com a minha mãe novamente pa o Algarve depois entretante...

I: Continue... a sua idade é...

E3: 86, eu tenho 86 anos não tinha dito nada.

I: Continue.

E3: Depois então morei na Trafaria uns quantos anos a minha filha nasceu lá e o meu filho também, nasceram os dois na Trafaria. Depois entretanto separei-me do pai dos meus filhos, o meu filho entretanto depois casou tinha 19 anos e eu fui depois entretanto ... o meu filho depois de casado ficou na Trafaria a morar e eu fui viver com os meus pais para o Bairro dos Pescadores de Ferragudo no algarve. E agora?

I: E a Sra. está nesta associação há 6 anos?

E3: 6 anos estou a viver em Almada à coisa de 12 anos entretanto sentia me muito só apesar de eu costurar e essa coisa toda mas entretanto isso já me ficava a pesar um bocadinho e eu precisava de companhia e vim então morar ... morar... vim então prá qui, prá...

I: Prá Associação.

E3: Prá Associação dos reformados, estou aqui à coisa de uns 6 ou 7 anos é o tempo que eu cá estou. Estou satisfeita de cá estar evidentemente, entretanto tenho a minha filha que vive perto de mim que é quem me ajuda bastante, bastante mesmo ajuda-me porque o meu ordenado é muito pequeno, e ela entretante também tem a vidinha dela, ela é professora aqui em Almada e é professora dá aulas num colégio em lisboa.

I: Os netos costumam visitá-la?

E3: Os meus netos, eu já falei neles, não?

I: Sim já, já falou neles, de que tem quantos, mas pode relembrar quantos netos...

E3: Tenho 3 netos.

I: Sim.

E3: 3 netos.

I: Sim.

E3: Dois vivem em angola e um vive cá em Almada. A minha menina, tenho uma menina, uma neta a mais velhinha já tem 18 anos vive com os pais. E os outros vivem como disse em Luanda, e vive o meu neto mais velho que está cá noutra... está cá em Almada é que tem a menina de 18 anos os outros dois como estão em Luanda, um já tem duas filhas e o outro tem um menino e uma menina, que são os meus bisnetos. E pronto e têm lá a vidinha deles com muita saudade,

que eu já tenho saudades deles não sei se eles vêm cá. Este ano é natural que já cá não venham porque o tempo já vai para setembro é natural que eles já cá não venham. Mas a saudade continua mas eu tenho sempre notícias deles que de vez em quando eu telefono pra eles e eles também me telefonam mandam coisas no telemóvel vejo as fotografias dos miúdos e sinto-me satisfeita e pronto e é isto a minha vida.

I: Os seus netos costumam vir cá uma vez por ano?

E3: Vêm cá de vez em quando vêm, este o mais novo está cá agora está cá... está cá veio de férias com a mulher e as duas filhas e estão em casa da minha nora ou seja da mãe do meu neto que vive onde... deixa-me pensar nas quintinhas, nas quintinhas, que eu não sei como é, mas é quintinhas que ela dá o nome de quintinhas. Não sei entretanto quando é que eles vão pra fora, de vez ... quando ele cá veio à coisa de 2 anos ele veio aqui visitar-me aqui ao centro, não 2 anos não há 4 anos, há 4 anos porque dois anos estávamos com a pandemia. Há 4 anos e ele veio aqui visitar-me estivemos ali fora eles lancharam cá e foi um bocadinho que adorei vê-los aqui comigo. De vez em quando também vêm cá pessoas amigas que me vêm visitar, à dias veio cá um rapaz muito meu amigo que o conheci cá, mas agora é uma amizade que ele adora-me tem uma adoração por mim que não tem explicação. E pronto e é assim a minha vida. De manhã venho prá qui às 9h levanto-me aí às 7h30 pra tomar o meu duche, arranjo-me venho prá qui, estou aqui até às 4/5 horas vou pra casa e faço a minha vidinha de casa. Outras vezes venho a casa da minha filha e é assim a minha vida, eu não sei mais...

I: E a Sra. sente-se mais acompanhada aqui?

E3: Sinto-me aqui acompanhada, aqui no centro eu sinto-me muito acompanhada foi por isso que eu vim pra cá, porque eu em casa estava muito só e a minha filha tinha a vida dela tinha a escola aqui e em lisboa e tinha a vidinha dela, assim, ela vai pra lisboa às 8h já lá está no colégio depois vem, vem prá aqui almoça no colégio... na escola aqui em Almada e dá as aulas até às 8/9h da noite, é verdade, até às 8/9h, vem pra casa, ao fim de semana eu almoço sempre com ela e outras vezes janto se não janto mais vezes é porque eu não quero vou pra casa vou descansar outras vezes ela quer que eu saia com ela. Ainda ontem ela... estive com ela lá em casa, almocei com ela não quis jantar vim prá minha casa e jantei foi em casa e estive satisfeita em casa.

I: Portanto sente que vale a pena aqui este convívio? A Sra....

E3: Aqui sinto-me muito bem porque temos a ----- que eu adoro aquela menina, menina que já é uma senhora com 40 e tal anos, mas que eu a adoro, gosto muito dela, sempre me estimou

e eu estimo-a muito também as minhas colegas e amigas são muito boas moças também e é assim a minha vida. Desde que eu vim pra cá que eu fiquei numa mesa que é na mesa que eu continuo e a D. ----- que é minha colega que veio pra cá dias depois e ficou na minha mesa já estamos aqui há 6 anos pra 7 anos e estamos sempre na mesma mesa e é verdade. Gosto da pintura, pinto os desenhos ando sempre a pintar a D. ----- também pinta outras senhoras que também têm assim vocação também pintam temos os nossos desenhos muito bonitos a ----- entretanto depois fica com eles e no fim do ano depois faz um livro e dá-nos todos os anos... todos os anos, duas vezes por ano ela dá-nos o livro dos desenhos.

I: E portanto desenvolvem atividades em grupo?

E3: Em grupo tamos aqui também fazemos ginástica, fazemos o bilho à quarta-feira às 11h onde é aí um quarto pó meio dia tamos despachadas, vamos lavar as nossas mãozinhas quem quiser vai à casa de banho quem não quiser vem logo prá mesa ficamos na mesa ao meio dia temos o nosso almoço, almoçamos depois tratamos da nossa mesa como deve de ser ficamos ali entretanto a conversar umas com as outras, outras vezes começamos logo a pintar e é assim a nossa vida e a minha.

I: E a senhora sente que...

E3: Fez-me bem vir pra cá.

I: Fez-lhe bem vir pra cá...

E3: Fez-me muito... vir pra cá. Exatamente que eu estava muito só em casa a minha filha não podia acompanhar que tinha as aulas dela em lisboa e aqui e saia sempre tarde ela telefonava-me todos os dias que era pra saber de mim e quando ela não me telefonava logo de manhã eu telefonava pra ela mas já tinha que ser uma coisa assim...eu a telefonar pra ela já tinha que ser com mais cuidado porque ela estava nas aulas mas eu ligava ela não atendia, quando ela podia atender ligava pra mim pra saber o que é que eu queria mas era só pa saber dela se ela estava bem ou não. E pronto e é assim a minha vida. Nasci... nasci em carvoeiro, nasci em carvoeiro... nasci em carvoeiro entretanto depois o meu pai foi mestre de um barco, o meu pai foi mestre de um barco tivemos que ir viver pra...para o bairro dos pescadores de Ferragudo que o meu pai depois tinha o barco era muito cansativo pa ele vir pra carvoeiro e assim ficamos todos muito mais perto dele. Íamos...eu era ainda criança, já se sabe eu e a minha imã porque tive uma irmã que se chamava-se ----- e entretanto ela coitadinha casou também, casou teve dois filhos o meu ----- e a minha ----- eles então vivem no Cartaxo estes dois meus sobrinhos, vivem no cartaxo a minha irmã quando morreu eles de vez em quando vêm cá, quando o meu

filho faleceu eles também vieram ao funeral dele. E de vez em quando telefonamos, outras vezes eles mandam mensagens, eu mando mensagens também pra eles pra sabermos como nos encontramos, e é assim.

I: E estar a partilhar aqui um bocadinho da sua história, é bom?

E3: É bom.

I: É bom reviver?

E3: Reviver as coisas, é sim senhora, é muito bom, é bom a gente reviver o passado ... faz bem, faz muito bem, muito bem e muitas coisas também eu já me esqueci, eu tou muito esquecida, muito esquecida isto é nestas coisas assim... que ... mas eu recordo mais as coisas antigas que as.... por exemplo tão ali a conversar comigo se me perguntarem não sei nada só depois mais tarde que eu ouço as conversas novamente é que eu me recordo que elas tiveram... que eu ouvi, que eu ouvi. E pronto e é assim. A----- é uma boa pessoa gosto imenso dela, ela não faz mais por nós porque não pode, é ela que nos passa os desenhos pra nós pintarmos, depois entretanto ela depois vê se.... vê, não é que ela esteja a ver se estão bem se tão mal, que ela não gosta disso, gosta... nós damos tudo limpo já se sabe se for sujo é que ela já não aceita, tudo limpinho ela entretanto depois guarda lá numa caixinha todos, no fim do ano então... duas vezes por ano... é duas vezes por ano que ela nos dá então os desenhos, com uma fitinha amarela, outra vezes é vermelha conforme ela tem as fitinhas dá a cada uma de nós dá uma fitinha...dá o caderno com as coisinhas todas ... com os nossos desenhos todos e com a fitinha. Eu tenho um...lá muitos desenhos muitos mesmo muitos mesmo, mas tão todos guardados, todos, um dia quando eu falecer a minha filha com certeza tire os melhores e as minhas sobr... minhas netas, minha neta, tenho uma neta, eu tenho as duas netas como já disse, uma está na Inglaterra e a outra está nos açores a mais nova está na Inglaterra a trabalhar, teve lá a estudar também, estudou tirou o curso dela que eu nem sei dizer qual é, mas ela está agora lá a trabalhar, a minha ----- que é a que está aqui agora aqui nos açores, ela então... como é que se diz Sei que ela vai ao fundo do mar com as pessoas, como é o nome que eu não sei?

I: Ao fundo do mar? É mergulhadora.

E3: É mergulhadora, exatamente, é mergulhadora leva lá as pessoas pra verem o fundo do mar os peixes e não sei quê não sei quanto...que eu tenho sempre...estou sempre assustada e sempre a pensar o pior mas graças a Deus nunca aconteceu mal nenhum nem a ela nem às pessoas que ela leva lá abaixo e é assim. Ela é casada tem marido já se sabe não tem filhos, entretanto como não tem filhos agora adotou um cão, um cão muito bonito lourinho de olhos verdes, lindo diz...

o cão não a larga, não a larga. Quando ela vai pra ir pó mar vai com o marido, também já lá tem ido ao mar, mas ele ... ele tem outros afazeres, mas já lá foi também mergulhar com ela e o cão então vai sempre com eles. Tenho fotografias dela com o cãozinho e é assim, estou sempre preocupada isso não há dúvida tou sempre preocupada, tanto com uma como com a outra, a outra tá mais longe, mas esta a minha ----- que está nos açores eu devo vê-la agora no fim deste mês porque ela vem cá à Festa do Avante. Agora a outra, a outra é natural que não venha é natural que ela não venha, porque está ... como se empregou há pouco tempo e isso, não pode cá vir com certeza. O namora- ... o marido dela da minha ----- é que vem agora este mês cá passar 8 dias os meus... a minha filha vai passar também pá semana, prá semana vai pós açores com o marido, o marido faz anos e vão lá passar os anos com a filha. E eu fico cá, não me importo nada desde que eu tenha saúde e que eles... desejo é que eles tenham saúde e que vivam todos felizes. Eles sendem felizes também eu sou. Tenho uma grande amizade com a minha nora é como se fosse também minha filha, já hoje de manhã já telefonei pa ela pa saber como é estava e é assim a minha vida. Amanhã tenho uma consulta às 2h já telefonei prá minha filha, a minha filha vai comigo, que eu vou fazer... pra pedir um TAC, pra fazer... prá minha cabeça que eu hoje de manhã já não estava assim muito bem, senti que a minha cabeça não estava muito bem, mas depois com o passar assim mais do tempo tudo estabilizou, ficou tudo bem. E é assim a minha vida.

I: A Sra. não tem nenhum animal de companhia?

E3: Não tenho, tive um gatinho...um gatinho mas ele coitadinho morreu já de velhinho, com bastante desgosto, chamava-se o fofinho, o nome dele era fofinho, muito querido era siamês, era muito querido muito querido mas então o que dá a nós também dá aos animais e ele coitadinho morreu. Não foi com falta de... que eu não tratasse dele, cheguei a ir muitas vezes até o meu filho chegou a ir uma vez também a Lisboa com ele lá ao veterinário chegou a lá ir a Lisboa para tratar dele e é assim a vida. Entretanto agora estou aqui no centro daqui a pouco lanchamos às 3h lanchamos, faltam um quarto ou 20 minutos não sei prá 3, lanchamos depois a carrinha vai-nos levar a casa, algumas vão a pé outras não, outras vão todas na carrinha, eu vou sempre na carrinha porque pra cá venho a pé mas pra lá já me custa subir que é um bocadinho subida uma rua e é assim.

I: E vida profissional, chegou a trabalhar? Fora de casa, digo eu.

E3: Eu era modista na Trafaria, na Trafaria fui modista, trabalhava pra fora fiz muita roupinha muito linda, linda pra fora, mesmo bonita, tinha duas empregadas, duas costureiras e então

trabalhava tinha muitas clientes trabalhava dia e noite, cheguei a trabalhar pós armazéns do Chiado. Trabalhei pós armazéns do Chiado fazia vestidos, fazia casacos, fazia tudo os que eles me davam eu fazia, aventais tudo tudo fosse o que fosse eles me dessem eu fazia mas eu era mais os casacos e os vestidos que eu fazia fatos saia casaco. Depois entretanto deixei de trabalhar pós armazéns do Chiado que houve o acidente que houve com eles porque ... queimaram...foi queimado, houve fogo no Chiado, com bastante desgosto meu que cheguei a chorar, cheguei a chorar por ver assim que havia anos e anos que eu... a minha filha era pequenina eu já lá trabalhava, estava grávida dela e cheguei a trabalhar lá com ela grávida e a miúda também depois quando mais velhinha já foi ía... vinha comigo ao Chiado também ficava lá encostada com elas, elas gostavam muito da miúda enquanto eu esperava pelo trabalho e assim tem sido a minha vida de trabalho. Entretanto também depois eu fui morar pra Lisboa como já disse morei em Lisboa bastante tempo, fui trabalhar então pra uma ... pra uma fábrica de casacos de cabedal, de cabedal, então eu fui pró corte, fui pró corte, cortei muitos casacos muitos casacos saias, calças tudo isso passou pelas minhas mãos e de muitos colegas meus. Trabalhei com rapazes, raparigas também, eramos todos muito unidos ali estávamos almoçávamos lá. Levávamos o almoço já se sabe, almoçávamos lá no emprego e depois tomávamos...vínhamos à rua todos era 4 homens e 5 mulheres vínhamos todos juntos e vínhamos tomar o nosso café, tomávamos o café e voltávamos pra lá e começávamos a trabalhar novamente às 2h, tínhamos só uma hora, e é assim a vida. E eu continuo aqui, gosto muito de cá estar a ----- é uma excelente rapariga muito boa moça, muito, muito, muito, gosto muito dela espero que ela tenha muita saúde e que eu ainda tenha mais uns aninhos porque os 86 anos já me vão pesando, entretanto ainda quero viver mais um tempo quero ver os meus netos e as minhas netas, os meus bisnetos as minhas bisnetas, a minha que já tem...a minha bisneta que já tem 18 anos, 18 aninhos, a ver se ela tira o curso, agora faz... faz agora em dezembro no dia 16 faz 19 anos, agora no dia 16 de dezembro 19 anos, entretanto eu em novembro no dia 9 de novembro faço 87, já sou velhota mas pronto mas gosto de viver.

I: E gosta da companhia que tem aqui?

E3: Muito, gosto muito da companhia que aqui tenho porque ela são todas unidas são todas amigas, eu entretanto pertenço à direção daqui. Pertenço aqui à direção, mas não utilizo a direção para coisa nenhuma, não senhor, não me subiu à cabeça nada nada. E pronto e vivo assim com eles aqui todos quando eu preciso de qualquer eles chamam-me eu vou ter com eles estão ali no escritório e somos todos unidos. Não faço nada, nunca passei por cima de ninguém não, não, não, não, nunca, nunca, nunca, sento-me ali no meu lugar, tomo o meu pequeno

almoço, sento-me no meu lugar, começo a pintar se for preciso eu levanto-me pra ir ter com alguma, assim que chego às 9h aqui ao centro eu já tenho...temos os ... já tenho ali os copos todos num ... tabuleiro eu ponho nas mesas todas, temos uns cartões pa pôr ao peito eu ponho os cartões todos também, ponho os copos e ponho os desenhos que elas tão a trabalhar já ponho tudo nas mesas pra elas quando chegarem não andarem aí no ar porque não faz sentido certo se tomam o pequeno almoço algumas delas e depois começam a pintar e eu fico satisfeita de as ver assim.

I: E é bom para a Sra. este bocadinho que aqui está?

E3: É é muito bom, muito bom, muito bom, faz-me muito bem, foi a melhor coisa que eu fiz foi vir prá qui. Foi vir prá qui, foi uma coisa interessante, eu via...virem prá qui mas não sabia o que é que se passava até que eu fiquei a saber, fiquei a saber, um dia estava ali em baixo na Portugália estava a tomar o pequeno almoço e comecei a pensar... não, eu agora vou pra casa fazer o quê, vou mas é ali ver se eles me aceitam, e fui, vim aqui vim ver se me aceitavam, aceitaram-me fiquei entretanto tive que preencher uns papeis, eles aceitaram-me a Dr.^a... a Dr.^a ----- que é ela que manda aqui, aqui nesta parte do centro, é ela que manda, ela aceitou-me eu não estou a pag-... eu estou a pagar mas não sou eu que pago é a segurança social é que paga a minha estadia aqui e portanto almoço cá, lanche e ao sábado tenho também o meu almoço que elas me vão levar a casa, estou satisfeita.

I: E ter este bocadinho de atenção só prá Sra. pra mais ninguém, sabe-lhe bem?

E3: É muito... sabe-me muito bem, sabe, sabe-me muito bem, muito mesmo, muito mesmo, faz-me viver, faz-me viver, faz-me ... não sei olhe não sei, é uma vivencia que eu gosto imenso de estar cá, porque eu fui uma pessoa que andei na escola pois só tenho o exame à 4^a classe, os meus pais não podiam, a minha... o meu tio que morava em Silves ainda queria que eu fosse viver lá pra casa, o meu tio ----- infelizmente já todos faleceram o ----- o ----- todos eles sobrin- ... primos e tudo já não os tenho e entretanto o meu tio ----- queria que eu fosse viver lá pra casa pra ir pó colégio a minha mãe não me deixou porque tinha receio de qualquer coisa, não sei o que era, mas ela não me deixou, fiquei só com a 4^a classe, fui...como fui...fomos morar pó bairro dos Pescadores de Ferragudo, a minha mãe arranjou-me... eu queria ser cabeleireira mas a minha mãe entendeu que eu tinha de ser costureira e fui mesmo costureira, fui costureira, fui costureira, andei na costura. Na costura a minha mestra era uma mestra muito boa, eu era muito curiosa nessa coisa de querer saber, quando ela ia cortar vestidos com os moldes, não sei que não sei quantos, eu ponha-me ao pé dela pra ver como é que ela punha os

tecidos e punha os moldes e foi assim que eu fui aprendendo a fazer costura e entretanto ela também já me dava coisas mais difíceis também pra eu fazer porque via o meu interesse. Ela chamava-se ----- não sei o que é feito dela já devia de ter morrido com certeza que ela já é...ela era casada tinha um filho e uma filha, tinha um casalinho, também era muito minha amiga, amiga tanto minha como de todas as outras raparigas que lá estavam a aprender e é assim. Despero então que deus ainda me vá dando uns aninhos de vida pra eu viver ainda mais um tempo pa poder estar com a minha filha e estar com as minhas colegas e com as minhas netas que venham cá e que eu as veja com saúde.

I: Muito obrigada, muito obrigada.

E3: Obrigada eu, obrigada pela atenção e obrigada por este bocadinho.

I: Foi bom prá Sra?

E3: Foi, foi, foi muito bom, muito bom.

I: É bom relembrar

E3: Relembrar as coisas, faz...faz muito bem, faz bem faz, porque eu não recordei nada que não se tivesse passado, tudo o que se passou comigo eu regordei, e pronto, e muita coisa que ficou cá, cá dentro que não veio ainda à ideia.

I: Mas é... é bom reviver?

E3: É bom reviver, é bom reviver, uma pessoa pece que fica mais solta, mais confortável, mais confort- com o coração mais confortável, é verdade, porque eu nunca contei isto a ninguém a minha vida é a minha vida, que eu não conto a ninguém, eu agora é que eu tive a possibilidade de eu falar aqui mais nada, eu não... ninguém mais sabe da minha vida, não sabem se eu fui divorciada se fui ... se eu casei se não casei se vivi, se não vivi junta, ninguém sabe, eu não conto nada da minha vida a ninguém, assim como eu não quero saber a vida delas elas também não têm nada que saber da minha.

I: Por isso, este bocadinho só pra si...

E3: Foi bom, foi muito bom.

I: Foi!

E3: Agradeço imenso

I: Eu é que agradeço Dona ----- agradeço muito muito muito a sua generosidade em partilhar

...

E3: Este bocadinho

I: Em partilhar este bocadinho e a sua disponibilidade em partilhar a sua história de vida tão interessante, muito obrigada.

E3: Obrigada eu minha Sra.

Entrevista 4

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 85

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Viúva

Número de Filhos: 3

Com quem vive / coabita: Sozinha

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Costureira

Utente do Centro de Dia há Cerca de 1 ano

I: A Sra. é a Dona -----.

E4: Eu sou a ----- nasci aqui em Cacilhas, moro na ----- casei há 64 anos e o meu marido faleceu no dia 24 de agosto... de dezembro com 88 anos. Tinha ... ia fazer...ele faleceu em 24 e em 28 fazia os 88 anos. Tenho 4...3 filhos e 4 netos, 3... 2 rapazes e uma rapariga, os meus filhos... o mais velho vive na Charneca e a minha filha tá em Macau e o meu filho mais novo tá no Brasil. Trabalhei ... fui caixa num talho, trabalhei na costura, fui caixa num talho e depois casei e depois trabalhei a dias. Qué que eu posso dizer mais?

I: A Sra. que idade tem?

E4: Eu tenho 85 anos, fiz em abril 85 o meu marido faleceu vai fazer agora dois anos e faleceu-me nos meus braços que ... queu nem sei como é que consegui aguentar mas enfim nosso senhor ajudou-me, tem-me ajudado e como não podia estar em casa... fazer a minha vida, vim

prá qui a minha filha tratou de tudo pra eu vir prá qui para não estar sozinha. Estou aqui venho de manhã, a meio da tarde saio vou prá minha casa, moro aqui perto e tenho-me mantido assim com a ajuda do nosso senhor.

I: A Sra. tem 3 filhos, certo?

E4: 3 filhos, mas só posso contar com 2, que o mais velho adorava-me. Já não vejo o meu filho, nem os meus dois netos mais velhos, já faz 2 anos tamém, porquê? Procure minha sra porquê? Não sei... o irmão ligou-lhe e disse “olha eu vou pôr a mãe num lar porque a mãe caiu, eu tenho de me ir embora e ninguém pode tratar dela porque ela tá sozinha” e ele deu de resposta: “não quero saber!” Ele ficou ...o meu filho ficou assim... não quer saber porquê? A mãe sabe o que é que fez, não sei minha Sra. Ignoro, estou à espera que chegue o dia em que ele me diga o que é que eu lhe fiz, que ele era uma adoração por mim mesmo no funeral do meu marido ele era mãezinha isto... mãezinha aquilo, tudo muito meigo. (-----) Fizemos, ele foi ó... ao notário... fomos ao banco não fomos ao notário, fomos ao banco tratou-se de tudo, só não se tratou foi do andar, mas como eu ainda não faleci eu não... não sei, eu só conto que seja isso, porque o dinheiro nem ele assinou, agora o andar eu não podia ir viver pá rua para fazer já as partilhas, não sei, a única coisa que eu... que eu penso é isso, quanto ao resto não sei de mais nada. É que ele nem me atende o telemóvel, nem ele, nem os meus netos, não sei. Só quem me dá apoio é a minha filha que todos os dias me liga de Macau, a minha neta agora está cá porque ela está a estudar no Porto e tá na universidade do Porto, mas agora está... tá cá porque tá de férias e é o meu filho tamém que me dá apoio que tá no Brasil que todas as semana tamém me liga.

I: Então a Sra. tem uma filha em Macau e outro?

E4: E um filho no Brasil.

I: Então é o filho que está cá que... com quem a sra não mantém contacto?

E4: Sim, sim, sim, sim, sim.

I: Os outros filhos telefonam-lhe diariamente?

E4: Todos os dias a minha filha me liga, de Macau ainda hoje... hoje faltou a luz, mas ela ligou-me pó telemóvel e o meu filho todas as semanas também me liga.

I: E dos 4 netos, vêm visitá-la?

E4: Não, só... a minha neta é que me liga, agora como está cá de vez em quando vem ... vamos almoçar e dá-me apoio, todas as noites me liga. Lá ela agora tem cá uma colega também, que

ela esteve na Holanda em casa desta colega e agora a mocinha veio... veio pra cá tá em casa dela mas depois vai-se embora outra vez. E a minha neta... quer dizer... quem me dá apoio é a minha filha, o meu filho mais novo e a minha neta.

I: Mas a sua neta vem visitá-la fisicamente, em casa? Está no Porto?

E4: Quando está no Porto não, só me liga, só me liga pó telemóvel, mas quando está no Porto liga pó telemóvel, mas quando cá está, que'la mora ali ao pé do museu na Cova da Piedade e ela vem, ela liga-me olha vizinha vamos almoçar, pronto damos aí uma voltinha e depois ela vai-se embora e vou pá minha casa e pronto é assim. E o meu neto que está no Brasil com os pais, esse tamém quando o pai me liga ele tamém fala comigo, só os dois mais velhos, eu tenho um neto com oitenta e seis anos e tem um irmão que faz agora no princípio do ano 22. Não os vejo, não sei nada dele, enfim.

I: E então portanto a Sra. vive sozinha?

E4: Sozinha.

I: E não tem animal de companhia?

E4: Nada, nada, nada, nada.

I: Os seus filhos que estão lá fora vêm vê-la alguma vez por ano?

E4: Vem a minha filha, terça-feira, se deus quiser, tá cá mais o marido, vai pá casa dela.

I: O filho também, também a vê?

E4: O filho foi-se embora no dia 24 de julho. Pois.

I: E a Sra. sente-se mais acompanhada desde que está aqui no centro, neste espaço?

E4: Sinto, sinto-me acompanhada claro, mas eu tamém não ... sou uma pessoa que não gosto tamém de estar só fechada.

I: Não!

E4: Não, saio dou uma voltinha depois vou outra vez pra casa e agora com o calor não saio. Tamém de vez em quando vou à minha vizinha de cima que ela coitada tamém precisa de apoio porque tamém tá doente e é assim. Passo assim os dias.

I: E foi a Sra. que se lembrou de vir aqui para o centro?

E4: Não, não, não, não, foi a... eu estive num lar, quando caí tive num lar, o meu filho mais novo andou à procura, porque a minha filha não tava cá, andou à procura e então não encontrou

nada estava tudo cheio tudo cheio, tudo cheio. E ele então não sei quem é que lhe indicou, não sei, se ele entrou em contacto com a irmã e a irmã lhe disse qualquer coisa, porque pelo telemóvel descobre-se tudo. Eu sei que quando ... quando tive que ir pá ... pó lar, fui pó lar porque uma... o meu segundo sobrinho tá... vive com uma pequena que a tia dela tem um lar em Foros da amora e tinha lá uma vaga. Foi a sorte, mas eu não podia andar nada, tive de andar de andarilho, depois de canadiana, quer dizer tamém com a minha força de vontade, eu ando de bengala. Então tive lá no lar e o meu filho depois foi-se embora. Ele estava aflito tinha de se ir embora e que não tinha onde me pôr. Pronto a minha filha sempre em contacto com o lar, até que quando ela veio depois fui pra casa dela uns dias depois vim prá minha casa. Moro num 3º andar mas com... com cuidado desce-se e sobe-se quando é preciso.

I: Então a Sra. na sua vida profissional fez trabalho domestico?

E4: Sim sim, sim.

I: Fez sempre esse tipo de trabalho?

E4: Fui caixa num talho, trabalhei na costura depois é que fui caixa, casei com 20 anos tive 3 filhos.

I: E o que é que a Sra. sente por neste momento, de ter a atenção só pra si? Estar a reviver a sua vida?

E4: Não, eu tenho noites que tou a dormir parece que vou a cair pa um precipício. Tou a dormir muito bem depois sonho que vou a cair pa um precipício e pronto acordo e depois já não pego no sono. Fico aflita e já não pego no sono, mas não é que teja a pensar nisto ou naquilo. Eu tou a dormir, eu não sei, não sei do que é, depois claro, depois daquilo uma pessoa acorda já é um caso sério pra adormecer.

I: E aqui no centro, é bom ter este convívio com as pessoas?

E4: sim, sim, sim, sim.

I: E diga-me uma coisa, e estarmos a conversar aqui as duas sozinhas, é bom prá sra?

E4: É bom, é bom, a Sra. tá... tá a estudar psicologia não é? Portanto é bom pra mim tou a falar que eu tamém gosto pouco de falar nestas coisas porque eu sofri muito com o meu marido e claro tou melindadra, embora uma pessoa perdoe, mas sofri um bocado, mas já perdoei-lhe tudo. Não foi pessoa que me estima-se, mas deixe, tá lá descansado que me deixe cá estar sossegadinha.

I: E quer dizer que a Sra. guarda aí coisas...

E4: Perdoar não é esquecer, de vez em quando vem à memória, depois vê na televisão casos idênticos percebe, que de facto nem é bom falar do assunto pronto. Passei um bocado, tanto fisicamente como moralmente. Não havia motivos pra isso, mas... que ao fim ao cabo era o que ele andava a fazer e depois pensava de mim. Chegava a casa tinha de saber onde é que eu tinha ido, o que tinha feito e o que não tinha feito e por vezes uma pessoa tá tão melindrada tão melindrada que tem que arrebitar, percebe. Até que houve um ponto que não me separei dele não senhora, foi até ao ultimo momento ele morreu-me nos meus braços, não ... não lhe neguei nada e foi uma coisa ... eu disse-lhe pra ele se sentar que era pra pa eu conseguir sentá-lo no banco que era pa arranjar a cama, conforme pus-lhe a mão nas costas caiu pa trás e ficou. E depois tive o meu marido todo o santo dia, deitado na cama morto, porque eu chamei os bombeiros e a bombeira quando lá chegou disse ... “ai o seu marido está morto”. E eu disse “eu sei, eu sei que ele... ele morreu-me nos meus braços”. Pronto teve que vir o delegado de saúde lá a casa, teve ali todo o dia e só ao fim da tarde é que foram lá e mesmo assim tive de pagar 100 € pa lhe passarem a certidão de óbito. Quando fossem ao posto, no computador estava lá tudo, os problemas dele, no hospital Garcia da Horta tamém lá estava e no entanto tive que pagar 100 €. Por isso já... foi o que eu disse ao nosso médico, ó sr Dr. não... não havia motivos pra eu pagar os 100 € porque os senhores tinham tudo aí o problema do meu marido no computador. Ai mas nós não podemos... não temos ordem pa passar certidões de óbito e não sei que não sei quê... Pois mas não têm ... mas têm pra receber 100 € depois já...já escrevem, tão a pessoa tá morta e tamém sabem, não vão fazer exames tudo pa saber do qué... do qué ele morreu, se tá tudo no computador qual era o sofrimento dele, porque ele fazia os exames o médico no Garcia da Horta dizia que ele tinha um coração bom, que não morria do coração. E foi paral- foi retenção de líquidos e parti- paralisação, respiratória não sei, sei que ele não não ... conforme se sentou eu pus-lhe a mão por trás das costas o braço e ele caiu pa trás, foi repentino, então é que ele não tinha o coração bom, enfim.

I: E a Sra.... nestes... portanto o seu marido partiu há 2 anos?

E4: Sim faz 2 anos, em janeiro faz 2 anos dia 24.

I: E a Sra. sente agora mais... pronto agora está a viver um bocadinho...

E4: Sim mas custa, custa que às vezes põe-se a pensar não é, pronto é o que... que a minha filha diz: pronto mãezinha agora estás aliviada, não ma não é assim apesar de tudo há momentos que a gente se lembra não é. No entanto o meu marido quis ser cremado e eu dizia-lhe que

não... não eu quer ser cremado, ele gostava muito da pesca e (-----) eu quero ser cremado e quero isto e quero aquilo poe-me na urna e isto e aquilo, e eu dizia-lhe olha ponho-te as canas da pesca, ponho-te os anzois, ponho-te tudo dentro da urna e pronto foi... foi cremado conforme ele me pediu, levou acompanhamento. Foi ai... não teve missa mas foi a cooperação do corpo, tá num altar, tá num jazigozinho que eu tinha... que tenho da minha que deus tem e então pusio, pusio lá, tá em paz. Fiz-lhe o que ultimamente podia fazer, ele não foi pá terra não queria ir pá terra pronto não foi e é assim.

I: Reviver a sua história é... que sensação é que lhe dá?

E4: Quanto menos se falhar no assunto melhor não é, que é para ficar tudo calmo e não movermos e ele já lá está nosso senhor lhe perdoe todo o problema que ele causou e é assim.

I: E em relação aos seus momentos felizes, porque existiram com certeza ao longo da vida muitos momentos felizes, é bom reviver?

E4: É bom reviver mas quanto se mais se mexe pior mais a pessoa fica sentida não é, então antes quero ficar tudo sossegado e não estar a remover.

I: E a felicidade que vem dos filhos e dos netos?

E4: Pois isso é o que me dá mais calma.

I: A sua fonte de felicidade é essa?

E4: Sim.

I: E é essa e foi sempre...

E4: Pois sim sim sempre que eu sempre lutei pelos meus filhos, se eu não lutasse pelos meus filhos tinha-me divorciado. Não... aguentei até ao fim coisas que uma mulher não deve de aguentar, mas precisamente quando eu comecei a impor-me é que acalmou mas foi até ao fim, sempre ele a ameaçar-me de tudo com pancada, mas eu era o que eu lhe dizia, nem assim doente tu acalmas... gritava, era do álcool mas eu... no fim ele já não bebia álcool era sumo, mas era aquele poder que tinha.

I: E os momentos bonitos de que se lembra também com os filhos e com os netos e com outros familiares?

E4: Pois, ele era pouco comunicativo, queria levar a vida dele. Lembrar-me ele...que ele fez 29 anos, eu comprei-lhe um pijama de flanela pó filho mais velho que era o único que eu tinha lhe oferecer, e ele não me apareceu em casa e quando me apareceu em casa trazia-me uma

pulseira de ... ai agora esqueço-me ... prata com o nome dele gravado e mostrou logo quem é que lha deu, percebe. Tinha uma fotografia minha na carteira não existia, mas havia uma fotografia de outra mulher. E ele foi estofador, foi um grande estofador que ele só trabalhava pó Mário S--- pó Dr. Mário Soares, pó Carneiro que morreu no...por acaso ele até tinha orçamento pra fazer foi quando ele caiu, quando o avião caiu que ele já não fizeram trabalho nenhum. E então a senhora que ele arranjou era de lá do trabalho e foi anos a senhora, foi anos e eu aguentei, cheguei a ir espera-la. De ver, mas não consegui ver nada, vi-o ele sair, que ele trabalhava ali no Cais do Sodré. Viu ele sair segui-o fui-me escondendo e ele houve uma das alturas olhou pa trás e eu ía de óculos escuros e ele disse-me... eu disse-lhe, ele olhou pa trás e disse-me: “o que é que tu vens fazer” e eu disse-lhe: “qué que eu venho fazer venho ver com os meus olhos” e ele disse “ó parva nem viste que era a ----- “eu depois só soube que a dita não foi trabalhar porque tinha acho que lhe tinha dado um AVC, ou não sei quê e então não foi trabalhar. Ele chegou ao Terreiro do Paço amandou-me ca pasta do comer, que ele levava o almoço e disse-me: “não apareço lá em casa.” Eu disse “não quero saber”, eu fui parva foi de ter trazido a pasta devia ter lá deixado mas quando chegou a casa vinha caladinho. A minha mãe que deus tem, viu ...ela não viu mas houve uma pessoa que viu, conhecida que viu ele no Cais Sodré em São Paulo com o braço por cima da dita a consola-la e ela estava toda de preto e depois a minha mãe contou-me quando ele chegou a casa, nós... naquela altura foi ao princípio logo de casado jantávamos em cima do tanque ao pé da janela eu punha ali uma toalha punha ali o tabuleiro do comer e comíamos ali. Eu pus-lhe o jantar e fui lavar a loiça dele, dele levar pó almoço e ele então não vens jantar? Eu disse: “não e amanhã vou-me pôr à porta da oficina aquela que entrar de luto é a que vai pagar. Não sejas parva, não sejas parva não sei quê juro-te se apareceres lá nunca mais ... nunca mais venho pra casa juro por aquele” ... que o meu filho tava deitado o mais velho, os outros ainda não existiam isto foi logo ao principio. E eu disse “não me interessa”, pois ele pa me acalmar saiu, pa me acalmar trazia-me pastelinhos de nata. Andou ali muito calmo, mas depois...olhe eu fui passar com o meu filho mais velho fui de férias pá terra da minha sogra que deus tem, ele foi-me lá pôr, foi me lá pôr e veio-se embora. O meu... o meu filho na outra semana a seguir tava com uma entrite e na província não há... e então no sitio em que era... era pra baixo de pombal. Não ... um bocadinho de frango que uma pessoa faça uma canjinha pó bebé e eu então escrevo-lhe um postal e disse “olha prá semana vem-nos buscar porque o menino tá doente”. Se visse a senhora visse a maneira como ele recebeu, pois ainda a semana passada vim já tive que dizer ao encarregado que te vinha buscar e eu digo assim... ouve lá parece que não tás contente de me veres voltar, então mas o que é que se passa? Eu ainda não sabia de nada lá de São Paulo e pois andou,

andou, andou zangado só por ter ido à terra... claro quer dizer ele nem foi à terra ele ía a santa Apolónia pra nos vir buscar porque eu e o menino fomos sozinhos. Começou, daí começou logo tudo, foi andando, foi andando com bater, depois era de fazer os olhos negros, dar empurram que eu caia até que eu por 2 vezes que ele vinha pa me bater eu agarrei-o nos braços e disse “tu nunca mais me tocas” e viu-me tão coisa... ameaçava-me sempre mas só uma das vezes é que ele me deu um empurram que eu bati com a cara na parede. E ainda fiquei com esta parte toda negra mas foi sempre a gozar, foi sempre a gozar. Eu tenho a certeza absoluta que ele foi à madeira e foi com ela, porque ele disse que ia à madeira mas como sabia que eu tinha 3 filhos e que não podia abandonar os filhos pra eu ir passear. Não... eu tinha a minha mãe que deus tem mas pensei que ela que não tinha responsabilidade nenhuma de me ficar com os filhos pra eu ir passear e não fui, mas ele foi e estou desconfiada que (-----) da companhia que ele levou. Portanto houve aqui muito sofrimento mas com a ajuda de nosso senhor agora estou aliviada.

I: Agora como é que se sente, sente-se...

E4: Agora sinto-me mais aliviada, pois, até as pessoas mesmo dizem que ... olhe eu dou-me com o reitor do seminário de Almada, o seminário de São Paulo, eu o mês de julho houve o casamento de 2 gémeos que eu conheço, mas o casamento foi de 1 e foi lá na igreja do castelo e o reitor do seminário é que foi celebrar o casamento porque a noiva era holandesa e quer dizer os convidados a noiva e tudo era estrangeiro só falando em inglês, não havia padre pra celebrar a falar inglês só o reitor é que falava então o reitor foi fazer o casamento. O senhor... a senhora não conhece cast- ... aí o jardim do castelo aqui de Almada?

I: Não.

E4: Eu vinha assim a subir e eu tava à porta da igreja, ele viu-me agarrar-se a mim dona ----- ficou assim muito coiso e beijou-me ele dá-se muito bem comigo, fez o casamento depois quando saiu veio-se despedir de mim e disse: “eu não esperava que a dona ----- tivesse tão boa”.

I: Tão boa...

E4: Tão boa de aspeto, como... tão boa e eu tenho impressão mesmo ... mesmo os meus filhos pensaram que eu que não aguentava e que morria. Porque olhe foi uma coisa que eles ..., coisas de casa separaram ... separaram tudo deitaram fora não sei e depois não me posso queixar e pra eu ter espaço pa poder andar à vontade, percebe. E depois são pessoas que eu encontro que me dizem... ah ----- tás tão boa.

I: A senhora sente que está a ter, não sei diga-me, se está a ter oportunidade de viver?

E4: Sim sim sim.

I: Agora.

E4: Agora.

I: Agora.

E4: sim mas eu não sou assim pessoa de festas nem... não não não não, não.

I: Sente paz?

E4: Sim sim sim sim.

I: Ou não?

E4: Sinto, sinto paz, só se... Não sinto verdadeira paz por não estar tudo em união.

I: Olhe dona ----- muito, muito, muito obrigada pela sua generosidade em partilhar a sua história tão rica comigo, muito obrigada.

E4: Sim, que eu isto são coisas... são conversas que não se pode ter com ninguém. Porque ah pois sim senhor, e eu mesmo quando falava... na altura quando falava com alguém na frente sim senhora pois e depois por trás era a escortanharem percebe e eu então evito de contar seja o que for.

I: Então este momento pra si ... espero ... foi bom?

E4: Sim sim sim sim, sim, até mesmo com os meus filhos, mesmo a minha filha quando eu digo que não consigo dormir e ela fica logo aflita ó mãezinha o que que se passou o que é que tu pensastes? Não pensei nada filha atão eu tava a dormir tão bem parece que vou a cair pa um precipício, depois é uma aflição e porque estavas a pensar nalguma coisa, tavas a sonhar com alggu-.... Não atão tava a dormir. Fica logo aflita. Ó mãezinha ainda hoje faltou a luz e ela costuma-me ligar pó telefone e faltou a luz quer dizer eu nem ouvi o telefone tocar e mas ela depois ligou-me pra este só pra saber se eu tava bem e pronto desligou.

I: Dona ----- mais uma vez muito obrigada pela sua generosidade e pela sua partilha.

E4: De nada, de nada, de nada.

Entrevista 5

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 83

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Viúva

Número de Filhos: 2

Com quem vive / coabita: Sozinha

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Doméstica

Utente do Centro de Dia há Cerca de 8 anos

I: O seu nome, a sra chama-se?

E5: -----.

I: E tem oitenta e?

E5: E três, faço pra fevereiro dia 2 o dia da Sra. das candeias se lá chegar né a gente nunca pode contar, faço 84.

I: Nasceu aqui? Não?

E5: Não. Eu nasci em são pedro do Corval, concelho de Reguengos, distrito de Évora.

I: Muito bem, e os seus pais estavam ... trabalhavam?

E5: O meu pai era doente e a minha mãe é que trabalhava, eu e a minha irmã, para o ajudar a ele. A vida é assim amiga.

I: E a sua mãe esteve sempre presente?

E5: A minha mãe faleceu com 97 anos, já foi mais, a minha irmã faleceu com 73 e o meu pai com 60 que era um homem doente e coitadinho partiu e eu olhe cá estou.

I: E a Sra. então depois mudou-se prá qui?

E5: Não, já estou aqui nesta casa há 55 anos a minha filha tinha 3 anos e depois como ela tinha 3 anos nós arranjámos a casa é uma cave infelizmente mas é boa eu gosto dela. Só que a (-----) precisava nova e a gente não tem dinheiro e ela não quer pagar a senhoria?

I: E a Sra. ainda chegou a estudar, a ir à escola?

E5: Não, fiz a 4ª classe.

I: Fez a 4ª classe.

E5: Aqui.

I: Aqui em Almada.

E5: Porque só vim com a 3ª e tinha que ajudar os meus pais.

I: Sim senhor.

E5: A minha irmã casou com 18 e eu casei com 22, eu já tava de bebé e ele enganou-me e depois ele não disse que não queria casar mas pronto quer dizer a minha mãe não me deu nada não me fez enxoval não me fez nada mas desde os 10 anos até aos 22 eu trabalhei sempre só que não me davam o dinheiro infelizmente tive essa pouca sorte. Chegava ao fim da semana 7 dias eram 7 escudos por dia, ou 8 ou 9 e fomos uma vez para... duas vezes prá aquela herdade à ceifa. Eram 200 por mês não contando o sábado nem o domingo não é. E a minha mãe andávamos de empreitada, que era pra se ganhar mais. Sei dizer à menina da minha parte eu não vi dinheiro nenhum. Quando chegámos à porta de casa tava o meu pai lavadinho, ele lá se soube arranjar memo doente, lavadinho à espera que a minha mãe lhe desse a esmola, portanto eu não tive um tostão em 22 anos e outra eu chamo-me ----- ai tá a gravar... eu chamo-me ---- mas os meus pais chamavam-me ----- quer dizer não sabiam ler, mas ó menos davam à filha a cédula do nascimento. No dia do casamento já ca barriga grande o padre disse-me: “olha filha não podes de forma alguma pões este nome, este nome não existe”, então? “Não, até a tua mãe não pôs não deu a ninguém considera-se ----- mas se fores daqui pra lisboa na te chegas a empregar”. O nome não tava certo tinha mais duas letras o D e o A, tá a ver é assim a vida da gente, sem enxoval feito, sem nada, sem dinheiro pra vestir o bebé e não me ajudaram em nada nem se despediram de mim quando eu sai de casa e o meu era muito amigo da pinga, depois trabalhou prós pais e os pais receberam o dinheiro dos padrinhos e fizeram a boda com esse dinheiro. O meu marido venceu num instante a mãe e eu a mesma coisa não houve cortesia nenhuma, a verdade tem de ser dita eles já estão debaixo do chão mas têm que saber a verdade, se me perguntarem eu digo se ninguém me perguntar não vale a pena não é? É assim miga, mas

custa muito. A gente ... eu aos 10 anos comecei em cima de uma escada a ripar azeitona para um larau que são aqueles coisos de saca só que em grande não é? E nós estávamos acima da oliveira e ripávamos aquilo quando desandávamos e lá se endireitava mas andei descalça até aos 10 anos e aos 10 anos eu vivia com a minha avó porque ela semeava coisas na horta e dava-me de comer, quando havia escola eu tinha que ir prá escola pra estudar, não vale a pena ires já filha prá ... prá escola ficas prá ajudares a gente a minha irmã já tinha casado aos 18 e eu só casei aos 22, é doloroso não é? Mas enfim já passou eles já lá estão descansadinhos, o meu marido também partiu porque achou que era melhor beber vinho e bagaço e não sei o quê mais e fumar era constantemente, acabou com a vida, foi operado ao coração, o médico disse-lhe --- “bebe vinho?” e ele disse pró medico, “ái não Sr. Dr. não bebo”, “olhe que eu quando o abrir sei se você bebeu”, bem dito bem feito. Pois, foi na Cruz Vermelha foi o diretor do hospital que mo operou, que o operou, e acabaram de o operar e ele acabou com a vida. Depois veio uma enfermeira que era dos açores e disse “ai doutor chegue aqui se faz favor que ele apagou-se, é só o que me faltava, era agor-“ ... tava lá o meu genro, “era só o que faltava era agora tás a ver” ----- queria o ----- queria o ----- queria o ----- até ser aberto e no fim apagou-se e ele vai lá faz assim o sangue dos pontos secos vinha-lhe pá cara do médico, a gente sabe por a enfermeira nós não sabíamos nada do que se tinha passado, depois de ser tratado, quer dizer só falava no -----, que é o marido da minha filha o resto não dizia nada, nem nem conhecia a filha nem me conhecia a mim olhe era uns trabalhos, olhe foi assim. Depois piorou, continuava a beber que a gente podia viver bem se ele não bebesse, continuava a beber e apagou-se ía pás tabernas, urinava-se todo, quer dizer coisas da vida ca gente não ganha nada em contar porque ele já cá não está.

I: E a Sra., depois da partida dele, foi a sra que quis vir aqui pra este espaço, pra este centro?

E5: Não, porque eu caí na escada e a escada é na cave e ainda tem uma subcave por baixo e eu caí a primeira vez e foi no dia 19 de fevereiro e eu fui pró hospital quer dizer, graças a deus que eu não tinha nada partido mas tive que tar internada. Depois a minha filha eu chorava não queria vir prá qui nunca tive nestes lugares e esta senhora tem sido uma santa. Uma santa é verdade e olhe ficou assim.

I: A filha achou que era boa ideia pô-la...tentar que a senhora estivesse aqui?

E5: Sim e a depois arranjar boleia pra me levar lá na carrinha, tão aí mais duas que tamem moram perto de mim, uma mora no 1 a outra mora no 3 eu moro no 11 é quele prédio de ...

onde está o banco no número 11, e a ----- diz sempre agora é o número da porta da ----- é o 11.

I: E a Sra. sente aqui neste centro sente ... sente companhia?

E5: Sim, tão é diferente né, agora já saiu uma carrada, daqui a nada vem e a semana passada e a outra eu era sempre a última, eu mais uma moça que tá ali. Começa a vir gente e as pessoas vão de férias e então metem aqui as mães, tá a perceber.

I: Mas a Sra. aqui o que é que sente, distrai-se?

E5: Sim tenho pena de não fazer como elas fazem, pintam, desenham, fazem coisas mas eu não sou capaz, não fiz em nova e andei na 3ª classe tive tudo bom tá a ver e depois a Dra. a professora ela disse que eu tinha que ir fazer a 4ª classe. Atão ela foi tão boa aluna e agora não quer vir são os pais ... depois o meu pai ia lá à horta do marido dela comprar laranjas pra vender em Mourão que eu são de São Pedro do Corval 5 km de Reguengos, e então o meu pai ía vender e quando vendia a fruta é que pagava, ele era muito amigo dele, é assim a vida. Se ele tivesse cá se calhar não sofria metade, o que que a gente há de fazer não é, tamém não quero abusos com a minha filha gosto muito dela não posso fazer mais nada mas o marido não me quer lá em casa. E eu disse-lhe pra ele: “não me leve a mal o que eu lhe vou dizer”, eu disse “você tem-me chamado todos os nomes”, pense 61 ano e a minha filha tem 59 faz 60 com pouca diferença, mas sempre se deram bem (-----) coisas, depois eu comecei a cair o homem morreu e eu ía ao cemitério todos os fins-de-semana e a minha filha não foi capaz de ir ver a campa do pai, Coitadinha gostava dele e ele era uma pessoa quando ela lhe pedia dinheiro ele dava lhe sempre que ele trabalhava ao fim de semana a por aquelas cortinas e é aí que ganhou o dinheiro coiso. E ele e ela disse “ó pai dá-me dinheiro pa uns óculos”, “olha mesmo agora o recebi já me tás a pedir mas tabém leva lá pagas-me quando puderes ou desque eu não veja”, dizia ele para á filha. Tão mas pronto sabes que o ----- também não pode ainda não está colocado depois a vida foi redundando e foi modificando depois teve a menina que ele queria uma ----- que era uma moça do Brasil mas era muito bonita mas a filha dele não lhe ficou atrás, ele passou desde das 9 da manhã na.... Ajude-me ... ao pé de onde a gente faz os bilhetes de entidade ... Maternidade Alfredo da costa, a mãe teve lá a mim não me disseram nada, disseram depois já de lá estar e ele não deixou a filha ... a mulher um segundo só quando foi comer com a mãe, mas foi ali num café próximo, não tinha fome não tinha nada, queria era a sua -----, e então disse o médico “mas que caramba que pressa é essa de você querer uma ---- -- e se vem um rapaz em vez da -----“, atão mas se vier um rapaz não pode ser porquê? Porque

o médico dela é daqui deste hospital e ele tá de férias não sabe o que se tá a passar. Olhe eu desde fazerem pra baixo a rasgar fizeram para o lado ele vai ver a minha filha e vê-a de perna aberta que não podia andar, foi tar com eles e então disse-lhe que tinha que fazer uma vida que apanhasse uma doente dele dos outros que lhe fizeram aquilo porque isso não se faz assim. Tão vocês são médicos como eu há tanto ano e fizeram à minha doente para os lados quem é que é o médico que estudou que faz para os lados a cortar, é difícil, não é? A Sra. já é Sra. não sei se tem filhos e foi assim a vida.

I: E o seu neto...

E5: Às 5 e pouco da manhã, pece que foi às cinco, às cinco ou às 2 da manhã já não sei, nasce a ----- . E ela diz-lhe assim: não isto é já sofrimento a mais vamos lá ajudá-la, mas coitadinha rasgaram-na pro lado em vez de ser pra baixo porque pra baixo o golpe tava virado pra baixo não é, agora assim não. O ----- era muito ruinzinho, muito pequenino era coma a mãe, a mãe tamém tinha dois kilos mal pesados, a minha filha ainda hoje é pequenina, mas eu tou convencida que o meu marido que me fez aquela malandrice porque era solteira e não queria fazer filhos para orientar a vida né, porque eu não trabalhava não tinha dinheiro que ganhava. Olhe um ano eu disse à minha mãe quando é que vocês me dão dinheiro, que eu não tenho enxoval nenhum, mas pobres a gente era pobres, não é. E eu fazia assim com a minha pouca idade ía sozinha que ainda são 5 quilómetros pra uma herdade a pé, descalça. A minha avó chegaram lá os meus pais que era a feira de agosto agora do dia 15 e foram-me buscar pra me levarem à feira e a minha avó coitadinha era tão pobrezinha que não tinha soutien e andava sempre com camisas de noite, olhe era uma dó d'alma vê-la e ela dizia-me ----- gritava-me tanto olha que os perús comem os figos, a minha avozinha tinha 12 figueiras e então só a mim é que me podia chamar pra eu subir às figueiras e eu como era tamém miúda eu subia aquilo que era um encanto.

I: E a sua filha costuma visitá-la?

E5: Sim, agora no domingo foi-me lá levar o almoço, as compras, o meu dinheiro porque ela sabe que eu gosto e levou-me coelho pó almoço e (-----) eu não consegui comer mais tenho lá pra hoje, o meu jantar foi 2 iogurtes e um pãozinho de deus.

I: Então é bom a Sra. receber a visita da filha, não é?

E5: Mas não demorou nada, porque ele não está bem comigo agor- o ano passado fomos lá ao Alentejo e ele discutiu comigo e então eu disse-lhe: “comigo nunca mais você cá vem. E também não precisa de vir você tem-me chamado tudo”, isto é autentico Dra., tem-me chamado

de tudo, só falta é chamar-me um nome que ainda não me chamou, então diga lá, todo assanhado é chamar-me puta, desculpe... mandava-me à merda, eu que não sabia o que tava a fazer, não fazia nada só tinha era pouca sorte né, a ultima coisa que me aconteceu foi a ir da casa dele prá minha e ela... e ele disse “aqui já não entra” na casa dele na Piedade e eu disse “ai não entro? Não pode ter a certeza que eu não entro”, “faz bem”, olhe venho ali a minha filha na parte dos correios, onde tá as caixas dos correios e disse-me assim: “mãe espera aqui” e esta senhora tem uma filha a morar no 1º andar ela coitadinha ía carregada com as coisas e ouviu eu cair e então disse: “ai acudam, acudam, ai acudam” e a filha dela a ----- disse “ai a mulher está em aflições vamos lá ver”. Eu já enervada da casa dela não queria deixar falar à minha filha porque eu disse—lhe mesmo de cara a cara que a minha filha não é minha é dele... mas assim caqueles olhos assanhado.

I: E diga-me uma coisa, os...e os seus netos visitam a Sra.?

E5: Os meus netos agora não, porque uma tá em Portalegre e o outro está aqui onde era o Pão de Açúcar, mas agora tem a mulher de bebé, 6 meses coitadinho, já tão juntos há 7 anos.

I: Mas não vem ver a avó o seu neto?

E5: Não, quer dizer quando morreu o avô dele da parte do pai, faz agora dia 17 de agosto, já não sei se são 3 anos que ele faz e ele levou-me lá ao funeral.

I: Há 3 anos?

E5: Sim.

I: E a neta?

E5: A neta ia-me sempre ver porque a neta como eu vivia só pra mim e tinha um bocachinho do meu marido e então juntávamos e eu quando eles faziam anos era assim, ele fez 28 agora não lhe dei nada, portanto se eu tava sempre no hospital tive ali 3 semanas e depois tive 1 mês nos serviços continuados em azeitão.

I: Mas a neta não a visita?

E5: Não, tão ela tá a guarda o gado como é que ela pode coitadinha.

I: Está em Portalegre, está lá a trabalhar?

E5: 36 meses.

I: 36 meses que está... há 36 meses que está em Portalegre?

E5: Não, não tem 32 anos mas foi pra lá concorreu e a mãe dele foi operada a um peito, a mãe do rapaz e ela disse ao marido: “ai marido, isto não é pra m’abalar. Atão pra que é? Eu estou grávida outra vez, olha que bom disse-lhe o marido olha que bom é quem nos vai acudir a nós quando agente for velhos, deixa vir que se há de criar”.

I: Então a sua filha é quem a visita agora em casa, é a sua filha?

E5: Sim, mas a minha filha só pode ir de carro coitadinha tanto tá piedade e vir carregada com as coisas ali do Pão de Açúcar e ele vem com ela, nem entra, cortamos as relações.

I: E aqui no centro, é bom ter esta companhia?

E5: É É, mas é, sim

I: Este convívio.

E5: Sim, logo no início claro eu saí do hospital com pernas inchadas e problemas e tenho este osso aqui ainda desviado de maneira que 3 vezes já caí. E ele também assistiu eu meti a cabeça no vidro, na janela que a minha filha mandou-me por desse lado, e a minha cabeça ... não me lembro ele diz que eu tou maluca e que não... mas disse-me logo despeça-se que eu aqui não a quero, a minha filha depois atirou-se a ele.

I: O seu genro é que lhe disse isso?

E5: Num dia mandou-me, desculpe a expressão, à merda umas 10 vezes

I: E diga-me uma coisa, a sra disse-me... disse-me há pouco, ah estava a ver que não chegava a minha vez, porquê? Porque queria conversar comigo?

E5: Queria e pensei que eu não tinha porque como tou mal da perna a gente não vai a pé né, vai num transporte pensei eu e quando era e quando não era prá pessoa saber e falar com a minha filha.

I: Então pra si este momento em que estamos aqui só as duas, é bom prá senhora ou não?

E5: É bom, é bom a gente mudar de ambiente, mas esta é uma santa esta mulher, ela é que fez, ela e a assistente social dos cuidados continuados é um hospital muita bom todo pintadinho, só o que me fizeram foi fazer dieta e fazer ginástica, tinha que me movimentar porque eu não mexia as pernas.

I: Então apesar das coisas tristes que existem na sua vida, é bom lembrar-se das coisas alegres?

E5: Sim, sim não me esqueço e agora fui pintar o cabelo à minha cabeleireira que tava tudo tão branco tão branco tão branco que eu fui...

I: Fazer as coisas que lhe dão alegria, é isso?

E5: Então à minha filha não posso ir que ele disse-me logo que eu não tinha nada que fazer lá e ele à minha casa vai-me pôr a bilha do gás porque eu não tenho força e vai ao contar da luz tirar a contagem que a minha filha não sabe. Puseram lá um esquentado- ... um esquentador ... um contador, já tou a bater aqui na mesa, um contador foram lá pra pôr um contador e então ele disse à minha filha como é que se fazia e como é que via, mas assim ele vai quando eu não estou porque eu estou aqui, ele tem uma chave aquilo é logo à entrada da porta, acende a luz e tira a contagem e depois dá à mulher prá mulher fazer as coisas. E eles quando lá vão pra contar o contador eu disse: “não obrigada tenho a minha filha e o marido”, faça se assim tenho a minha filha e o marido que me tiram a contagem da luz.

I: Sim senhor, dona -----, muito muito muito obrigada, por termos conversado muito obrigada, fiquei muito feliz por conhecer a sua história e muito obrigada pela sua generosidade, a sra gostou deste momento? De reviver?

E5: Outra vida, a minha é outra vida porque pode ser que eu pra onde vá não caia. É bom mudar-se de vida, não é?

I: Muito obrigada dona ----- pelo seu tempo.

E5: Não é preciso mais nada?

Entrevista 6

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 84

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 5º ano Liceal

Estado Civil: Solteira

Número de Filhos: Sem Filhos

Com quem vive / coabita: Sozinha

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Funcionária Pública

Utente do Centro de Dia há Cerca de 5 anos

E6: Eu ----- com 84 anos de idade nascida na cidade da Guarda, na cidade da Guarda fui pois obrigada a vir a morar para Almada com os meus pais e com os meus irmãos, devido ao estado de saúde da minha mãe. Porque vivíamos na cidade da Guarda e os médicos aconselharam a minha mãe para viver mais alguns anos a deslocar-se da cidade da Guarda porque tinha grande altitude e sofria muito do coração então era melhor deslocar-se da cidade da Guarda e vir para Lisboa ou para outra cidade. E então o meu pai resolveu a vir a Almada e alugou uma casa e viemos então da cidade da guarda para aqui para Almada e já estou aqui a morar em Almada há mais de 60 anos. Infelizmente os meus pais já faleceram, os meus irmãos também já faleceram e vivo agora sozinha. Vivo agora sozinha que me custa muito, muito, muito aceitar, muito aceitar, custa-me muito aceitar. Eu fui funcionária pública, eu fui funcionária publica na inspeção geral das atividades económicas, era a secretária do Diretor geral que se chamava Dr. ----- que infelizmente já faleceu. Tenho muita, muita pena, tenho grandes saudades dele e tenho grandes elogios dele, até salvas de prata tenho com gravações a elogiar-me, a elogiar-me era porque eu seria talvez boa funcionária, não sei, não sei, não gosto de me gabar, não gosto de me gabar. Mas não gostava de faltar, eu era muito pontual fazia tudo, tudo, tudo o que me era possível para estar sempre tudo em ordem, tudo, tudo, tudo em ordem. Ía daqui para a Avenida Duque D'Avila, que era onde era o meu serviço, avenida duque d'Avila nº 39... 139 e que pertencia ao ministério da economia e vinha todos os dias. Depois aposentei-me claro, com respeito depois a saúde infelizmente não tenho tido muita saúde, já estive no hospital Garcia da Horta umas poucas de vezes, já fui ... já estive aqui inter-... aqui também no centro de dia mas depois tive de deixar o centro de dia porque tive que ir para um... agora não recordo... um lar, tive que ir pra um lar, era o lar o Lírio, o lar o Lírio porque tinham que me tratar eu não me podia mexer e tinham lá que me tratar e faziam mesmo tratamentos. Eu não me mexia, da cintura pra baixo eu não me mexia paralisei por completo, paralisei por completo, mas graças a deus com boa vontade e com a graça de deus recuperei e com bons médicos também, recuperei o andamento e depois voltei novamente prá qui pró centro de dia mas depois do centro de dia tive já depois outras fatalidades caí ... caí no metro, caí no comboio do metro e parti a anca tive outra vez que ser internada, fui operada e tenho grandes dificuldades para andar, muitas mesmo dificuldades para andar também fui operada aqui ao braço direito, ao braço direito que tenho muitas dificuldades em o mexer, em levantar e em mexer e isso. Doente

sou bastante doente muito, muito doente, da coluna nem tem explicação, sofro imenso, imenso, imenso mas deus assim quis e eu tenho que aguentar as doenças que deus quer é assim.

I: A Sra. nasceu, não foi, aqui em Almada? Foi aqui?

E6: Eu nasci foi na Guarda mesmo, eu nasci foi na Guarda, na Guarda.

I: E depois veio pra cá já tinha...

E6: Eu quando vim prá qui já tinha os seus 19 ou 20 anos, 19 ou 20 anos quando vim prá qui.

I: E a sua mãe estava em casa?

E6: Tava tava, quanto à minha estava em casa, o meu pai era Sargento da Marinha, era Sargento.

I: E a Sra. é solteira?

E6: Eu... todos os meus irmãos se casaram, eu tinha 6 irmãos e uma irmã, todos eles se casaram eu é que fiquei solteira eu era a mais nova de todos e fiquei solteira porque quis.

I: Solteira e sem filhos?

E6: E sem filhos.

I: Porque quis.

E6: Porque quis, porque felizmente ou infelizmente, não sei pretendentes não me faltaram, pretendentes não me faltaram (-----).

I: Então dizia-me a Sra., antes desta interrupção, que os seus irmãos casaram mas a Sra. fic... decidiu ficar solteira e sem filhos.

E6: Eu hoje em dia tenho vários sobrinhos, tenho vários sobrinhos, mas infelizmente estão todos longe.

I: Os irmãos partiram, certo?

E6: Os meus irmãos todos faleceram, sou eu a única, tenho vários sobrinhos realmente, uns tão em angola, outros tão no algarve, estão todos divididos pronto, tão longe só tenho um aqui perto. Esse é que me vem de vez em quando visitar, tenho muitas saudades de todos, tenho dias que choro muito, muito em casa, por estar sozinha muito muito choro porque sinto-me só não sei, olhar pás paredes sozinha eu era muito amiga muito amiga principalmente da minha querida irmã a última que morreu. A última que morreu a minha querida irmã, a minha querida irmã, a minha querida irmã que faleceu à 5 anos era muito, muito, muito minha amiga e eu dela

nem tem explicação senti muito muito, muito a falta muito a falta e agora estou só e não sei como o dia de amanhã. Não sei o dia de amanhã, estou aqui daqui vou pra casa pronto olha e estou sozinha, olha estou só, olha estou só custa-me muito, muito, muito, muito, a solidão é muito triste, muito triste muito triste, muito triste, só quem passa por ela, podem me chamar tola, é natural pronto, podem me chamar tola.

I: Não, não é tola, a Sra. não é tola.

E6: Não digo que não, sou, sou.

I: Não é.

E6: Porque há muita gente que está nas mesmas condições, está sozinha e isso e não sentem, não sei. Mas eu não sei, não sei, não sei, não sei a tristeza que sinto dentro de mim.

I: A Sra. não tem que se comparar com ninguém, é o que a Sra. sente, é o que a Sra. sente e tem todo o direito a sentir o que sente.

E6: Eu era tão bem tratada não me faltava nada, nada, nada onde eu ia, ia a minha querida irmã ia sempre, sempre comigo, ai minha querida. Os últimos momentos ela estava aqui no lar de São Tiago, estava...esteve aqui no lar de São Tiago aqui ao lado e eu ia lá todos os dias, nas últimas falas ela disse “querida dá-me um beijinho” e ficou-se. Ai a minha querida irmã, a minha querida irmã, minha queridazinha.

I: E a sra veio pra este centro...foi a sra que tomou essa decisão?

E6: Não, não fui, eu estava no hosp- ... tava no hospital depois tive alta e mandaram-me pra casa e depois o único sobrinho que tenho cá disse assim “agora tia como é que se vai fazer, tem que se arranjar pá tia não ficar aqui todo o dia sozinha isso, vou falar no centro de dia pá virem buscar come lá e isso depois vêm traze-la e isso é melhor do que ficar num lar, ficar lá todo o dia, assim é melhor no centro porque assim sempre vê a sua casinha” e isso disse-me ele e eu concordei pronto e pronto prá qui e tenho cá estado já aos anos. Ele de vez em quando ... quando tem folga vem cá ver-me porque é muito meu amigo coitado mas não tem mais tempo pra me ver.

I: E o sobrinho costuma visitá-la em casa?

E6: Vem aqui em quando pode.

I: A sua casa, Ah vem aqui ao centro?

E6: Vem aqui ao centro, vem, vem, às vezes é uma grande grande surpresa, pronto estou eu a pintar ou estou a fazer qualquer coisa e a surpresa é tão grande, tão grande.

I: É uma alegria que a Sra. sente?

E6: Sinto, sinto e quando tem assim folga maior, ele diz na véspera e isso olha eu vou telefonar lá pó centro a dizer que amanhã vou-te buscar pra ires almoçar comigo ----- tábem e eu digo não não venhas, não venhas, não faças isso, tou te a dizer que vou te a buscar pronto amanhã não vais pró centro eu vou-te buscar a casa. E vai-me então a buscar-me a casa pa ir almoçar fora e depois dar uma volta a qualquer lado até Sesimbra ou até à Costa, para aquele lado pronto, não ele é muito meu amigo nisso é, ele e a mulher tamém, foi pena, foi pena agora à coisa de uma mês, um mês e meio, mês ou mês e meio, ele gozava de saúde felizmente, gozava saúde, mas ele foi pró emprego ele é chefe no supermercado, ao sair do emprego deixou o carro à porta ele ía a entrar pró carro pó carro e teve um enfarte, teve um enfarte mas ele pressentiu qualquer coisa de estranho e ainda se meteu no carro e levou o carro só com uma mão até casa que era perto, chegou a casa a mulher disse-lhe “tu não estas bem”, “estou...não estou muito bem mas deixa estar que isto passa, isto passa” e esteve em casa até de madrugada e depois de madrugada a mulher insistiu e foi ao hospital, foi ao hospital onde lhe disseram então que tinha sido um enfarte e que tinha tido muita sorte e não ter ficado logo não ter caído não ter ficado logo e agora tem andado a tratar-se e isso mas ... vamos lá ver se as coisas não se vêm a repetir meu deus.

I: E esse é o único sobrinho que a Sra. tem aqui perto de si e que a visita.

E6: É, e isso é é.

I: É uma alegria quando...

E6: Quando o vejo é sim, agora só me tem assim mais telefonado e isso agora não o vejo à uns poucos de dias já.

I: E aqui no centro a Sra. sente ... é bom este convívio.

E6: É, é bom não digo que não, que não seja.

I: Mas, mas há sempre aquele sentimento de solidão é isso.

E6: É verdade, é verdade. Sim é isso, mais a solidão, é verdade. Eu não sou pessoa de...com muitas conversas, sou muito calada, muito calada, muito calada, muito calada e há pessoas que gostam de ouvir pra depois irem contar eu não, eu não, se ouvir eu calo fica cá dentro, são feitos.

I: Com certeza, então penso que estarmos aqui as duas sozinhas é bom, a Sra. sente-se bem?

E6: Sinto me muito bem muito bem, a Sra. já me disse o nome mas já me....

I: -----.

E6: -----, Dona -----.

I: Sente-se bem de estar a reviver, a partilhar a sua história...

E6: Sim, sim, sim, sim, sim, sinto-me muito bem dona -----

I: Porque é um momento só para si, não é?

E6: É sim, é sim eu sou muito só, é verdade dona-----.

I: Muito bem. E então quer dizer, quando regressa a casa é aquele sentimento ao fim do dia mais difícil não é?

E6: É um bocado difícil, muito difícil mesmo, eu já lá moro há mais de 60 anos no prédio e o prédio faleceu, faleceu a pessoa, quer dizer agora está quase vazio o prédio eu moro ali mesmo no centro central em frente ao mercado mesmo naquele prédio onde é a ourivesaria Coimbra, ali assim é nesse prédio que eu moro no sitio central, mas as pessoas com tantos anos também têm desaparecido só lá estamos 3 pessoas no prédio e o prédio é grande. E eu ainda vou quando são aí 6 e tal a casa da Sra. que mora no 2º andar eu moro no 3, mas ainda vou a casa da Sra. do 2º andar porque ela caiu e partiu aqui assim o braço e isso e quem a ajudou fui eu com muito gosto com muito gosto, eu é que a tenho sempre ajudado, fazer-lhe a cama por-le por causa dos alimentos pra pôr a mesa pa lhe dar a comida, essas coisas porque ela com o braço não podia, coitadinha não podia e eu também gostava que me ajudassem a mim é assim mesmo, e eramos muito amigas também e ela já tem 89 anos também já tem mais ainda que eu por isso precisa, depois tou lá um bocado dou-lhe de jantar (-----).

I: A Sra. tem uma vizinha que ajuda.

E6: Ajudo, depois dou-lhe assim de comer, lavo assim maneiras dois pratos praticamente, deixo a ficar a ver um bocadinho a televisão e eu subo as escadinhas e vou pra casa, vou pra minha casa e depois vou então pois comer qualquer coisa, é pra ... coitadinha também precisa.

I: Fazem um bocadinho de companhia uma à outra é isso?

E6: É isso fazemos companhia uma à outra, e eu também não sei o que venho a precisar daqui amanhã eu penso nisso eu estou sozinha, eu estou sozinha, não tenho ninguém do lado não

tenho ninguém em baixo não tenho assim ninguém não tenho, agora neste momento não tenho assim ninguém.

I: Então de alguma forma foi uma boa ideia que o seu sobrinho teve, não é? De estar aqui no centro, não sei se a Sra. concorda?

E6: Concordo, e ele vinha cá assim mais vezes agora tem vindo menos à um mês mais ou menos, tem vindo menos porque aconteceu coitadinho prontos mas telefona constantemente a perguntar como é que eu estou se preciso de alguma coisa está sempre a telefonar, é verdade.

I: Eu vejo pelo seu sorriso que é uma alegria, é isso?

E6: É é é pois com certeza, é sim senhor é sim senhor.

I: É a família que a Sra. ainda tem mais próxima de si?

E6: É é é.

I: E de qualquer forma aquilo que a Sra. me disse há pouco, penso que não sei se será isto, corrija-me, partilhar um bocadinho da sua história é que evita...porque aqui são muitas pessoas...

E6: Ah pois são, são muitas pessoas mas eu sou muito calada, muito calada, muito calada, eu sou muito, muito calada, muito calada mesmo, entro quase o dia e vou embora à tarde quase sem falar a ninguém, é verdade.

I: Quase sem falar a ninguém?

E6: É verdade, é verdade é verdade, entro é claro dou os bons dias falo e isso sento-me mas não ando de cadeira em cadeira.

I: Então este bocadinho em que estamos aqui as duas soube-lhe bem?

E6: Soube, sim senhor soube, soube sim senhor.

I: Sim senhor dona ----- eu quero agradecer-lhe muito, muito, muito a sua generosidade.

E6: De nada de nada e eu também agradeço.

I: O seu tempo.

E6: Eu agradeço também estar aqui com a sra, sim sra, alguma coisa que seja preciso que eu possa estou sempre às ordens faz favor.

I: Muito obrigada dona ----- e o mesmo em relação a mim, disponha de tudo o que for necessário.

E6: Obrigada, muito obrigada.

I: Muito obrigada pelo seu tempo e pela sua generosidade e pela sua partilha.

E6: Muito obrigada, obrigada, peço desculpa de algum disparate que tenha dito, mas a minha cabeça também já não funciona muito bem.

I: Não disse disparate absolutamente nenhum, a Sra. é encantadora, não houve aqui disparate nenhum.

Entrevista 7

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 87

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Viúva

Número de Filhos: 2

Com quem vive / coabita: Sozinha

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Costureira

Utente do Centro de Dia há Cerca de 1ano

I: A Sra. chama-se?

E7: -----.

I: Dona ----- e a Sra. que idade tem?

E7: 87, quase 88, 88.

I: Muito bem, e a Sra. nasceu aqui em Almada?

E7: Não, nasci em Abrantes, Abrantes, Alvega Abrantes.

I: Muito bem.

E7: Mas tou aqui desde os 17 anos que vim, vim pra qui muito nova tinha cá familiares, que na casei... namorava um rapaz lá da terra casei-me com ele um senhor que já cá não está infelizmente que é o pai dos meus filhos lindos que eu tenho, tenho dois filhos maravilhosos, não é por serem meus filhos mas...

I: E a Sra. então veio pra Almada com ... disse-me a idade com 17 ano?

E7: Não vim da terra com 17 anos pra cá pra lisboa, fui pra casa de uma irmã que ela tinha um atelier de costura tava lá na costura dela, depois então já morava aqui uma irmã minha em Almada é que me disse ó ----- se queres agora tá aqui uma casa. Sim tá bem ao pé dela e é então onde eu estou.

I: Ah onde está e conheceu o seu marido aqui?

E7: Não o meu marido já conheci na terra porque eu já ... ele era da terra também, era um homem, não é por meu marido, mas era um homem...não era o meu género, era um homem muito charmoso, os meus filhos saem ao pai. É muito.... Era muito...

I: A Sra. apaixonou-se logo.

E7: Sim...

I: E estiveram casados até ele partir, certo?

E7: Claro, ah claro doutora.

I: E ele já partiu à....

E7: Há 27 anos, é uma vida. Eu tou a dizer eu choro por ele, eu não vou falar.

I: A Sra. chora é o que for não se preocupe, não se preocupe, todos os dias a sra?

E7: É.

I: Sente saudades?

E7: Sinto muitas saudades, porque foi um grande marido, um grande filho, um grande irmão, um grande pai, uma pessoa maravilhosa não é por ser...mas realmente pessoas que se vão embora que deixam muita pena muitas saudades, mas a vida é assim, não sou só eu há muita gente a dizer o mesmo, não é Dra.? Pois a Sra. Dra. é casada? Desculpe fazer esta pergunta.

I: Sou.

E7: Sabe o que é não é?

I: Sei, sou casada.

E7: E não é preciso ser casada, pra...os seus estudos pronto.

I: Desculpe, e então, quer dizer a Sra. sente que teve uma história de amor que era a que queria?

E7: Sim, sim.

I: É o que me está a dizer é isto?

E7: Sim Dra. sim sim mas de que maneira.

I: Ai que bom.

E7: Sim sim.

I: E então tiveram um rapaz e uma rapariga?

E7: Sim, muito charmosos, não é por serem meus filhos, mas tenho muito orgulho e já tenho dito à minha filha tenho muito orgulho, em trazer dentro de mim uma filha como tu e ao filho a mesma coisa. Ela mora na Aroeira tem uma vida muito estudiosa, muito ...mora na aroeira comprou lá uma grande vivenda com piscina e pronto e o meu filho mora no Pragal ao pé dos correios também comprou lá um andar e é assim Dra. a vida.

I: E tem netos?

E7: E tenho 4 netos, tenho um que já é formado, que é em set-... é em economia que é o pai do menino que tem dois aninhos.

I: Ah é bisavó, parabéns.

E7: E depois tenho...É Bisavó e depois tenho mais dois que é do meu filho que um também tá a tirar engenharia na Universidade do Monte o ----- e depois tenho outro o ----- que também está a estudar. E tenho uma filha, uma filha.... Uma família muito bonita Sra. Dra., eu posso ser não sei, mas tenho uma família de primeira. Desculpe lá eu estar a falar assim.

I: Não....

E7: Porque com a Dra. se calhar não se fala assim.

I: Claro que fa-... a Sra. fala exatamente como entender, o que sente.

E7: O que eu sinto.

I: E eu estou encantada porque vejo-a feliz verdade?

E7: É Dra.

I: Ou não? É verdade.

E7: Por um lado pela vida que tive, por outro lado sinto-me muito sozinha, os filhos trabalham têm a vida deles e... mas quando eu preciso eles tão lá sempre não é. Quando eu preciso os meus filhos não me voltam as costas, tão lá sempre. A minha filha então vai lá sei lá... quando eu às vezes vou daqui já ela tem lá ido mudar-me a roupa da cama e levar, que ela tem máquina de lavar e secar e é assim... o meu marido foi embora mas deixou-me dois lindos filhos, dois bons filhos. Mas têm a vida deles trabalham, têm os seus filhos, têm a sua casa, têm a sua vida não é. Não posso entregar-me a eles porque eles têm a sua vida, tem uma vida muito preenchida, trabalham não é ... e os seus filhos pa tomar conta.

I: Que também... os seus netos são também a sua ... o seu orgulho?

E7: Mas de que maneira Dra. são, são, tenho muito orgulho na família que eu tenho. Posso parecer aquilo que sou mas deus deu-me uma família muito bonita. Tenho muito orgulho. Um dia já disse pra eles, um dia que eu me vou embora levo muitas saudades tuas, mas por outro lado vou feliz por ver que deixo cá uma família muito bonita. Tudo ajuizado tudo trabalhador, tudo....

I: O seu filho que está aqui no pragal, portanto provavelmente visita-a em casa?

E7: É o que mora mais perto.

I: É o que mora mais perto?

E7: Sim, mas sempre que eu preciso eles tão lá, ou um ou outro, é.

I: Visitam-na em casa?

E7: pois, sempre que eu preciso não é, muitas vezes também não podem lá ir todos os dias, têm a vida deles não é. Mas de qualquer das maneiras há quem esteja muito pior, porque eu tenho os meus dois filhos que trabalham, não posso entregar-me ... não posso ir pra casa deles porque também têm família não é, pois.

I: Então a Sra. vive sozinha?

E7: Vivo sozinha Dra., vive-se. Porque é muito triste uma pessoa sozinha. Uma vez chorei-me prá minha filha e ela disse: “ó mãe pra que que está assim a chorar?” Pronto, sim também mas não é tudo, tenho muitas saudades do meu marido, foi um bom marido, um bom... pronto foi muito bom em todas as Irmão pai, marido, foi tudo muito bom

I: Que bom, a Sra. tem memórias muito doces

E7: Que nunca morrem em mim, enquanto eu cá andei não morrem, é é Dra. e a Dra. sabe bem que é assim.

I: Que bom, fico feliz, muito feliz.

E7: Muito obrigada Dra., é tão queridinha a Dra., nasceu mesmo pra esta vida.

I: Obrigada.

E7: É, é, é, obrigada eu.

I: A Sra. sente que teve o príncipe encantado, é isso?

E7: Tive, deus deu-me a pessoa que eu merecia, foi pena foi levar-ma, às vezes falo com deus, disse: “ó meu senhor se me deu uma pessoa tão boa porqué que ma levou, mas é a vida”. A vida é assim não sou só eu a passar por isso, são muita gente a passar por isso.

I: Verdade.

E7: Mas ele foi embora foi feliz, porque sabe que eu fiquei bem entregue aos filhos, porque se eles tivessem em casa mas não tão a trabalhar não é tão a trabalhar não me podem lá ter em casa, mas quando eu preciso de alguma coisa ou ir ao médico ou assim, eles vão.

I: Portanto o que lhe custa mais é essa solidão, não é?

E7: É, é má companheira, a solidão é muito má companheira, é.

I: Porquê? É os pensamentos?

E7: É, e não ter... a gente assentar-se ali à frente dum televisor e não ter com quem conversar ... é uma solidão muito grande. Mas não sou só eu, diz a minha filha, não sou só eu há muita gente a passar por isso, há muita gente a passar por isso, não é dra pois melhor sabe que eu.

I: E é o que lhe custa mais, é a solidão?

E7: É, é a solidão, é a solidão.

I: E a Sra. está... veio aqui pró centro mais ou menos á quanto tempo?

E7: Eu ainda não fui... eu já não sei prever, mas foi à pouco tempo, foi à pouco tempo que o meu filho me veio inscrever.

I: Há pouco tempo, á um ano não tem ideia?

E7: Talvez

I: Talvez à um ano que veio aqui pró centro?

E7: Sim, talvez não tou a prever bem não é, que a minha memória também já está.... mas e agora eu vejo pessoas tão boas, eu também sou boa, o Sra. Dra. e é um bom ambiente, atão não é Dra.

I: Olhe que bom que bom, isso alivia um bocadinho a sua solidão?

E7: É, ah sim sim mas de que maneira, sim Dra. alivia venho prá qui depois vou parece que me sinto um bocadinho mais... depois ainda vou é lá ao pé de mim vou ainda um bocadinho ali ao café, depois então é que vou pra casa.

I: Então quando sai daqui ainda vai um bocadinho ao café?

E7: Algumas vezes, outras não. Tem dias, tem dias.

I: E estar aqui no centro ajuda?

E7: Ajuda sim, mas de que maneira ajuda, o meu filho veio-me inscrever e ele disse logo: “ó mãe então há o centro de dia”, sim tá bem, tá bem, ele veio-me inscrever e eu estou a cá Dra. A ouvi-la que eu gosto muito de ouvir a Dra., que é muito... pronto é muito queridinha nasceu mesmo pra esta vida.

I: Oh isso É tao bom, é tão bom.

E7: Então a Dra. não sabe.

I: É tão bom.

E7: Mas não é preciso eu tar a dizer.

I: Muito obrigada pela sua generosidade.

E7: Não é preciso eu tar a dizer isso que a Sra. Dra. sabe.

I: Muito obrigada pela sua generosidade, o que me encanta é a sua generosidade por partilhar um bocadinho comigo a sua história.

E7: Gostei muito.

I: Gostou?

E7: Gostei sim Dra., que não seja pó meu mal, que não seja pó meu mal esta entrevista.

I: Sim sim e gostou deste momento?

E7: Sim, sim Dra. então mas quem é que não gosta de falar com a Dra. que é tão querida, já viu esse sorrisozinho essa maneira de ser. Por isso é que está aqui. Não é Dra. diga lá que eu não tou a falar verdade e a falar bem.

I: É um privilegio pra mim poder conhece-la e estar um bocadinho consigo.

E7: Muito obrigada, obrigada Dra.

I: É maravilhoso.

E7: Obrigada.

I: E é maravilhoso ouvir que a Sra. viveu uma história de amor tão bonita.

E7: Tão bonita, nascidos, criados na mesma terra a família tudo tudo muito direitinho, tudo gente séria, gente boa, não é por ser a minha família não é, não ia dizer mal, mas tou lhe a dizer deus sabe que eu tou a falar verdade. Dra. sou muito chata a conversar não sou?

I: A Sra. não é chata, pelo contrário a Sra. tá a ter a generosidade de partilhar comigo a sua história.

E7: É assim.

I: É exatamente ao contrário .

E7: Sim sim.

I: E é maravilhoso e enche-a de orgulho estes filhos e estes netos é isso?

E7: Muito Dra. preenchem-me a minha vida, que eu saber que são estudiosos, trabalham sempre tudo... tudo direitinho, que nunca tive... nunca me deram um desgosto. Fui... Tem sido maravilhoso. Porque é a educação que levem de casa dos pais sabe, os meus filhos levaram a educação que levaram de casa dos pais, e os meus netos têm educação que têm da casa dos pais. Pode ser que ainda um dia conheça a minha família, porque não é por serem... mas tenho uma família bonita e boa.

I: Isso faz sentir que a sua vida...

E7: É é pena é já estar quase a acabar, já tou muito velhinha ainda gostava de andar cá mais tempo pós ir vendo.

I: A Sra. está muito bem, está lucida.

E7: Estou, como a Dra. vê.

I: Pois claro que está, está lucida está muito bem, vem até aqui ao centro o que ajuda.

E7: Ajuda, conheci há ali umas que já conhecia não é e outras pessoas que já conheci, gosto muito o ambiente é bom, as empregadas a ----- e tudo são de primeira é, é Dra. e sabe bem Dra. que eu não tou a dizer nenhuma novidade, pois o que eu disse se calhar já muitas lhe disseram não é Dra. é.

I: Então valeu a pena aquela decisão do filho.

E7: Foi.

I: De lhe ter proposto esta solução.

E7: Sim Dra. e como o meu caso há de haver muitos não é, pois é assim Dra.

I: Muito bem, olhe dona ----- eu quero lhe agradecer muito muito muito.

E7: Oh Dra. eu é que tenho que agradecer só falar com a Dra. ver esse riso essa sua maneira de ser qualquer pessoa que vá daqui como eu fica encantada com a Dra. É verdade eu não tou a fazer programa, tou a fazer aquilo que eu tou a sentir

I: Muito obrigada dona -----.

E7: Até mesmo quando eu vejo ali a Sra., aí a Dra. com os sapatinhos iguais e o vestido igual, tão bonita, tão bonita olhe isto é coisa de velhotes, mas é verdade eu tou a falar verdade e as verdades é para se dizerem.

I: Minha querida dona----- muito muito obrigada.

E7: Muito obrigada Dra.

I: Pelos seus elogios que me fazem tão bem à alma, tão bem.

E7: Mas eu não tou a dizer nada que não sinta, tou a dizer a realidade.

I: Eu sei, eu sei.

E7: Oh Dra. desculpe lá.

I: Quem tem de lhe pedir desculpa sou eu porque lhe roubei um bocadinho do seu tempo e muito obrigada pela generosidade de ter partilhado um bocadinho da sua vida tão rica comigo.

E7: Muito obrigada Dra. e gostei muito de falar com a dra fica-me na minha cabeça a sua maneira de ser, pronto tudo e é bonita, uma senhora bonita, vistosa, airosa tudo, tem tudo bom, ai Dra. pronto olhe desculpe lá mas eu sou assim. Eu sou assim.

I: Muito obrigada dona ----- muito obrigada pelo seu tempo.

Entrevista 8

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 90

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Divorciada

Número de Filhos: 3

Com quem vive / coabita: Vive com um hóspede

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Esteticista

Utente do Centro de Dia há Cerca de 8 meses

I: Sra.? Então a Sra. chama-se -----?

E8: Quer dizer o meu nome não é ----- é ----- mas eu trabalhei num cabeleireiro em lisboa no marques de pombal onde havia 4 ----- éramos 23 esteticistas e quando eles chamavam à receção ----- à receção lógico que iam as quatro. E então eles vão buscar os nomes e como eu sou----- lá o meu patrão pôs-me ----- de maneira que é netos, é bisnetos, é filhos, é amigos é toda a gente me chamava -----.

I: Porque ficou profissionalmente -----?

E8: Profissionalmente -----.

I: Pra se distinguir das colegas.

E8: Profissionalmente ----- eu trabalhei por duas vezes num cabeleireiro, quando fui pra lá era ----- e depois quando fui a segunda vez entrei como ----- e o meu patrão dizia-me assim.... Esta agora vem com o nome todo pomposo. Não, e então tive de lhe contar a história, é isso. Mas eu gosto do nome, acho graça. É os meus netos os bisnetos os amigos dos meus filhos é tudo -----, ----- pa trás ----- pá frente.

I: E a Sra. tem que idade?

E8: Eu fiz 90 a sema- O mês passado.

I: Fez 90 mês passado?

E8: não parece pois não.

I: Nem pensar, ninguém lhe dá 90.

E8: Eu sei.

I: Nem pensar, parabéns por tudo.

E8: Sabe que ...e tenho pena de ter 90.

I: Então? Tando tão bonita.

E8: Não.

I: Estando tão lucida.

E8: Gostava muito de ter menos porque começo a pensar lentamente, (-----) e deixo cá os meus filhos e deixo cá os meus netos.

I: A Sra. tem quantos filhos?

E8: 3.

I: Tem 3 filhos.

E8: Tenho um na Suíça e tenho dois cá.

I: E netos tem...

E8: 6 netos e 6 bisnetos.

I: 6 netos e 6 bisnetos parabéns.

E8: Muito obrigado.

I: Mas a Sra. nasceu aqui em Almada?

E8: Não, nasci em Paço d'Arcos.

I: Nasceu em Paço d'Arcos, sim senhor depois casou?

E8: Sim casei, eu tive uma vida muito trágica.

I: Muito trágica?

E8: Tenho de contar não é?

I: Sim sim, tem ... contar aquilo que entender, o que quiser partilhar.

E8: Não. Eu com 14 anos o meu pai morreu tinha 27 anos, morreu de acidente e então a minha mãe ficou com as duas filhas e grávida da mais nova. De maneira coitadinha não tinha possibilidades e então eu fui pá minha avó, a minha irmã mais velha foi pa casa de uma tia minha irmã do meu pai e a outra quando nasceu apois arranjaram um trabalho pá minha mãe de porteira num prédio em Xabregas. E então havia uma Sra. muito rica, muito rica, muito rica levou a menina, pronto e a minha mãe ficou sem filha nenhuma. Um dia disse à minha avó: “tenho 3 filhos e não tenho nenhuma filha comigo” e a minha avó agarrou em mim pimba, tive desde os 3 anos até aos 6 mais ou menos com a minha.... Logo aí foi sofrimento, a minha avó era professora, nessa altura são muito (-----)

I: Rígidos.

E8: Professora, era muito fines-....lá finesse e então ensinou-me só tudo de bem, o melhor possível, isso ... não foi muitos anos e depois eu vim pá minha mãe.

I: A Sra. estudou até que altura?

E8: À 4ª classe.

I: A Sra. estudou até à 4ª classe, muito bem. E depois?

E8: E depois fui então pá minha mãe, pá tal casa em Xabregas onde era só uma coisinha assim era a caminha e era (-----). Com 14 anos fui pa casa de uma tia minha que era cabeleireira e comecei a ...comecei a ... aprender a cabeleireira com ela. Mas depois não era bem aqui que eu queria, bem mas tive lá 14. 14 conheci um namoradeco na (-----) em alfama, (-----) aconteceu o inesperado como toda a gente sabe não é o que é e foi obrigado a casar comigo. Foi obrigado a casar comigo mas ele tinha um defeito, o defeito dele era não queria trabalhar, eu é que trabalhava pra mim, pra ele e pá minha sogra. Tive sempre muito sofrimento, o meu sofrimento foi este, pronto. Casei-me entretanto fiquei grávida dele, o bebé morreu, nasceu morto. Eu pensei bem agora com o bebé pode ser até que ele mude, ele era uma pessoa muito bonita, era parecia um artista de cinema e era realmente... que é certo é que o bebé morreu mas a nossa vida continuava na mesma. Eu saía de manhã pra ir trabalhar e ele entrava pra dormir e eu dizia-lhe: isto é assim eu saio pra trabalhar e tu entras pra dormir. E ele diz: eu não tenho culpa que tu sejas mulher a dias e eu guarda noturno. Um dia deixou-me uma carta em cima da cama e diz-me vou-me embora podes ser feliz eu não te mereço e tu mereces. Agarrei na carta ... eu vou-me matar, eu vou-me matar, o primeiro homem que eu conheci, namoradinhos assim daqueles, namoradinhos que (-----). Não, não, não ele diz que eu ainda posso ser feliz. Não, o que é que eu faço, agarro saio de casa da minha..... ah agarro saio de casa da minha sogra que

é onde nós vivíamos e fui pra casa da minha mãe que vivia onde eu vivo hoje a Carvalho Ferreirinha.

I: Em Almada?

E8: À sessen- ...Em Cacilhas, à 64 anos. Bem isto foi assim, uma história muito longa, eu tenho um livro, eu já escrevi um livro.

I: Ah que interessante.

E8: Tenho um livro, já dei aqui à Dra. já leu a ----- é que ainda não leu, mas eu hei-de trazer para a ----- ler.

I: Qual é o título do seu livro? O título?

E8: Que vida a minha.

I: Que vida a minha.

E8: Que vida a minha, porque depois eu fui pra casa da minha eu depois.... Agarrei-me fui pra casa da minha mãe, entretanto divorciei-me e em frente à minha mãe vivia um rapaz muito giro que era bom dia boa tarde (-----) e deu em namoro. Que amei, foi o homem que eu amei na minha vida. Amor, sabe o que é amor? Amor, é claro fiquei grávida dele, fiquei grávida dele e ele não queria... não quis o filho. Não quis o filho e eu disse não, o filho vem, já tinha tido desgosto do outro ter falecido porque eu tive que fazer cesariana, não fazia dilatação, os 3 que tive foi tudo cesarianas. Depois foi que (-----).

I: E diga-me e então?

E8: Já tá, já está? Já tá.

I: Incomoda-a?

E8: Não, não incomoda.

I: Diga.

E8: E então, ele não me queria, eu via-o através das cortinas da minha janela da sala ele sair. O amor era tão grande que eu tinha o menino e já tinha o menino dois aninhos, esse menino tem hoje 64, 65, 65 fez 65. Bem eu tinha que trabalhar, sempre trab- ...ah depois tive uma colega que me diz assim: Ó filha tu em cabeleireira não te vais safar pra criares o teu filho sozinha porqué que não aprendes estética. E eu aprendi estética, fiz o curso.

I: Numa Escola?

E8: Numa escola, fiz o curso e pronto. Eu... desgosto muito grande, do pai do meu filho não me ligar nem a mim nem ao menino, qué queu faço, eu agarro um dia chego a casa... eu sou... este meu filho mais velho chama-me mãe guerreira.

I: E com toda a justiça.

E8: É verdade e depois, um dia cheguei a casa do trabalho e disse à minha empregada “olha vais comprar-me o jornal”, ela foi comprar o jornal e lá dizia: Esteticista precisa-se para Moçambique, e eu assim eu já venho. Era nos restauradores nº 9, eu vou meto-me no barco vou pós Restauradores quando cheguei já tinha emprego. Quando a minha mãe chegou do trabalho, eu disse: “olha mãe é o seguinte eu só tou aqui qué pa lhe mostrar uma coisa eu vou pá Africa por dois anos. O menino fica contigo com a empregada e logo que eu veja que realmente são só dois anos tamém é rápido”, dizia eu pra ela. A rapariga deve ser doida, ainda de manhã não ía pra africa e agora vai, eu era assim.

I: Que bonita.

E8: Quando eu fui pá África.

I: Esta fotografia é uma beleza, a Sra. era e é uma beleza, era e é uma beleza, uma beleza.

E8: É verdade, é verdade. Era assim.

I: Linda, Linda.

E8: E então um dia... passado 15 dias eu estava a entrar num navio que me levou 23 dias a chegar à ilha de Moçambique. E pó trabalho que tinha realmente coiso e prontos. Tudo bem, o menino tava cá, eu saudades dele, saudades e depois o qué que eu faço o patrão eu era assim, não é preciso dizer mai nada não é.

I: Não, lindíssima.

E8: Não é preciso dizer mais nada, o patrão começou a querer se fazer comigo e eu disse: “olhe tenha calma porque eu vim prá africa porque tenho um filho pa criar sozinha e preciso de trabalhar porque em Portugal não faltava trabalho, não me faltava homens era o que não me faltava”, “você vai prescindir o contrato tão cedo? Aí não pode”. Posso e prescindi. Prescindi logo o que é que eu faço, agarro na malinha avião Beira, Beira Lourenço Marques Beira, africa do sul, tá tá tá tá tá tá, deve ter conhecimento disso, cheguei lá hotel tá tá tá tá tá tá, não sei se tou a maçá-la mas como disse que era a minha vida.

I: Não me está a maçar, está a encantar-me com a sua história.

E8: Pois atão, pois atão, hotel arranjei-me vim pá rua, ia à Beira, uma coisa... melhor do que onde eu estava primeiro, arranjei-me pra ... arranjei-me pra ver se agente me dava trabalho. Arranjei casa eu com 27 anos, arranjei casa, comprei carro, tirei carta, comprei a viagem pró meu filho e o meu filho com 3 anos mandei-o vir, veio ter comigo, arranjei um pretinho pequenino pra brincar com ele, que ele dizia que não queria dar a mão a ele porque tinha a mão suja porque tava preto. E o rapazinho: Não, não menino é pereto mesmo. (-----) E depois foi assim. Então vivi nessa mesma casa muito bem com o meu...com o meu filho dois anos. Eu costumo a dizer que foi os anos melhores que vivi da minha vida foi esses dois anos. Hora dois anos depois ele tinha três aí já tinha 5, e eu disse-lhe assim a ele: “olha meu filho vamos de férias vamos a Lourenço Marques que hoje chama lhe Maputo, vamos de férias queres ir? Sim diz ele”, e então fomos, fomos ao avião e lá fomos nós, (-----) chegámos ao hotel o gerente do hotel era uma coisa que não tinha explicação, gostava muito do menino, o menino era muito engraçado e brincava muito com ele e ele brincava muito com o menino pa se fazer ca mãe. E eu vi que a coisa estava a pegar não faço mais nada, chego à receção e digo: arranje-me um voo prá Beira que eu quero ir-me embora, no outro dia de manhã quando ele chegou pra ir trabalhar eu já lá não estava e ele ficou triste e perguntou: aquela sra que tem um menino assim e assim onde é que ela está, não está cá? A esta hora já está na Beira, se ela foi ontem. Três dias depois aparece-me ... a bater à minha porta porque a gente na conversação eu sempre lhe dizia onde morava, onde não morava onde era, onde não era e ele não era parvo nenhum, o meu filho vai abrir a porta e diz mamã mamã é o ----- que vem aí, que o nome dele era -----, eu fiquei... eu cá pra comigo ai não o que é que eu vou fazer à minha vida, porque a minha ideia ainda estava com o pai do meu filho tá a ver, eu não... então o que é que cá vens fazer, ah vamos embora (-----) fiquei com ele 22 anos. Batia-me, batia-me muito, 1º, 2º 3º dia não, mas corremos mundo a mundo, África do Sul, Joanesburgo Suazilândia por aí a fora, tive mais dois filhos dele, eu memo grávida ele batia-me eu sofri muito com ele.

I: Mas a Sra. do primeiro ... a Sra. casou mesmo com o primeiro?

E8: Do primeiro casei, mas com este não casei e fiz mal.

I: Divorciou-se do primeiro?

E8: Divorciei-me do primeiro.

I: E com este segundo não casou...com quem teve os outros dois filhos...

E8: Não, não casei, porque eu queria-me era ver livre dele e não pensei na minha cabecinha se casa-se hoje podia ter uma casa aqui na 25 de abril, que quando foi pois... porque depois

quando foi o 25 de abril eu vim-me embora com... já tinha mandado o mais velho e vim com os outros dois mais pequeninos e não casei não tenho nada. Tenho uma família e é o que eu tenho, tenho os meus filhos que me adoram, ele tratava-me muito mal, quer dizer eu nunca fui feliz, isto é felicidade. Agora eu tenho isto ... como eu sou toda coisa... toda ativa eu faço rir elas, eu faço (-----), porquê? Porquê? E 90 anos não é (----) muitos anos, porquê que eu sou assim?

I: Porque é que proporciona tanta alegria às pessoas?

E8: Porquê?

I: Diga-me uma coisa, a Sra. escreveu, publicou um livro com a sua história de vida?

E8: Tenho.

I: Há quanto tempo publicou? Tem ideia mais ou menos, mais ou menos.

E8: Há uns 4 anos ou assim

I: Uns 4 anos.

E8: Ele depois morreu, ele depois já vivia com outra pessoa, ele depois morreu, eu só me consegui ver livre dele aqui.

I: E essa necessidade...

E8: Ele tinha medo de ciúmes.

I: Sim sim.

E8: Eu não podia falar com ninguém, eu se tivesse agora aqui a falar com a sra, ele dizia que eu que tava a falar consigo porque eu... se fosse um homem eu era... tá a ver.

I: Sim, sim, tou.

E8: Os pretos diziam assim pra ele: patrão, não bate Sra., Sra. tão boa, ó seu filho da mãe, mas não era da mãe era (-----) você quer comer Sra. é? Os pretos adoravam-me.

I: E se a Sra. entender, diga-me, essa necessidade de contar a sua história, veio de onde? De si?

E8: É de mim claro, veio de mim exatamente.

I: De colocar a sua história em livro, a sua história de vida, é uma necessidade que a Sra. sentiu para...

E8: Que vida a minha, eu tenho um livro, os meus filhos cada um tem o seu livro e uma das minhas netas também quis o livro e eu mandei fazer pra ela, ela tem. E pronto ajudei a criar os meus netos da minha filha, ajudei a criar os meus netos enfim, tenho sido...

I: É talvez para deixar o seu testemunho aos filhos e aos netos, será isto? Ou não?

E8: Não sei, não sei.

I: Aos bisnetos e a todos os que quiserem beber um bocadinho do seu exemplo, da sua história, é isto?

E8: Pois, a minha história foi esta, é triste. Não tive sorte nenhuma, não tive sorte. Há quem diga, casei o meu marido morreu em não conheci mais nenhum homem, eu não, eu conheci. Só que tive foi azar, o primeiro não queria trabalhar, o segundo não queria o filho e o terceiro dava-me porrada o que é que eu havia de fazer à minha vida? Acha isso o quê? O que é que a Sra. acha?

I: Hoje, hoje...acho que efetivamente passou momentos muitos difíceis.

E8: Muito difíceis muito, quando eu podia ir trabalhar eu trabalhava, quando eu tava toda negra, toda marcada que ele batia-me não era com a mão era aos pontapés e era tudo ciúmes, era tudo ciúmes, ninguém se podia aproximar de mim.

I: E a Sra. já olhou pra si como uma super corajosa, eu tenho diante de mim uma Sra. com 90 anos muito bonita, muito bem cuidada que ultrapassou coisas tão difíceis, circunstâncias tão difíceis.

E8: E agora a minha profissão, eu vou pra casa às 4h se tiver algum cliente ou alguma cliente ainda atendo, tenho pena daqui não poder deixar fazer mais coisas.

I: A Sra. ainda trabalha como esteticista?

E8: Trabalho, trabalho, assim tenho e pés, trabalho pés que sou mesmo calista, tirar calos e essa coisa tudo. Tratamentos ao corpo, tirar as gorduras tudo quanto é de estética, eu faço ainda, eu ainda faço.

I: E faz com amor.

E8: Com amor, á faço, não é só pa ganhar, eu aqui faço por amor a elas, mas aqui não passa de arranjar as mãozinhas e por um vernizinho porque a sra dona não sei quantas não deixa, não me arranja assim um cantinho. Olha se eu tivesse assim um cantinho uma marquesa ah então é que era bom, porque em todos os lares, isto não é lar é centro de dia, têm alguém que faz as

coisas e eu vejo ela coitadinhas... eu hoje já pintei 3 unhas, só pintar e na segunda feira tenho umas mãos ali que vou fazer, enfim.

I: E os pais da Sra., tem ... as memórias que tem deles.

E8: O meu pai morreu com 27 anos coitadinho, eu tinha 3 anos nessa altura e a minha mãe já faleceu também e nunca soube disso, que o meu sofrimento foi tudo em África. O que soube foi pouco, eu quando eu vim depois e isso tudo.

I: Mas era uma mãe com quem tinha uma relação muito doce?

E8: Coitadinha da minha mãe.

I: E irmãos? A Sra....

E8: Irmãos, tenho duas irmãs.

I: Tem duas irmãs.

E8: Tenho uma que vive no cartaxo que tem 93 anos e tenho outra com 86, é normal.

I: É tudo família rija, já viu ... que maravilha, e aqui no centro de dia foi a sra que teve a ideia de...

E8: Não foi os meus filhos, porque eu andei uma altura aí que não andava nada bem, andava com ansiedade e então eu estava sozinha em casa com a minha gata.

I: Então a Sra. vive sozinha com a gata.

E8: Não eu tenho um hóspede para me ajudar a pagar a renda da casa.

I: Ah tem um hóspede.

E8: Tenho, tenho. Eu porque eu só tenho uma reforma de 400 euros, pa medicação pa comer, pa vestir pa calçar, pa água luz (-----).

I: A gata já não está?

E8: Tenho 200 de renda ficava-me 200 euros o que é que uma pessoa fazia com tanta... e depois os meus filhos é que me arranjar-..., a minha filha acho é que me arranjou e eles é que pagam isto. Eles é que pagam.

I: Sim senhor, sim senhor. Portanto a Sra. vive com um hóspede.

E8: Mas como é uma coisa que eu venho prá qui às 10h e às 4 vou-me embora, eu quero ir logo na primeira carrinha mais ou menos.

I: E a gata já não está?

E8: A gata assim que eu chego (-----).

I: Ah está, a Sra. tem uma gata que adora.

E8: A gata é a gata é (-----) uma mulheria é linda de morrer.

I: Ah mostre-me a fotografia.

E8: Dela. É, onde é que tá a minha querida, anda cá mostrar à Sra. aqui, aqui.

I: Ai tão gira, tão gira, como se chama a sua gata?

E8: Pipocas.

I: Pipocas também lhe faz muita companhia?

E8: Miau, miau quando em chego logo às 4 quando eu chego a casa é...

I: Então em casa tem a pipocas e tem esse se... um senhor.

E8: Um senhor que já lá está há 8 anos, que é uma maravilha que é uma pessoa muito suspeitadora... muito suspeitadora, e pronto ajuda-me a pagar, paga-me a renda da casa eu trato-lhe da roupinha dele das coisas dele, e é assim.

I: E então a Sra. lembra-se mais ou menos quando é que chegou aqui ao centro, há quanto tempo? Mais ou menos.

E8: Foi em janeiro.

I: Foi em janeiro deste ano.

E8: Foi.

I: 2023.

E8: Foi, foi, eu sei porque eu tive a ver ali onde se via o coiso, parece que foi a 5 de janeiro.

I: Os filhos é que fizeram esta sugestão?

E8: Os meus filhos, os meus filhos é que pagam isto

I: Mas o objetivo dos filhos era que a Sra. tivesse mais companhia era isso

E8: Exatamente, exatamente, que eu tivesse mais companhia.

I: E aqui a Sra. sente mais...

E8: Sinto, sinto, agora por exemplo amanhã é sábado e domingo já fico mais triste.

I: É?

E8: Para lá, sábado não fico muito triste, sábado dá pá lavagem de roupa a limpeza de casa (-- --) vou distrair-me ao domingo já fico coiso. Porque por exemplo é pá nem tudo é perfeito, a minha filha tem uma tenda na Costa e nunca me diz mãe vem cá passar o fim de semana, não vem não vem, tenho outro na Suíça, tenho outro que é vender de imóveis de casas e tem muito trabalho e nunca cá vem, eu estou pouco com os meus filhos, (-----) de mim mas eu tou pouco com eles, eu fico triste.

I: E fica triste?

E8: Sofri tanto pós criar, porque eu não queria tirar ao ultimo pai a este que me batia, o pai aos dois filhos e então queria ver se conseguia resolver, aguentar-me mesmo a levar aguentar-me para não lhe tirar o pai, já que o outro primeiro tinha sido criado sem pai. Tá a ver o que é, é sofrer.

I: E a Sra. então sente-se um bocadinho sozinha?

E8: Um bocado, o qué que eu hei-de fazer?

I: Os filhos são ocupados, não é?

E8: Tão sempre a trabalhar, a minha filha ... a minha filha também é esteticista, fui eu que lhe ensinei e depois ela foi tirar o curso e trabalha em lisboa, pronto mas nos tempos livres que não tá a trabalhar vai lá pá Costa lá pá tenda dela é muito raro dizer à mãe vem até aqui, não custava nada, nada enfim.

I: E os netos?

E8: E os netos a mesma coisa, filha, a gente telefona às vezes não atendem outras atendem, tenho um neto que é filho da minha filha que: adoro-te avó adoro-te tanto. No outro dia fizemos aí um espetáculo e eu a cantar e ele adoro-te avó adoro-te e a bater palmas, num teatro lá em cima um espetáculo que a gente fez aí eu fui cantar a Rosinha dos Limões.

I: A Sra. gosta de cantar?

E8: Gosto.

I: Fado?

E8: Fado, gosto muito do cantar sabe.

I: Esse fado é lindo a Rosinha dos Limões.

E8: Ali também tenho e ouvia a voz dele esse ----- chama-se “amo-te avó”.

I: Que bom.

E8: É tadinhos mas eles têm a vida deles, têm as namoradas deles tem aquelas coisas todas (---) o qué que eu hei-de fazer, não posso fazer nada.

I: E conversar aqui, reviver estas memórias o qué que a faz sentir? Aqui as duas só as duas sozinhas, é bom pra si reviver esses momentos.

E8: Eu gosto de contar, eu gosto de contar...

I: Gosta? Sente que lhe faz bem?

E8: Gosto que as pessoas saibam o que é sofrer, eu conto às vezes, alguma vez que eu sofri daqui e dali e dacadá e aquilo não tem nada a ver com nada e eu penso sofrer quem sofreu fui eu. Já que agente seja infeliz com o primeiro marido muito bem, não é, ou não casa mais ou não casou (-----) mas ser infeliz com 3, eu tenho vergonha de dizer.

I: Não tem que sentir vergonha, os comportamentos não eram seus, eram deles.

E8: Eram deles, um porque me abandonou com um filho nos braços não é? O outro não quer trabalhar o outro dava-me porrada o qué que quer que eu faça?

(-----)

I: Não tem importância obrigada. Então as fontes de alegria são quando os filhos ... a Sra. diz que não as contactam muito mas quando cont-....

E8: Quando o meu filho por exemplo o meu filho que tá na Suíça, não há dia nenhum que ele não me telefone, o mais novo tem 53 anos.

I: A sua filha é a que está cá?

E8: A minha filha acompanha-me ao médico e tá cá e eles são meus amigos eles são muito meus amigos, o mais velho chama-me a mãe guerreira aquele tal que tem 65, fez 65, a minha filha tem 56 e o outro tem 53, e é assim.

I: A Sra. sente pena é de os filhos... a filha não a vir buscar a que está cá? É disto que sente pena?

E8: Eu ando... não tenho problema de andar. ando bem sozinha, pó que eu vejo aqui, eu fico parva.

I: A Sra. está perfeita, a Sra. tem 90 anos absolutamente perfeitos, parabéns.

E8: Obrigada, eu fico parva, vi estas pessoas, tá ali uma Sra. coitadinha que tem 75 anos onteontem, não vai à casa de banho sozinha 75 anos, vai o marido, o marido é que tá ao pé dela é preciso dar-lhe o comer na boca o quê que eu não fazia com 75? O que faço hoje.

I: O que faz hoje.

E8: É verdade.

I: A vida foi-lhe generosa nesse sentido?

E8: Sim, talvez seja uma recompensa que deus me teja a dar, será? É.

I: De ter saúde de estar perfeitamente bem.

E8: É.

I: A Sra. sente que é uma recompensa que ... de todos os momentos mais difíceis.

E8: Pois, claro e olha cá estou.

I: E para si foi bom estarmos este bocadinho juntas

E8: Foi, foi.

I: Foi.

E8: Foi.

I: Escutar a sua história olhe para mim fim absolutamente maravilhoso.

E8: O seu nome é?

I: -----.

E8: -----.

I: Para mim foi absolutamente maravilhoso encantador e a Sra. é uma inspiração para mim, a Sra. é uma inspiração pra mim. Parabéns porque são 90 anos cheios de juventude. Parabéns e muito, muito, muito obrigada pela sua colaboração pela sua disponibilidade pela sua generosidade.

E8: Muito obrigado, eu é que agradeço, o bocado que estive aqui ao pé de mim.

I: Muito obrigada.

Entrevista 9

Dados Sociodemográficos

Sexo: Masculino

Idade: 89

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Viúvo

Número de Filhos: 2

Com quem vive / coabita: Vive com a filha, genro e o neto

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Tipógrafo

Utente do Centro de Dia há Cerca de 4 meses

I: O Sr. chama-se?

E9: O meu nome é ----- tenho 89 anos, nasci no dia 3 de maio de 1934 no Bombarral, concelho Bombarral, distrito de Leiria e estive até aos 16 anos no Bombarral depois vim pra lisboa aprender o ofício de tipógrafo no qual fiquei até aos 62 anos salvo erro. Depois comecei a namorar uma mocinha muito bonita, muito boa, de boas famílias chamada ----- começámos a namorar aos 15 anos, casamos aos vinte.... 28 salvo erro, no dia 19 de set- ... no dia... 19 salvo erro de setembro, também já passou, já passou ... não dia 9 de setembro não é? veja se me consegue ver aí por favor.

I: Não se preocupe Sr. -----, não é.... não tem...

E9: Já agora.

I: Sim, vejo com muito gosto.

E9: 9 não...15 do 9?

I: 12 do 9.

E9: 12 do 9?

I: Sim, penso ... penso que sim. Que é 12 do 9 sim.

E9: tenho impressão, tenho impressão que não é a 12.

I: Que é a 15, mas não se preocupe Sr. -----.

E9: Eeeee...

I: O Sr. vivia com os seus pais em ... no Bombarral?

E9: No Bombarral até aos 16 anos.

I: Até aos 16 anos?

E9: É.

I: Os pais... O pai trabalhava?

E9: O meu pai era trabalhador de campo.

I: Sim senhor.

E9: A minha Mãe era doméstica.

I: Muito bem.

E9: Trabalhava em casa.

I: Teve irmãos o Sr.? Teve irmãos?

E9: Tive uma irmã.

I: Uma irmã?

E9: Uma irmã mais ... mais velha dois anos do que eu, também já faleceu e ...

I: E o Sr. depois disse-me que veio para Lisboa?

E9: Vim pa Lisboa, depois tinha família aqui na ... na Fonte Santa de Caparica, onde tenho vivido até à cerca de 2 anos. Nós vivíamos sozinhos, eu e a minha mulher, temos dois filhos, agora tenho dois filhos, a minha mulher já morreu infelizmente. E ele chama-se ----- e a menina ----- o meu filho é empregado numa empresa de transportes de pessoas, trabalha como... na carrinha e vai levar pessoas e meninos à escola e tudo. E a minha filha é empregada bancária na secretaria do BIC em Lisboa, é casada tenho 3 netos e ...

I: Mas todos da filha?

E9: Sim os 3 da filha.

I: Os 3 da filha.

E9: um com 25, outro com 23 e out-... e a menina com 20, tinha um do meu filho com 32 anos faleceu com uma overdose de droga.

I: E o Sr. vive sozinho em sua casa?

E9: Não, não, a minha filha foi-me buscar, a mim e à mãe à cerca de 2 anos pá qui pa Almada porque nós já não... não conseguíamos tar sozinhos e então ...

I: O Sr. vive com quem? Com a sua filha?

E9: A minha filha,

I: O Sr. vive com a sua filha.

E9: Com a minha filha e... aqui em Almada perto do mercado.

I: Com os netos?

E9: E com os netos sim, o outro como disse acabou de falecer mas mora ele no Feijó.

I: Portanto há 2 anos que o Sr. tem esta companhia, porque a sua filha entendeu que o Sr. precisava de companhia e a sua mulher também, os pais precisavam de companhia.

E9: E ela no dia 22 de setembro do ano passado sentiu-se mal com falta d'ar, desmaiou vieram o médico bombeiro e... lá ficou, não me lembro bem, e ela não recuperou de ter desmaiado, com falta d'ar nós pensávamos que fosse de facto, já ... (-----) e já... e estava...

I: Pronto e então o Sr. dizia-me que a sua mulher sentiu-se mal nesse dia e....

E9: E depois acabou por... já não recuperou vieram bombeiro e médico e tudo e não conseguiu recuperar. Mas já sucedia isto já várias vezes chamávamos o médico tínhamos um ... não sei...um contrato com uma empresa de médicos e vinham de vez em quando a casa porque ela sentia-se mal, desmaiava ía pó hospital, punham-na a soro e a oxigénio, ela recuperava ía pa casa ía bem, fez isto umas 4 ou 5 vezes até que acabou por falecer. Fui tipógrafo profissão.

I: De profissão foi tipógrafo?

E9: Tipógrafo e trabalhei até aos 62 anos depois é que com uma depressão acabei por ser reformado de maneira que ...

I: E o Sr. lembra-se até quando é que estudou? Se foi até à 4ª classe?

E9: Só até à 4ª classe, não tinha mais que a 4ª classe nem nunca frequentei nenhum curso superior nem nada comecei a trabalhar aos 16 anos e continuei até aos 62 ser reformado.

I: E a depressão de que o Sr. me está a falar teve a ver com a partida ou não?

E9: Não, não, a depressão foi motivado pelo excesso de trabalho e com más condições de trabalho e más condições com...com colegas e com o patrão e com aquilo tudo, que acebei por ficar meio...

I: Triste?

E9: Meio tris-... (-----) e com a cabeça desquesida não sabia... ia pra casa só falava em trabalho pudera falava mais nada não tinha mais nada para dizer senão em relação ao trabalho, que falei do meu e ela ficava zangada comigo quando eu expunha os problemas que tinha no trabalho.

I: Ela é a sua mulher?

E9: A minha mulher sim, de maneira que depois reformei e vivemos desde os 62 até aos setenta até aos 87 depois a minha filha foi-me buscar e tenho vivia com ela este tempo e com os netos e com o meu genro e tenho sido assim a minha vida. Agora à cerca de um mês e tal, o meu genro veio aqui saber como é que (-----) porque ele trabalha de noite e a minha filha trabalha de dia nunca tavam em casa só estavam os netos às vezes de férias ou coisas assim de escola e eu passava os dias sozinho. Eles entenderam....perguntaram-me se eu queria vir pra um centro de dia e eu disse que sim, talvez me sentisse melhor e de facto tenho passado melhor, o quê que a minha doença dores nas pernas e na coluna porque já fui operado três vezes, quatro...

I: O Sr. chegou aqui ao centro à um mês e tal

E9: Á um mês e tal, foi em maio e mês ... já mais, foi em maio.

I: Foi em Maio que o Sr. ... em maio de 2023, deste ano?

E9: Sim, maio, junho, julho e agosto faz quatro meses e eu tenho vivido aqui mas tenho problemas na coluna porque fui operado 2 vezes ao lombar, uma cervical tenho a posse médica e tenho vivido assim, não tenho passa- ... tenho passado mal à cerca de um mês e tal 2 meses é que me estou a sentir assim pior porque ter passado muito tempo em casa sentado.

I: O Sr. refere-se à coluna é isso?

E9: Coluna e pernas.

I: E pernas.

E9: Deixei aquase de andar durante um tempo, Tenho que andar com uma canadiana porque não consigo aguentar, mesmo de noite quando me levanto pa ir à casa de banho tem de ser apoiado na canadiana porque não consigo e é cerca de 2 ou 3 metros da cama à casa de banho,

mas mesmo assim não consigo aguentar sem ter que depois fazer movimentos nas pernas pa conseguir mexer e vir pá qui de manhã. E assim tenho estado aqui com...

I: Mas o Sr. nos seus oitenta e...

E9: 9.

I: 89.

E9: Se chegar lá... como se costuma dizer no dia 3 de maio faço os 90.

I: No dia 3 de maio faz 90

E9: Se lá chegar.

I: Então mas o Sr. sente-se em termos, para além das questões físicas, sente-se em termos mentais muito bem.

E9: Ah sim, eu não me sinto assim muito mal mas...

I: Sente que continua com as suas capacidades.

E9: Ah sim sim, por enquanto felizmente é só o problema do andar, porque de resto mentalmente, não sei se reparou eu estava a fazer ali sopa de letras, faço com muita facilidade e faço palavras cruzadas também e em casa vejo televisão, é a única coisa que falta.

I: Em casa é televisão.

E9: Televisão e televisão.

I: E aqui no centro gosta muito de fazer palavras?

E9: Palavr-... bem palavras cruzadas ainda não fiz, mas sopa de letras, como eles chamam é o que costumo fazer já fiz prái umas 40 folhas ou qualquer coisa assim e faço assim com facilidade.

I: E faz com facilidade.

E9: faço com facilidade consigo...conseguir encontrar logo na... mas de resto não tenho assim mai nada de interessante que possa ajudar.

I: Tem, tem tudo de interessante porque o Sr. com ... diz-me que dia 3 de maio faz 90 anos e é muito interessante tudo o que o Sr. tem pa partilhar, o estar ... estar ativo diz eu ainda gosto de fazer é a sopa de letras, estou a dizer bem?

E9: Tá, sopa de letras, palavras cruzadas e é o que costumo fazer aqui.

I: E são as suas atividades aqui... geralmente são essas?

E9: E fazemos ginástica duas vezes por semana.

I: Ah o Sr. ainda faz ginástica duas vezes por semana.

E9: Ginástica... aqui este movimento com as mãos, pernas e pés. é o que agente faz aqui pra ver... pra ver se não prende muito as pernas, não é.

I: Pra ver se mantem mobilidade, é isto não é?

E9: É mas tenho de facto muita dificuldade em andar como a sra viu não é, ando melhor amparade e tenho assim vivido agora o resto dos meus anos tem sido assim, venho prá qui não é os meus filhos ainda hoje, o meu filho me veio ver porque trabalha numa empresa, eu penso que disse à Sra. não disse, numa empresa de transportes de levar os miúdos à escola e levar à praia e levá-los... e agora quando veio... quando foi na semana da juventude andou lá a fazer serviço a levar as ... os padres e as (-----) pós hotéis e aquilo tudo, agora este mês tá mau porque não tem, não tem, não há que fazer.

I: Ah, sim sim.

E9: Porque mais é as escolas tem as escolas no tempo das escolas de levar os miúdos à escola e busca-los e faz serviço no Benfica e no Sporting a levar tamém os miúdos pós treinos e pás escolas ele é assim, é a vida dele assim e agora como há pouco que fazer da bola ainda não começou, começa só agora pó mês que vem e de maneira que ele tem muito pouco que fazer, trabalha uns dias outros não trabalha, trabalha mais aos fins de semana, e é assim.

I: E então quer dizer que o Sr. mantem contacto diário é com a sua filha e com o seu genro e com os netos com quem vive.

E9: É todos os dias ...

I: Desde há 2 anos...

E9: Sim desde à dois anos pra cá e estou com eles em casa, um tá a trabalhar, o mais velho tá a trabalhar na...na NOS, a filha trabalha na ... no banco como acabei de dizer o meu genro trabalha no... é rececionista num hotel no Parque da Nações e a miúda ... o outro acabou agora o 16º e a miúda tá na escola no curso, na ... na Costa no Inatel e a tirar ao mesmo tempo especialista de doçaria, teve até ao dia 15 deste mês, dia 15? Não, pece que não foi dia 15 foi menos, em estágio aqui no Pingo Doce veio muito contente gosta muito e gosta muito dela, (- ----) agora está de férias do estágio e da escola também

I: E o Sr. sente-se mais acompanhado em casa da filha?

E9: Sim sim, pois nós estávamos sozinhos os dois morávamos na Fonte Santa Caparica ali junto à... quase ao pé do final do metro, quase ao pé da universidade e vivemos lá sessenta... é desde que casámos até agora e fomos casados durante sessen-.... 64 anos parece. 64 anos que fomos casados.

I: 64 anos.

E9: 64 mas a conviver com ela desde que namorámos faz 70 ...73.

I: Já a contar com o namoro.

E9: 9 anos de namoro e depois 64 anos de casados.

I: E o facto de ter... e tem uma relação bonita com a sua filha com o seu genro?

E9: Tenho, tenho são muitos meus amigos e eram muito amigos da minha mulher também, ele fazia tudo o que era possível, comprou-lhe um andarilho, comprou-lhe um... comprou não...alugou, nos amigos do hospital uma camera... uma camera... uma cama especial pra se puder ter com grades, mais tarde comprou-lhe uma cadeira de rodas porque ela não se podia movimentar do quarto pá cozinha pra ir ... pra ir comer.

I: E o outro seu filho costuma visitá-lo?

E9: Já vem visitar aqui ou quando tem tempo ao sábado vai lá a casa da minha filha. E hoje ainda teve aí, teve cá segunda-feira pece que foi também e é assim.

I: Também mantém uma relação...

E9: Sim sim.

I: Com o filho, uma relação ...

E9: Sim boa, são boa ele também me visita e telefona-me quase todos os dias, quando não me pode visitar telefona e diz olha hoje não posso ir aí ou sábado ou vou domingo ou depois vou-te ver lá ao centro.

I: O Sr. diz-me que chegou aqui ao centro de dia em maio.

E9: Em maio.

I: Deste ano e sente-se aqui mais acompanhado?

E9: Sim mais acompanhado, as pessoas falam comigo e gostam muito de mim e eu gosto das pessoas adoro as pessoas, falam ... falamos todos os dias, bom dia, boa tarde, ainda ontem me... foi ontem, ontem foi quinta?

I: Ontem foi quinta-feira.

E9: Eu não me senti bem da cabeça, até fiquei assim um bocado tonto e tive que me sentar e a Sra. que manda aqui...que manda... que orienta isto a dona ----- ela disse-me que não fizesse nada, as pessoas vieram todas ter comigo, se eu me tava a sentir bem e o quê que tinha fiquei muito sensibilizado, gostei muito da atitude das pessoas, mas mais esta Sra. a ----- e esta Sra. que teve aqui a ----- é muito prestável anda sempre aí de volta de nós, de mim e de outro Sr. que é... tem também 86 anos parece-me e que tá ... teve 80 anos no Perú, mas ele fala espanhol, às vezes tenho dificuldade em perceber e ele também já fala muito baixinho e eu já tou um bocado surdo, nunca (-----).

I: Mas também vai compreendendo assim aos bocadinhos.

E9: Vou, não eu compreendo porque eu gosto muito de língua espanhola e sempre adorei falar com espanhóis e saber a língua, íamos algumas vezes a Espanha em excursão, de maneira que também não tenho assim muita dificuldade, só pior é o ouvir e ele fala como fala... fala baixinho tenho dificuldade em perceber parte das palavras mas como sei um bocadinho... sei! Conheço de ouvir.

I: Domina espanhol não é?

E9: Espanhol, gosto muito da língua espanhola.

I: Gosta?

E9: Gosto e então nós íamos muita vez em excursão numas empresas de... que tinham faziam excursões, vendiam produtos de... de casa e por exemplo colchoes e almofadas e coisas assim desses produtos de medicina. E então íamos muitas vezes com eles e íamos muitas vezes a Espanha e nós gostávamos muito de ir até que por fim já tínhamos oitenta e tal anos tivemos que desistir, já não íamos porque se íamos quando íamos com eles a qualquer lado tínhamos que ficar no autocarro porque a gente não se podia deslocar às vezes a sítios que tinha que se andar muito, a minha mulher caiu ... caiu como é que hei-de dizer... foi-se abaixo primeiro do que eu, era mais nova 2 anos e nós não... tivemos de desistir dessas cois- até que depois.

I: Das excursões.

E9: Das excursões, porque tive pena, gostei fomos... fomos a Espanha, fomos a França a Lourdes nossa senhora de Lourdes, foi o mais longe que fomos, fomos aos Açores e à Madeira em oitenta e não sei quanto. Já bastante tarde fomos e é assim, tem sido assim a nossa vida e desde que a minha mulher faleceu tem sido pior porque sinto muito a falta dela.

I: Saudades.

E9: Sinto muito a falta dela, faz 2 anos dia 29 dest- um ano dia 29 do mês que vem, 22 de setembro e então...

I: Tem sido mais... tem tido momentos mais... frequentemente mais complicados?

E9: Mais complicados, os meus pais também morreram cedo, o meu pai morreu com leucemia tinha sessenta e poucos anos, depois morreu a minha imã também com leucemia antes morreu a minha mãe com... tinha setenta e poucos anos com um problema de doce, como é que se chama aquilo... de doce.

I: Diabetes.

E9: Diabetes e então...

I: E o Sr. hoje sente mais momentos de solidão, é isso?

E9: É.

I: É isso que se refere ou...

E9: Sim sim, a minha mulher fazia tanta companhia e convivemos tantos anos juntos já não podíamos viver um sem o outro até que ela coitada foi-se embora.

I: E diga-me uma coisa, se o Sr. quiser partilhar, faz-lhe bem reviver estas coisas, é bom?

E9: Sim... mas...

I: Reviver a sua história?

E9: É bom mas sinto-me mal porque de noite acordo só penso nela e ela tinha uma cama ao pé de mim e eu ía de noite, eu ía muita vez falar com ela porque ela não... tava só assim naquela (----) de dormir e eu ía falar com ela no fim a minha filha teve que arranjar uma... uma cuidadora pra tratar dela porque eu não tinha força, perdi as forças não consigo fazer nada, não consigo fazer nada na vida senão tar a ver televisão e é assim, não saio de casa, temos a nossa casa ainda ali no Monte de Caparica ainda com tudo mobilada, já disse à minha filha quando temos que acaba com aquilo não posso tar a pagar, o que vale é que tenho uma reforma mais

ou menos que dá pa viver e que dá pa estas despesas ainda mas pago 200 euros por mês de renda de casa e agua e luz, tenho que pagar sempre enquanto não ... não desistir nas companhias a dizer que não temos ... que já não precisamos nem de agua nem de luz ainda temos que continuar a pagar.

I: Na casa que está vazia?

E9: Na casa... não tá vazia.

I: Não está?

E9: Vazia de pessoas.

I: De Pessoas, mas é isso... é isso que eu estou, é isso que eu me reví, está vazia de pessoas, é essa que o Sr. se refere que tem de continuar a pagar as contas.

E9: Tenho de continuar a pagar as contas e já disse à minha filha para que... pa acabar com aquilo qué que agente há-de fazer tar a pagar, já estamos assim à dois anos a pagar à dois não ah sim pois meses é quatro de tar aqui. E eu não falei com o senhorio a dizer que quero desistir da casa, mas para desistir da casa tenho que tirar os móveis que lá estão. Temos mobília de casa de jantar com um grande cristaleira, mesa mobília de sala com sofá cama, com dois maples e com uma mesa... uma arca de roupa de cama, que a minha mulher lá tem já disse à minha filha pra ir buscar aquilo, qualquer dia roubam a casa e levam ... levam aquilo tudo, tem cozinha com frigorifico... de coiso como é que se chama... de combinado, esquentador, fogão tínhamos maq- máquina de louça mas o meu filho avariou-se a dele foi busca-la, temos maquina de roupa, temos mesa de cozinha com quatro cadeiras, temos o quarto com... não é temos duas camas não é que utilizávamos, uma de madeira e outra de ferro, o tocador, duas mesinhas de cabeceira e a mobília de sala como acabei de dizer tem o sofá, sofá-cama uma mesa um outro sofá deste género uma cadeira, temos um pece que chamam aquilo um mural um espelho grande e uma mesinha com gavetas e um armáriozinho por baixo uma sapateira (-----) pa por os sapatos, casa de banho.

I: O Sr. sente que prefere estar com a sua filha e com o seu genro e com os seus netos, prefere?

E9: Prefiro, quem é que fazia o comer pra mim se eu tivesse sozinho e quem é que olhava por mim se eu precisa-se de alguma coisa de maneira que tou aqui com a minha filha a toda a hora vão ali ao pé de mim de vez em quando deito-me tão lá a ver como é que eu estou tou a ver televisão à uma e tal da manhã duas horas porque acordo e depois não me sinto bem levanto-me e vou-me por a ver televisão.

I: Mas o Sr. com 90 anos que vai fazer no dia 3 de maio, o Sr. tem perfeita memória da sua história de vida.

E9: Tenho sim, tenho, trabalhei em quatro firmas ou cinco ao longo da minha trabalhei ... a Sra. deve conhecer... papelaria Emílio Braga fui lá encarregado geral de tipografia, encadernação e composição e orientava aquilo tudo e precisamente pelo excesso de trabalho e por género de patrão e tudo de colegas, acabei de facto ficar com a cabeça esquisita já não dizia coisa com coisa e o médico mandou-me meter baixa e depois passado uns meses reformei-me e tem sido assim.

I: E agora já se sente mais estável?

E9: Sim sim, mas já não não não ... não sinto vontade de nada, não saio não vou à praia, não vou ao campo, não vou ao cinema, não vou ao teatro, não vou a nada tou ali em casa e assim vou passando e venho prá qui todos os dias exceto ao sábado e ao domingo de resto venho prá qui todos os dias, almoço aqui, lancha e vou vivendo assim.

I: Quer dizer que apesar de viver com a sua família sente alguma solidão?

E9: Sim, porque a minha filha não pode sair comigo, o meu genro trabalha de noite o ano inteiro de dia tá a descansar porque é muito violento o trabalho de noite e não vou pedir aos cunhados que venham comigo à rua pra eu poder... porque eu desde que tou ali em casa é que tenho me sentido pior das pernas por não ... não andar não me mexer não... venho prá qui mas se for preciso também passo o dia sentado.

I: E conversar sobre a sua história, é bom?

E9: Sim é bom mas traz-me recordações um bocado... que não queria não... o que mais me custa de facto é tar a viver sem a minha mulher.

I: Isso é o que mais lhe custa?

E9: É, porque vivemos muitos anos desde miúdos até velhos e no fim é assim a vida.

I: Continuar o caminho sem a sua mulher é o que é mais difícil, mais doloroso?

E9: É difícil.

I: E talvez, às vezes talvez concentrar-se nos momentos bonitos que tiveram talvez ajude.

E9: Sim sim, Passamos coisas muito boas, os passeios que demos

I: As excursões.

E9: As excursões, as excursões eram muito boas íamos de autocarro, até ao destino, até ao hotel, depois davam a noite e jantávamos por exemplo depois no outro dia pequeno almoço e depois íamos sair eles iam com o autocarro a vários lados, fomos ali à Galiza duas vezes ou três , gostei muito de ir lá e tem coisas muito engraçadas pra de facto pra se ver e pra e é assim minha Sra. é isto, é isto a vida.

I: Ainda viveu muita alegria é isso, ainda viveu muitos momentos de felicidade.

E9: Muitos.

I: Muitos, Sr. ----- Muito, muito obrigada.

E9: De nada, quero é pedir desculpa pela maneira como falei, como...

I: O Sr. não tem de me pedir desculpa, o Sr. falou maravilhosamente.

E9: Eu sou pouco comunicável.

I: Não.

E9: Não sei se é de estar ali em casa, passava dias quase que não dirigia a palavra à minha mulher, nem agora pró fim, já nem sabíamos como é que havíamos de viver porque ela fechou-se e eu fechei-me e pouco ou nada falávamos durante o dia. Começámos a conviver assim um bocadinho mais por causa da minha filha nos trouxe aqui pra casa.

I: Aqui pra casa é que o Sr. começou a comunicar mais.

E9: Sim

I: Então o Sr. está a dizer-me que lhe faz falta comunicar, certo ou estou a ver mal?

E9: É, Não não, tá bem...tá mas é mesmo de mim não comunicar com as pessoas, também se fosse preciso a minha filha também só falo pra ela se precisar de qualquer coisa ou ela vem ter comigo mas dizer assim sentarmos a conversar já falei com ela várias vezes temos que fechar a casa acabar com aquilo. E o meu filho já me atirou em cara que à dois anos que estamos a pagar renda de casa e que valia mais se lhe desse esse dinheiro a ele, porque e ele gostava muito...acho que gostava mais da mãe do que ... não é dizer que não goste... mas quer dizer... eu achava que ele puxava mais pra mãe porque a mãe também puxava pra ele. A mãe viu a vida dele dar uma volta com a morte do filho e as necessidades que ele passou a ter, não ter trabalho certo, porque ele era bancário no banco do Brasil, primeiro foi chouffer depois passou por bancário teve como diretor no banco do Brasil em Cascais e numa repartição... numa dependência que abriu na Costa à uns anos depois com a morte do filho perdeu tudo e então a

mãe dava-lhe ... já atirou em cara a mãe é que... que se não fosse a mãe eu... a gente tinha morrido à fome ou não sei que porque a mãe é que me dava o cartão pra eu ir levantar dinheiro e eu não faço isso. Não faço, porque não é que... vejo que a minha filha precisa de eu tar ali e precisou pra dar assistência à mãe e eu ter que pagar aqui também, não é muito são duzentos e não sei quanto euros por mês com peq- ... almoço, lanche, almoço ao sábado, vão levar a casa e transporte vão buscar e trazer porque a minha filha não pode, se tá a trabalhar não pode vir prá qui de manhã. De maneira que ...

I: Mas o Sr. diz-me que é de si sentir alguma dificuldade em comunicar?

E9: É, é, aqui o Sr. já me disse que ...e ele fala mesmo já disse ao meu filho e tem dito às senhoras ... o Sr. ----- diz que eu que falo muito mas ele não fala nada, porque ele quando chegou quer dizer falámos muito quando eu vim prá qui porque ele começou a contar de viver no Perú e a vida dele e a vida dos pais e aquilo tudo e eu acabei por lhe contar de facto a minha vida também, o que passei até chegar agora esta altura e depois pronto não temos mai nada pra conversar.

I: Mas este bocadinho em que estivemos aqui os dois sozinhos a conversar o sr. comunicou, sentiu-se... sentiu-se...

E9: Sim mas não sei não foi um género quase da sra perguntar, fazer-me perguntas eu tava a dizer que a Sra. me perguntasse em vez de eu estar a falar espontaneamente.

I: E soube-lhe bem estar a conversar.

E9: Sim, sim mas eu acho que eu não tenho aquele poder de conversação de falar com as pessoas, o qué que eu vou perguntar às pessoas.

I: A iniciativa é isso.

E9: Vou perguntar às pessoas o qué a vida delas, perguntar o que é que fizeram... não...

I: O Sr. esteve muito bem, foi maravilhoso em ter conversado comigo e em ter permitido que eu conhecesse um bocadinho da sua história, quero-lhe agradecer profundamente o seu tempo, a sua disponibilidade e dar-lhe parabéns pela sua juventude com os seus 90, que está perfeito e muito, muito obrigada, muito obrigada, pelo seu tempo e pela sua disponibilidade e pela sua generosidade, muito obrigada sr. ----- pela sua partilha.

E9: De nada minha Sra., espero é que tenha conseguido alguma coisa pó seu cur- pó curso da Sra. ...Sra. Doutora, venha a servir de algum proveito, alguma coisa.

I: Com certeza, com certeza que é muito rico tudo o que o Sr. partilhou comigo, muito rico e eu agradeço profundamente a sua generosidade, muito obrigada.

E9: De nada.

Entrevista 10

Dados Sociodemográficos

Sexo: Feminino

Idade: 83

Nacionalidade: Portuguesa

Grau de Escolaridade: 4ª Classe

Estado Civil: Viúva

Número de Filhos: 2

Com quem vive / coabita: Sozinha

Principal Profissão / Atividade Desempenhada Durante a Vida Ativa: Calista

Utente do Centro de Dia há Cerca de 40 anos (incluindo trabalho de Calista, desempenhado no mesmo)

I: A Sra. chama-se...

E10: -----.

I: E a Sra. tem oitenta e...

E10: E três.

I: 83 anos, muito bem, nasceu no...Alentejo?

E10: Reguengos de Monsaraz.

I: Em Reguengos de Monsaraz. e estava com os pais, vivia ...

E10: O meu pai morreu muito cedo, eu fiquei também sozinha com a minha mãe e dois irmãos e ...porque o meu pai morreu muito cedo também. Foi assim e passei muito.

I: E a Sra. ficou sozinha com a mãe e dois irmãos?

E10: Sim.

I: E passou muito?

E10: Mas a minha mãe não tinha pa me sustentar, internou-me num orfanato, fui criada num orfanato até aos 16 anos.

I: E foi para o orfanato com que idade?

E10: Com 10.

I: Teve lá até aos 16, no Alentejo?

E10: Sim.

I: E como é que se deu depois a sua vinda para Almada?

E10: Olhe como vim foi a minha mãe tinha cá uma prima e então ela disse, ela também vivia mal trabalhava no campo e depois ela disse: “vamos pra lisboa” como tinha lá aquela prima fomos prá casa dessa prima e então depois daí é que eu conheci o meu marido e casámos tinha 21 anos.

I: Então veio pra Almada... tinha... a sua idade era...

E10: Quando vim pa Almada já era casada

I: Já era casada.

E10: Já.

I: Então casou lá no Alentejo?

E10: Não casei, casei lá em Almada, casei cá em Almada.

I: Sim.

E10: Nesse bairro onde eu morava, era num bairro taxa.

I: E o marido estava fora, quer dizer, trabalhava?

E10: Pois o marido tamém morreu cedo, conteceu deixou-me com dois filhos tamém, tive que trabalhar pra eles, lutei...lutei muito pós criar. A minha vida foi muito difícil.

I: A Sra. desenvolvia que tipo de trabalho? Se quiser... apenas o que quiser partilhar.

E10: Conheci aqui a Diretora aqui da casa e então ela mandou-me aprender e depois comecei a trabalhar aqui, trabalhei aqui quase 40 anos prái.

I: Aqui no centro de dia?

E10: Sim.

I: Então a Sra. fez sempre o seu trabalho aqui no centro de dia.

E10: Sim, sim.

I: Como auxiliar.

E10: Foi.

I: Era o tipo de trabalho de limpeza, era?

E10: Era, era tratar dos pés.

I: Tratar dos pés é outro tipo de trabalho, é como calista? É isso?

E10: Era, era, sim era isso.

I: E a Sra. aprendeu esse ofício de calista?

E10: Depois também trabalhava em casa, trabalhava aqui e trabalhava em casa.

I: Ah muito bem, ah então a Sra. trabalhava aqui era na limpeza e como calista?

E10: É.

I: Teve aqui 40 anos, está aqui há 40 anos...

E10: Ou mais, sei lá.

I: Ou mais.

E10: Sim.

I: E neste momento o trabalho...

E10: Agora já ... agora já não trabalho.

I: Agora já não.

E10: Já me reformei.

I: Já há uns anos que...

E10: Já chega.

I: Já chega?

E10: Já.

I: E a Sra. vive sozinha?

E10: Vivo sozinha, o meu filho com a mulher e dois filhos, moram por cima de mim, é uma vivenda é ali ao pé do seminário, sabe onde é o seminário?

I: Sim sim.

E10: É aí, moro ao pé do seminário.

I: Ah numa vivenda mas a sra vive num andar e o seu filho, a sua nora e os netos vivem noutra andar.

E10: Sim sim sim.

I: Na mesma moradia.

E10: É, é uma vivenda é Rés-do-chão e 1º andar.

I: E a Sra. tem dois netos desse filho?

E10: Tenho uma neta e um neto, tenho da minha filha e tenho do meu filho.

I: Ah e da filha ...

E10: Tenho dois de cada

I: Ah, tem 4 netos?

E10: É.

I: E a relação com o seu filho é...

E10: É boa, é boa, todos os dias ele vai lá levar-me os comprimidos.

I: Todos os dias vai lá dá-lhe os comprimidos e fazer um bocadinho de companhia.

E10: Companhia não porque ele trabalha muito, o meu filho trabalha na Câmara e tem uma oficina, quando sai da Câmara vai prá oficina e então tem sempre trabalho, não me pode dar assim muita, muita assistência porque ele tem muito trabalho, trabalha muito.

I: Ah e então não tem muito... muita disponibilidade para... para a mãe, não é?

E10: É.

I: E a filha tem... costuma visitá-la?

E10: A minha filha mora no Algarve, já à que tempos que eu não a vejo, falamos ao telefone, assim, vamos...falamos ao telefone mas já à muito tempo que eu não a vejo, é assim a vida.

I: Porque a filha trabalha lá, não é, no Algarve?

E10: É também faz o mesmo que eu fazia.

I: Também é calista? Também tem a mesma profissão?

E10: É.

I: Então vem cá poucas vezes ver... visitar a mãe?

E10: Não vem.

I: Não vem?

E10: Não vem, é assim a vida.

I: Essa é... é o lado... é o lado difícil?

E10: Difícil, então... é assim a vida. Ela também tem o marido, tem um filho e uma filha mas eles já são grandes já são casados, é assim.

I: E a Sra. quando vem aqui para o centro sentiu mais... apesar de ter vindo pra cá veio também trabalhar não é?

E10: É.

I: Mas sente-se mais acompanhada aqui no centro.

E10: É eu venho pá qui pa não estar lá sozinha em casa. Eu venho prá qui, elas vão lá buscar-me e vão lá levar-me, daqui a bocado a gente vai embora, elas vão levar a gente na carrinha, é assim.

I: Então é de segunda a sexta vão buscar a dona -----.

E10: É é...

I: A carrinha aqui do centro de dia.

E10: Sim sim.

I: De manhã?

E10: É às 9 horas.

I: E a Sra. almoça aqui? E lancha aqui?

E10: É.

I: E depois vão... a carrinha do centro vai levá-la a casa.

E10: Vamos, vamos na carrinha do centro, é assim.

I: E a Sra. então aqui como me estava a dizer... vem para aqui todos os dias para não estar sozinha em casa.

E10: Sim sim pois é. Eles vão... o meu filho e a minha nora também vão trabalhar também, também não estão lá em casa e eu venho prá qui.

I: Aqui a solidão, aqui já é mais fácil? já disfarça.

E10: É é a segunda minha casa.

I: É a segunda sua casa. E aqui tem ... tem com quem conversar.

E10: Pois já tou habituada, já há tanto tempo aqui habituada, tou habituada já à muito tempo.

I: E diga-me uma coisa e conversar um bocadinho, lembrar-se de algumas coisas durante a sua vida que me queira referir, que sinta vontade de relembrar.

E10: Fiquei viúva com os meus filhos pequenos.

I: Que idade tinha a Sra. quando ficou viúva, lembra-se?

E10: Prá uns 40 anos, mais ou menos, lutei muito, trabalhei muito.

I: Trabalhou muito?

E10: Pa criar os meus filhos sem ajudas de ninguém é assim a vida, foi uma vida muito difícil, mas é assim, já passou.

I: Já passou não, a Sra. está a viver a sua vida, não passou... já passou os momentos mais difíceis.

E10: Pois.

I: Era isso, não era?

E10: Era.

I: Mas felizmente ainda tem oportunidade de viver aqui a sua vida, com alguma alegria, não é?

E10: A alegria não é assim muita.

I: A alegria não é assim muita...

E10: Não é nenhuma.

I: Não é nenhuma.

E10: Quer dizer é que eu tenho ... tou lá sozinha, custa-me muito a ficar de noite sozinha.

I: De noite custa-lhe muito ficar sozinha.

E10: É, custa-me mais de noite. É assim a vida.

I: Então apesar de estar aqui no centro, que é... creio eu, não sei, diga-me se assim é ou não. É mais fácil porque tem com quem conversar, é?

E10: É, é pois, aqui tou distraída.

I: Aqui tá distraída.

E10: Pois, já conheço aí toda a gente é assim.

I: Mas mesmo assim sente muita tristeza?

E10: Sinto, sinto porque a minha família também não me pode dar apoio porque andam a trabalhar. E ao fim de semana a minha nora também não é rapariga de dizer assim: olhe venha cá acima, ela tem tudo fechado, as janelas todas fechadas pra eu não ir lá bater, pra não ir lá bater à porta, tem as janelas fechadas. É assim...

I: Mesmo durante o fim de semana?

E10: É o fim de semana, nunca me diz assim... não é capaz de dizer assim: ah venha cá assim... não. Ao sábado elas levam o almoço, ela leva o almoço e dá-me pró domingo, elas levam sempre muito comer e então o comer do sábado dá pro domingo, depois à segunda-feira como hoje, venho prá qui.

I: A Sra. leva daqui a alimentação à sexta-feira, que lhe dá pró fim de semana?

E10: Eles é que levam ao sábado, levam lá o comer, levam o almoço.

I: Ah, muito bem.

E10: O almoço dá pra domingo também.

I: Sábado vão entregar-lhe a alimentação pra sábado e domingo? Aqui as senhoras do centro.

E10: É sim.

I: Então a Sra. não tem o contacto que gostava por parte da sua nora, ou a relação, é isto?

E10: É, era eu gostava que ela me desse mais atenção. É assim a vida. Ela também tem dois filhos, é assim.

I: Mas a Sra. diz-me que ela fecha as janelas prá Sra. ...

E10: É as persianas ... tem uma persianas, tem tudo fechado que é pra eu não ir lá bater. Uma vez fui lá... disse “ah posso ir aí à tua casa? Ah não que eu agora vou sair, eu agora vou sair”, por isso eu nunca mais lá fui bater.

I: Então apesar do seu filho e da sua nora morarem no andar por cima da Sra., a Sra. não vai lá há muito tempo.

E10: Não...lá a casa deles?

I: Sim.

E10: Ah não, nem pensar, nem pensar nisso.

I: Não se sente bem em ir lá bater?

E10: Fico triste, claro. É a vida e a vida é aborrecida.

I: É aborrecida? Por não ter mais com quem conversar?

E10: É, eu tinha uma amiga que me dei sempre com ela, mas ela agora também foi pa um lar, ela tamém não tem assistência dela porque ela foi pra um lar e eu não tenho assim mais convívio com ninguém. Só tenho lá uma vizinha que ela tamém tá doente e eu vou lá todos os dias perguntar se tão melhores, ela e o marido tão os dois doentes. já moro ali tamém à muitos anos, já moro ali naquela casa à mais de 50 anos. E esses vizinhos tamém moram, assim já há muito tempo. Os meus filhos eram pequenos e os dela tamém eram pequenos, agora já são todos homens. Os dela e os meus já ... já casaram e é assim.

I: E esses vizinhos costumam ir bater à porta da sua casa pra saber como a Sra. está?

E10: Não.

I: Não?

E10: Não posso fazer contas com ela.

I: Mas a Sra. estava a dizer-me que os conhece já há muitos anos.

E10: Pois já há muitos anos, os meus vizinhos já os conheço à muitos anos, só que ela agora também tá doente e o marido tamém tá doente, ele é das pernas e ela tem um cancro, há de ser mau coitada.

I: Então é porque a saúde não ajuda...

E10: Pois, pois...

I: É por isso que também não a conseguem visitar, não é isso?

E10: É, é.

I: Então a Sra. para além do seu filho não recebe mais ninguém?

E10: Não, venho prá qui.

I: Vem prá qui.

E10: Pois, só ao fim de semana é que não, o fim de semana é que é mais aborrecido.

I: É mais difícil.

E10: É.

I: Sente-se mais sozinha?

E10: Sim, sim...

I: E durante o fim de semana... (-----) depois desta interrupção, a Sra. dizia-me então que é o fim de semana que é mais...

E10: É mais... mais aborrecido, sim fico só, é assim.

I: Fica só. Então faz-lhe bem estar aqui durante...

E10: Tive lá um neto lá em casa muito tempo

I: Sim.

E10: Mas ele depois arranhou uma rapariga e foi pa lá viver com a rapariga. Que ele é filho da minha filha. Teve lá muito tempo na minha casa mas à pouco tempo arranhou uma rapariga e foi viver com a rapariga. É assim.

I: Então para a Sra. é bom durante a semana sentir que tem aqui ...

E10: Venho prá qui.

I: ...Alguma companhia?

E10: Se eu tenho aqui uma companhia?

I: Durante a semana, aqui no centro de dia, é mais fácil do que o fim de semana?

E10: É, é, é... é assim.

I: E coisas bonitas que se lembre, o seu casamento...

E10: Casei 2 vezes, casei 2 vezes e fiquei viúva, na queria ficar sozinha voltei a casar, mas depois ele também morreu cedo, ele adoeceu também morreu cedo fiquei outra vez viúva.

I: Mas do primeiro casamento é que a Sra. teve os dois filhos?

E10: É pois deste não tive.

I: Deste não teve filhos, do segundo casamento.

E10: Não, ele não tinha filhos.

I: Portanto a Sra. enviuvou duas vezes?

E10: Olhe o que eu já passei. É assim a vida.

I: Mas foi sempre uma tentativa de ter companhia?

E10: Sim, sim. O rapaz ... Já uns anos estou sozinha.

I: E custa-lhe?

E10: Custa, é assim a vida.

I: E o que é que a Sra. sente por estar a conversar um bocadinho comigo a ter a atenção só pra si, aqui no centro é difícil, não é?

E10: É.

I: Alguém dispensar atenção só... só a um senhor ou a uma senhora, é difícil, não é?

E10: É.

I: Não costuma acontecer?

E10: Às vezes, vivo muito só.

I: Sente-se muito só?

E10: Sim. É assim.

I: Mesmo aqui no centro?

E10: Aqui no centro não, sinto é em casa. Se estou em casa à noite é que é pior, de dia venho prá qui, saio daqui ... daqui a pouco e depois o meu filho vai lá aí às 9h levar-me os comprimidos pra dormir. E também elas aqui dão-me os comprimidos que eu tive um AVC que apanhou-me os ouvidos sabe, eu não ouço assim muito bem porque tive um AVC apanhou-me os ouvidos.

I: Sim. Então é melhor eu falar sempre um bocadinho mais alto, não é ? É mais fácil. E este momento em que estamos aqui as duas sozinhas a conversar, é bom lemb-...

E10: É é, é bom conviver.

I: É bom conviver?

E10: É, sim.

I: E as alegrias, os casamentos imagino que sim, a Sra. casou apaixonada, imagino que sim?

E10: Sim.

I: Foram momentos felizes?

E10: Como?

I: Foram momentos felizes?

E10: Sim tive ... foram mais infelizes que felizes.

I: Nos dois casamentos?

E10: O meu marido ...o meu primeiro marido era muito jeitoso.

I: Sim...

E10: Então as mulheres não o largavam.

I: Mas a Sra. também é linda.

E10: Eu sofria com isso. Elas andavam sempre agarradas a ele e dava-me pouco tempo pra mim.

I: Ah, sim sim.

E10: É assim.

I: Sofria com esse comportamento dele?

E10: Era, é assim a vida.

I: O primeiro casamento ainda durou... quantos anos? O primeiro casamento?

E10: Então o meu filho tinha 10 anos quando o pai morreu, ele já tem 57 anos, é assim.

I: E o segundo casamento? Ainda esteve casada... quantos ... quantos anos mais ou menos?

E10: Mais ou menos aí 10 anos, foi 10 anos.

I: Mais ou menos 10 anos. E este segundo casamento, a tristeza que lhe vai na alma também tem a ver com o mesmo problema do primeiro casamento? Ou não?

E10: Não.

I: Não é, não tem que ver com isso.

E10: É, é uma pessoa... ele trabalhava no Stand Barata, não sei se conhece, Stand Barata.

I: Sim.

E10: Ele trabalhava no Stand Barata.

I: E o segundo marido era boa pessoa?

E10: Era, era boa pessoa

I: Portanto, não lhe deu aquele desgosto que o primeiro marido lhe dava por dar atenção a outras pessoas, o seu primeiro marido, não lhe deu esse desgosto?

E10: Sim. Tou cheia de calor.

I: Espere que eu vou ajudá-la aqui ... com o meu leque.

E10: Obrigada, eu tenho ali um leque.

I: Se pudesse aquilo que alterava na sua vida seria ter mais com quem conversar, seria?

E10: Era sim pois, não gosto de tar sozinha, mas o meu filho também não tem tempo pra mim.

I: O seu filho não tem tempo pra si?

E10: Pois não, ele trabalha muito, sai da câmara e vai pá oficina que ele tem e depois é que ...

(-----)

I: Então é... o seu filho trabalha muito e...

E10: Trabalha muito porque ele... ele é mecânico arranja os carros da Câmara e depois também arranja os dele quando sai tem sempre muito trabalho. Trabalha muito.

I: E tem pouco tempo para a mãe?

E10: Pra mim, tem pouco tempo pra mim. É assim a vida.

I: Os netos vão visitá-la, os netos que são do seu filho?

E10: Vão, mas eles também ... eles também trabalham, o meu neto anda a estudar pra engenheiro e tem também um trabalho, também trabalham.

(-----)

I: E então a Sra. em casa entretém-se sozinha, está a maior parte do tempo sozinha, não é? Por aquilo que eu percebo, ou não?

E10: É, maior parte tou sozinha.

I: E vê televisão?

E10: Vejo, é onde eu me distraio é a ver televisão.

I: É onde se distrai.

E10: É assim.

I: Os momentos em que está mais distraída é a ver televisão?

E10: É.

I: Sente-se mais acompanhada?

E10: Sim sim.

I: E o trabalho, a Sra. gostou do seu trabalho?

E10: Ah sim.

I: Apesar de me dizer que trabalhou muito...

E10: Muito muito, tinha muita gente.

I: Tinha?

E10: Trabalhava muito eu. Ah pois tinha que trabalhar pra criar os filhos, Tinha que trabalhar muito, trabalhei muito. Ah pece que não sei o que é que tem o ouvido, qualquer coisa no ouvido. Parece que tá tapado.

I: Mas o trabalho foi aqui, a Sra. desenvolveu aqui a sua atividade e aqui no centro de dia?

E10: E trabalhava em casa.

I: E em casa.

E10: As pessoas iam lá à minha casa.

I: Ah muito bem, então também era companhia.

E10: Pois tava acompanhada com elas, com as clientes.

I: Com as clientes, era divertido?

E10: Era. Eu gostava do que fazia, é assim a vida.

I: Também sente falta desse convívio?

E10: Pois, tenho que me habituar, que é que hei-de fazer tenho que me habituar. É assim.

I: E é assim dona ----- eu quero agradecer-lhe muito, muito o tempo que me disponibilizou a sua atenção.

E10: De nada, eu também tive prazer em conhecer a senhora.

I: Fico muito feliz, fico muito feliz, agradeço-lhe profundamente a sua generosidade e o seu tempo e a sua partilha e espero que tenha gostado um bocadinho desta conversa.

E10: Sim sim.

I: Sim?

E10: Gostei de conhecer a senhora.

I: Muito obrigada dona ----- pelo seu tempo e pela sua generosidade, mais uma vez.